

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS**

Luísa Arantes Bahia

Exportando literatura brasileira: *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* em língua inglesa

Juiz de Fora
2022

Luísa Arantes Bahia

Exportando literatura brasileira: *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* em língua inglesa

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carolina Alves Magaldi

Juiz de Fora
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Arantes Bahia, Luísa.

Exportando literatura brasileira : Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria em língua inglesa / Luísa Arantes Bahia. -- 2022.
117 p. : il.

Orientadora: Carolina Alves Magaldi
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2022.

1. Quarto de Despejo. 2. Casa de Alvenaria. 3. Tradução literária.
4. literatura brasileira. I. Alves Magaldi, Carolina, orient. II. Título.

Luísa Arantes Bahia

Exportando literatura brasileira:

"Quarto de despejo" e "Casa de alvenaria" em língua inglesa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 14 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela - Membro Interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Juliana Steil Tenfen - Membro Externo
Universidade Federal de Pelotas

Juiz de Fora, 13/04/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Alves Magaldi, Professor(a)**, em 13/04/2022, às 12:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Steil Tenfen, Usuário Externo**, em 14/04/2022, às 20:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adauto Lucio Caetano Villela, Professor(a)**, em 25/04/2022, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 0743428 e o código CRC B860DC33.

À minha mãe, exemplo de vida e de amor. Obrigada por todo o apoio e carinho, por acreditar em mim até mesmo nas vezes em que eu não acreditei. Te amo infinito.

Ao meu padrinho, Rubens, por estar presente nos momentos mais importantes da minha vida, por me apoiar em todas as minhas escolhas e ser meu pai de coração.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade e a Deus por toda proteção, que vocês possam continuar guiando o meu caminho.

Aos meus avós, Lecy (*in memorian*) e Carlos Rubens (*in memorian*), por todo o exemplo de amor e carinho. Sei que mesmo de “longe” estão vibrando com cada vitória. À minha vó Maria, por sempre celebrar comigo as minhas conquistas, por menores que sejam, e me ensinar a ser forte apesar de tudo.

À minha tia Flávia pela amizade e carinho de todos esses anos. Você é muito especial na minha vida. Ao meu afilhado, Thor: que alegria poder ter você na minha vida; que eu possa estar sempre aqui apoiando suas conquistas.

À minha família por ser minha base, por todo o apoio e carinho. Amo vocês mais que tudo. Em especial à minha tia Daisy (*in memorian*) pelo exemplo de mulher e guerreira: sei que você está olhando por nós.

À minha orientadora, Carolina Alves Magaldi, pelo suporte e apoio, por toda a paciência e incentivo durante esse difícil período de pandemia.

Aos professores do mestrado do PPG de Literatura da UFJF que muito contribuíram para o enriquecimento desse trabalho através de suas disciplinas.

Aos professores do bacharelado em Letras que me fizeram amar cada vez mais minha área e seguir trilhando esse caminho.

Aos meus amigos Alice, Danielle, Felipe, Igor, Ilson, João Filipe, Pedro e Thales por todos os momentos de alegria e companheirismo compartilhados. Por todas as chamadas de vídeo que fizeram esse ano difícil ser mais leve. Amo vocês.

À Larissa, melhor dupla de tradução, e à Fernanda, melhor dupla do inglês, pela amizade e companhia de vocês na nossa jornada na literatura. Obrigada por todo o apoio; não chegaria até aqui sem a ajuda de vocês.

Ao meu namorado, Wallef, por toda paciência, compreensão, carinho e amor. Obrigada por me ajudar, muitas vezes, a achar os textos que pareciam impossíveis de encontrar.

Ao Prof. Edmilson por me apresentar a grandiosidade que é Carolina de Jesus. Serei eternamente grata por você ter entrelaçado nossos caminhos.

Aos meus professores do Colégio Imaculada Conceição por todos os ensinamentos, em especial ao Prof. Arnaldo que me fez amar ainda mais a área de letras e à “tia” Cecília, que fez com que eu me apaixonasse pela língua inglesa.

A todos que me apoiaram nessa jornada e desejaram o meu sucesso. Serei eternamente grata por todo o carinho.

“Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida.”

— Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as escolhas tradutórias presentes na versão para o inglês das obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus. Como aporte teórico, utilizaremos a Teoria dos Polissistemas, proposta por Itamar Even-Zohar (2013[1979]); abordaremos as noções de tradução literária e tradução oblíqua propostas por Vinay e Darbelnet (1977), pioneiros na categorização dos procedimentos tradutórios; além das teorias de Schleiermacher (2007[1813]) e Venuti (2005[1998]) para discutir as posturas tradutórias de domesticação e estrangeirização. Discorreremos, ainda, sobre o conceito de Marcadores Culturais, que se fazem presentes e relevantes nos livros de Carolina de Jesus, por meio dos autores Aubert (2006), Hoebel & Frost (2006) e Bosi (1992). Outro aspecto relevante para a discussão dos processos tradutórios das duas obras são as marcas linguísticas com traços regionais e coloquiais. O uso de coloquialismos e expressões da periferia de São Paulo marcam o estilo da autora, o que causou polêmica no universo literário brasileiro diante do sucesso do livro no âmbito comercial e de crítica. Dessa forma, propõe-se contrastar as escolhas tradutórias de ambos os livros em língua inglesa, com relação aos títulos, à oralidade e ortografia, às questões linguísticas, aos pronomes, aos nomes próprios, às toponímias, às bebidas e comidas, às correspondências, aos personagens públicos, às notas de rodapé, às escolhas lexicais, à cultura negra, aos erros, aos acréscimos e às omissões. A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho baseia-se na metodologia qualitativa, aplicando a análise de conteúdo (CARLOMAGNO, M.; ROCHA, L. C., 2016). Observamos que os tradutores têm perfis e projetos tradutórios muito distintos, apesar de, por vezes, apresentarem escolhas semelhantes. As suas tomadas de decisão impactam a forma como aspectos relevantes da cultura brasileira são representados para o público leitor em língua inglesa, levando à perda de características relevantes e contribuindo para a criação de uma visão estereotipada dessa sociedade.

Palavras-chave: *Quarto de despejo*; *Casa de Alvenaria*; Tradução literária; Literatura brasileira.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the translation choices present in the English version of the works *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* and *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, by Carolina Maria de Jesus. As theoretical basis we will use the Theory of Polysystems, proposed by Itamar Even-Zohar (2013[1979]); we will approach the notions of literary translation and oblique translation proposed by Vinay and Darbelnet (1977), pioneers in the categorization of translation procedures; in addition to the theories of Schleiermacher (2007[1813]) and Venuti (2005[1998]) to discuss the translational postures of domestication and foreignization. We will also discuss the concept of Cultural Markers, which are present and relevant in Carolina de Jesus' books, through the authors Aubert (2006), Hoebel & Frost (2006) and Bosi (1992). Another relevant aspect for the discussion of translation processes is the presence of linguistic marks in the works, with regional and colloquial traits. The use of colloquialisms and expressions from the periphery of São Paulo mark the author's style, which caused controversy in the Brazilian literary universe in view of the book's success in the commercial and critical spheres. Therefore, it is proposed to contrast the translation choices of both books in English in relation to titles, orality and orthography, linguistic issues, pronouns, proper names, toponymies, drinks and foods, correspondences, public figures, footnotes, lexical choices, black culture, errors, additions, and omissions. In order to fulfill the proposed objectives, this work is based on qualitative methodology, applying content analysis (CARLOMAGNO, M.; ROCHA, L. C., 2016). We observed that the translators have very different profiles and translation projects, despite sometimes presenting similar choices. Their decision-making impacts the way in which relevant aspects of Brazilian culture are represented to the reading public in English, leading to the loss of relevant characteristics and contributing to the creation of a stereotyped view of the aforementioned society.

Keywords: *Quarto de Despejo*; *Casa de Alvenaria*; Literary translation; Brazilian literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. CAPÍTULO 1: CAROLINA MARIA DE JESUS EM DUAS OBRAS E DUAS LÍNGUAS.....	19
2.1. VIDA E OBRA	19
2.2. O QUARTO DE DESPEJO	26
2.3. CASA DE ALVENARIA	30
2.4. SUA OBRA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA	33
3. CAPÍTULO 2: ESTUDOS DA TRADUÇÃO	52
3.1. POLISSISTEMAS.....	52
3.2. TRADUÇÃO LITERÁRIA.....	55
3.3. CULTURA E TRADUÇÃO LITERÁRIA	59
4. CAPÍTULO 3: REFLEXÕES COMPARADAS DAS TRADUÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS	65
4.1. METODOLOGIA.....	65
4.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	66
4.3. REFLEXÕES COMPARADAS	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS.....	114

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: lista dos livros mais vendidos da Folha de S.Paulo	27
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Uso do título na obra <i>Quarto de Despejo</i>	67
Quadro 2: Uso de "Quarto de Despejo" em <i>Casa de Alvenaria</i>	68
Quadro 3: Exemplo de oralidade e grafia não padronizada na obra <i>Quarto de Despejo</i>	69
Quadro 4: Exemplo de desvio de ortografia e da norma culta na obra <i>Casa de Alvenaria</i>	69
Quadro 5: Notas linguísticas explicativas em <i>Casa de Alvenaria</i>	71
Quadro 6: Uso de "seu/sua", "senhor/senhora" e "dona" na obra <i>Quarto de Despejo</i>	72
Quadro 7: Uso de "seu/sua", "senhor/senhora" e "dona" na obra <i>Casa de Alvenaria</i>	73
Quadro 8: Nota de tradução presente em <i>Casa de Alvenaria</i>	75
Quadro 9: Nomes próprios presentes na obra <i>Quarto de Despejo</i>	75
Quadro 10: Erro com relação aos nomes próprios em <i>Quarto de Despejo</i>	76
Quadro 11: Nomes próprios presentes na obra <i>Casa de Alvenaria</i>	77
Quadro 12: Toponímias presentes na obra <i>Quarto de Despejo</i> e seus correspondentes no inglês.....	77
Quadro 13: Toponímias e obras literárias presentes na obra <i>Casa de Alvenaria</i> e seus correspondentes no inglês	78
Quadro 14: Nota de rodapé explicando a origem dos personagens em <i>Quarto de Despejo</i>	79
Quadro 15: Diferença entre nortista e nordestino em <i>Quarto de Despejo</i>	79
Quadro 16: Uso de adjetivos referentes aos estados/cidades brasileiros(as) em <i>Casa de Alvenaria</i>	80
Quadro 17: Uso do adjetivo "baiano" em <i>Quarto de Despejo</i>	81
Quadro 18: Uso do adjetivo "baiano" em <i>Casa de Alvenaria</i>	81
Quadro 19: Bebidas brasileiras explicitadas na nota de rodapé em <i>Quarto de Despejo</i>	82
Quadro 20: Explicações dadas pelo tradutor em <i>Quarto de Despejo</i>	82
Quadro 21: Falta de padronização do nome das bebidas em <i>Quarto de Despejo</i>	83
Quadro 22: Bebidas brasileiras em <i>Casa de Alvenaria</i>	83
Quadro 23: Nota de rodapé sobre "pinga" em <i>Casa de Alvenaria</i>	84
Quadro 24: Falta de padronização e nomes de comidas em <i>Quarto de Despejo</i>	84
Quadro 25: Comidas brasileiras em <i>Casa de Alvenaria</i>	85
Quadro 26: Buscas de correspondência em <i>Quarto de Despejo</i>	86
Quadro 27: Buscas de correspondência em <i>Casa de Alvenaria</i>	87
Quadro 28: Notas de rodapé sobre pessoas públicas citadas no livro <i>Quarto de Despejo</i>	88
Quadro 29: Pessoas públicas citadas no livro <i>Casa de Alvenaria</i>	89
Quadro 30: Notas de rodapé sobre pessoas públicas citadas no livro <i>Casa de Alvenaria</i>	90
Quadro 31: Falta de padronização nos vocábulos "favelado(s)", "Slum dwellers" e "favela dwellers" em <i>Casa de Alvenaria</i>	91
Quadro 32: Falta de padronização do verbo "reinar" em <i>Casa de Alvenaria</i>	93
Quadro 33: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor em <i>Quarto de Despejo</i>	93

Quadro 34: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor em <i>Casa de Alvenaria</i>	94
Quadro 35: Uso de termos contemporâneos na tradução de <i>Quarto de Despejo</i>	94
Quadro 36: Uso de termos contemporâneos na tradução de <i>Casa de Alvenaria</i>	95
Quadro 37: Tradução literal em <i>Quarto de Despejo</i>	96
Quadro 38: Tradução literal em <i>Casa de Alvenaria</i>	96
Quadro 39: Uso da palavra “mulato” em <i>Quarto de Despejo</i>	97
Quadro 40: Uso da palavra “mulato” em <i>Casa de Alvenaria</i>	97
Quadro 41: Nota sobre a palavra "moreno" em <i>Casa de Alvenaria</i>	98
Quadro 42: Uso de expressão racial com palavra negativa em <i>Quarto de Despejo</i> ..	99
Quadro 43: Uso de expressão racial com palavra negativa em <i>Casa de Alvenaria</i> ..	99
Quadro 44: Aumento do grau de agressividade na tradução de <i>Quarto de Despejo</i> ..	99
Quadro 45: Tradução de “ordinária” para “common” em <i>Quarto de Despejo</i>	100
Quadro 46: Uso de "ordinário" em <i>Casa de Alvenaria</i>	101
Quadro 47: Erros em <i>Quarto de Despejo</i>	101
Quadro 48: Erros em <i>Casa de Alvenaria</i>	105
Quadro 49: Acréscimos sem motivação aparente em <i>Quarto de Despejo</i>	107
Quadro 50: Omissões em <i>Quarto de Despejo</i>	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Traduções de <i>Quarto de Despejo - diário de uma favelada</i>	33
Tabela 2: Traduções de <i>Casa de Alvenaria - diário de uma ex-favelada</i>	42

1. INTRODUÇÃO

Quarto de Despejo: diário de uma favelada é a obra mais conhecida da escritora Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 — São Paulo, 13 de fevereiro de 1977). O livro, publicado em 1960, era uma compilação dos diários da escritora na época em que vivia na favela do Canindé, em São Paulo (capital), e conta os desafios e dificuldades enfrentadas por Carolina e seus filhos. A obra teve grande sucesso, alcançando 10 mil exemplares vendidos só na primeira semana. O livro provocou uma divisão de opiniões no público, tal como constatou Tom Farias (2017), biógrafo de Carolina. Muitas críticas foram feitas por ela ser negra e favelada, e não necessariamente pela temática ou escrita da obra. Devido ao grande sucesso nacional, apenas um ano após sua publicação, o livro logo começou a ser traduzido para outros países e, atualmente, encontra-se vertido para 16 línguas em 40 países.

No cenário estadunidense, a obra foi traduzida por Gayle Lee St. Clair (1932-1991). Conhecido como David St. Clair, nasceu em Ohio, Estados Unidos. Era conferencista, jornalista, romancista e místico. Morou por um tempo no Rio de Janeiro e seu círculo de amigos e colegas era grande e variado, incluindo pessoas como o presidente João Goulart, sua esposa Maria Teresa e o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim.

Outra obra relevante da escritora Carolina Maria de Jesus é *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada*, em que autora conta sua vida após o lançamento de *Quarto de Despejo*. Ela relata como sua vida mudou devido à fama que conseguiu; as aparições nos programas de rádio e TV; e os preconceitos sofridos por estar em um ambiente completamente diferente da favela. A obra não teve grande sucesso no Brasil e vendeu bem menos do que *Quarto de Despejo*, mas ainda assim foi traduzida para o inglês, espanhol, alemão e francês.

A tradução de *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada* para a língua inglesa foi feita por dois tradutores e não teve a participação direta de St. Clair, recebendo o título *I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Robert M. Levine (1941 - 2003) e Melvin S. Arrington Jr. tinham experiência com a cultura brasileira e com a autora e, por meio de um projeto de pesquisa, resolveram traduzir sua segunda obra em 1997.

No cenário brasileiro, os livros já foram amplamente estudados no viés da língua portuguesa, mas pouco trabalhados na questão da tradução para língua

inglesa. Em sua maioria, os trabalhos analisam questões feministas, geográficas, históricas ou relacionadas à língua e cultura do livro original. Entretanto, vale ressaltar a dissertação *Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus* escrita por Patrícia Capelett. O trabalho analisa a tradução de marcadores culturais presentes nas duas obras da escritora Carolina Maria de Jesus: *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, nos aspectos referentes à tendência de explicitação e simplificação com base nos estudos da Tradução Baseados em Corpus, através do programa *WordSmith Tools*.

Apesar de também analisarmos o uso de marcadores culturais, nossa pesquisa é feita a partir da análise de conteúdo, trabalhando as consequências da representação da literatura brasileira em polissistema estrangeiro.

Visto que é um tema pouco trabalhado, optamos por abordar a temática da tradução de *Quarto de Despejo* no trabalho de conclusão de curso do Bacharelado da Faculdade de Letras – UFJF, com o título *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo* e, no presente trabalho, buscamos ampliar essa discussão comparativamente com *Casa de Alvenaria* e os respectivos tradutores.

Ambos os livros de Carolina de Jesus apresentam um grande material cultural sobre nosso país, principalmente sobre a vida na favela. Nesse sentido, este trabalho procura conduzir uma análise comparativa das traduções para a compreensão do impacto cultural no polissistema de chegada.

Observaremos, também, quais foram as escolhas feitas pelos tradutores, em que ponto elas se encontram e em que ponto se diferem. O presente trabalho busca ser uma contribuição para os Estudos da Tradução ao mostrar como a tradução pode ter um papel central na formação da identidade cultural de um país e como diferentes posturas tradutórias podem modificar a imagem do texto original que chega até o leitor estrangeiro. Por meio deste trabalho, propomos, também, demonstrar a relevância da formação acadêmica do tradutor e a elaboração de um projeto de tradução.

A fim de cumprir os objetos propostos, no segundo capítulo, apresentamos uma breve biografia da autora, Carolina Maria de Jesus, já que os dados biográficos encontrados sobre ela em fontes *online* são conflitantes; caracterizamos ambas as obras aqui analisadas e sua recepção pelo público em cada época. Além disso, discutimos sobre a obra da autora em outros idiomas, focando nas duas traduções para a língua inglesa e seus respectivos tradutores.

No terceiro capítulo, desenvolvemos o aporte teórico baseado nas teorias dos Estudos da Tradução. Para isso, discutiremos a Teoria dos Polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar, as noções de tradução literária explicadas por Vinay e Darbelnet e ampliadas por Barbosa (1990) e, por fim, a teoria de Schleiermacher (2007[1813]), mais tarde reorganizada por Venuti (2005[1998]), sobre domesticação e estrangeirização.

No quarto capítulo, realizamos uma análise comparativa das obras originais em língua portuguesa e de suas respectivas traduções seguindo a proposta deste trabalho. Analisamos questões referentes ao título da primeira obra publicada, à oralidade e ortografia, às questões linguísticas, aos pronomes, aos nomes próprios, às toponímias, às bebidas e comidas, às correspondências, aos personagens públicos, às notas de rodapé, às escolhas lexicais, à cultura negra, aos erros, aos acréscimos e às omissões. Discutiremos, também, a relação entre os aportes teóricos aqui descritos e os excertos representativos da análise total. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

2. CAPÍTULO 1: CAROLINA MARIA DE JESUS EM DUAS OBRAS E DUAS LÍNGUAS

2.1. VIDA E OBRA

Em 14 de março de 1914 nasceu, na pequena cidade de Sacramento (Minas Gerais), Carolina Maria de Jesus. Sua cidade era marcada pelo histórico escravocrata brasileiro e surgiu com a exploração do garimpo de ouro. Carolina, também conhecida como Bitita, era filha de João Cândido e de Dona Maria Carolina de Jesus, conhecida como Cota. Ela não chegou a conhecer o pai, que tinha fama de “poeta boêmio” e “encantador de mulheres”. Carolina também pode ser considerada uma escritora de raízes africanas, já que seu avô por parte de mãe era originário da província de Cabinda, em Angola, e veio para o Brasil durante o tráfico de escravos.

Segundo Tom Farias, biógrafo da autora:

Carolina nasceu em um contexto especial para o mundo. Em 1914, ano de seu nascimento, eclode a primeira guerra mundial na Europa, e com ela, as estruturas econômicas de diversos países acabaram ficando bastante afetadas, causando uma onda de depressão em todo planeta até o seu fim, quatro anos depois. (FARIAS, 2017, p.32-33)

Carolina era descrita pelos familiares como uma criança muito curiosa e bagunceira. Por intermédio dos patrões de Dona Carolina, a filha conseguiu se matricular no Colégio Allan Kardec, o melhor da região. Em um ambiente de salas mistas, negros e brancos, pobres e ricos, Carolina sofreu muito preconceito. Além disso, teve muita dificuldade para aprender a ler e demorou a se encaixar na escola, que utilizava métodos disciplinares como a palmatória. Depois de algum tempo, ela tornou-se uma aluna aplicada e disciplinada, se apaixonou pelos estudos e pelos livros. Entretanto, em sua casa, não havia nenhum livro, sua mãe não sabia ler e a família não tinha interesse ou tempo para esse lazer. Carolina, então, conseguiu emprestado com a vizinha uma edição de “A escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães.

Em 1923, aos nove anos de idade, dois anos após a entrada de Carolina para o colégio, sua mãe teve que se mudar de Sacramento para aceitar um trabalho e ela teve que abandonar a escola.

Carolina, sua mãe e seu padrasto, um senhor que Dona Carolina conheceu em Sacramento, foram morar como colonos em uma fazenda em Uberaba. Por algum tempo, ela e sua família viveram bem na roça, mas, em certo momento, o dono da fazenda resolveu mandar todos embora sem pagar nada. Carolina e a família voltam

então para Sacramento, onde arrumavam trabalhos temporários como serviços domésticos, de colheita e plantação, até como lavadeiras, e, por isso, passaram grande dificuldade financeira.

Carolina se muda para a cidade de Uberaba em busca de tratamento para umas feridas que tinha nas pernas, mas, por volta de 1929, com cerca de 16 anos de idade, volta para Sacramento. Nesse período, a economia brasileira e mundial passava por um momento complicado com a Grande Depressão e a queda da Bolsa de Valores de Nova York, que causou a crise do café, prejudicando vários fazendeiros e gerando altas taxas de desemprego na população em geral.

Durante os anos que se seguiram, Carolina passou por várias cidades tanto para buscar tratamento para as feridas quanto para procurar emprego. Além de Uberaba, esteve em Ribeirão Preto, Jardinópolis, Sales de Oliveira e Orlândia, até voltar novamente para Sacramento.

Carolina nunca deixou de ler e, por isso, era alvo de implicância dos moradores da cidade. O autor de sua biografia, Tom Farias, comenta que, certa vez, quando estava à porta de casa, um menino pediu para ver qual livro ela estava lendo. Era o “Dicionário Prosódico do Brazil e Portugal”, mas como o menino não sabia ler e o livro era grosso e pesado, ele contou para a cidade que Carolina estava lendo o livro de “São Cipriano” (conhecido por feitiçaria). Ela, então, foi acusada e presa junto com sua mãe, que tentou defendê-la das acusações inventadas de feitiçaria e de maldizer a polícia. As duas tiveram que trabalhar na cadeia e foram submetidas a condições desumanas, ficaram sem comer por aproximadamente quatro dias e sofreram abusos físicos que resultaram em uma fratura no braço de Dona Carolina.

Depois de alguns dias, um primo pagou a fiança exigida e, assim, mãe e filha decidiram deixar Sacramento para sempre. Foram para a cidade de Franca, próximo a São Paulo, e moraram de favor em um Circo. As duas sempre à procura de um trabalho, mas Carolina nunca tinha sorte nos empregos. Segundo ela, ficava escrevendo e esquecia da vida, deixava o feijão queimar e as patroas não tinham paciência com ela.

A falta de comida e moradia fez com que a mãe de Carolina resolvesse voltar para Sacramento. Logo em seguida, a filha conseguiu um emprego para trabalhar na casa de um casal em São Paulo. A cidade era um sonho para Carolina, ela acreditava que lá conseguiria se estabelecer e ter uma condição de vida melhor. Quando chegou na capital, Carolina sentiu falta da família e estranhou a cidade grande:

Nunca havia visto tantas pessoas reunidas. Pensei: “será que hoje é dia de festa?” Fiquei preocupada com o corre-corre dos paulistanos. Olhares ansiosos, inquietos a espera das conduções. Uns empurrando os outros e ninguém reclamava, aquilo era normal? (JESUS, 2014, p.214)

Carolina chegou a São Paulo em 1937, quando estava com 22 anos. Ficou pouquíssimo tempo trabalhando com o casal que a levou para a cidade, pois queria viver de poesia — queria ser poetisa. Assim como antes, ela passou por vários empregos e dificilmente conseguia se estabelecer em um específico. Com a desilusão sobre a capital paulista, Carolina decide, por volta de 1940, ir para o Rio de Janeiro, onde ficou até meados de 1942. Na cidade, ela trabalhou em casas de família como cozinheira. Sobre isso ela comenta:

Para viver honestamente tive que me empregar. Não sei se lhe disse que sou boa cozinheira? Pois é. Fui para uma cozinha aqui no Rio; quis ver se fazia bons quitutes, assim como faço bons versos, mas nesta profissão a inspiração falhou miseravelmente! [...] entre o fogão e as panelas, só o diabo da poesia me tentava... Certo dia enquanto escrevia uma poesia, a panela do feijão queimou e a patroa me mandou embora... (JESUS, “Poesia, Fogões e Panelas...” A Noite, Rio de Janeiro, 9 jan. de 1942)

Carolina ia sempre às redações dos jornais para tentar publicar algum de seus poemas. Ela consegue, então, um encontro com o jornalista William Aureli (1898-1968) do jornal *Folha da Manhã*, pertencente ao grupo Folha de S.Paulo, que publicou uma matéria sobre Carolina tratando-a de “caso exótico” e chamando-a de “poetisa preta”.¹

Em 1942, Carolina retorna a São Paulo e continua indo às redações dos jornais. Conseguiu publicações na *Época*, *O Dia* e *O Defensor*. Desse último, Carolina se torna colaboradora, escrevendo textos em homenagem a Getúlio Vargas, a quem o jornal apoiava. Durante esse período ela ficou conhecida como “poetisa negra” e conseguiu publicar poemas, quadrinhas e textos exaltando o candidato, mas também sobre assuntos diversos.

Depois de algum tempo, Carolina decide sair do jornal, pois seu primeiro filho, João José, iria nascer. No início dos anos 40, São Paulo enfrentou um crescimento populacional enorme que causou um déficit de moradia, o que acabou elevando o custo dos aluguéis. Além disso, o Brasil estava apoiando os aliados na guerra, o que

¹ FARIAS, T. Carolina uma biografia. Rio de Janeiro: malê, 2017.

gerou um aumento no custo de vida e nos gêneros alimentícios juntamente com o alto índice de desemprego. Nessa situação, Carolina passou por extremas dificuldades. Quando engravidou de uma menina, cujo pai desapareceu quando descobriu da gravidez, ela nasceu morta.

Devido a esse cenário, em São Paulo, começaram a surgir os albergues noturnos e os cortiços, casas cujos cômodos eram alugados, servindo cada um deles como habitação precária para uma família. Entretanto, no final de 1948, o proprietário do cortiço em que Carolina vivia acionou as autoridades e pediu a retomada do imóvel. Todos que habitavam esse espaço foram obrigados a se retirar e, por isso, procuraram o político Dr. Adhemar de Barros (1901-1969), conhecido por ajudar os menos favorecidos. Depois de Barros discutir o assunto com o prefeito, ele conseguiu o terreno às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, para essas pessoas morarem.

Os terrenos cedidos pela prefeitura eram extremamente pequenos para abrigar uma família inteira, tinham seis metros de frente e doze de fundos. Além disso, não havia água nem esgoto encanados e eles não receberam nenhuma ajuda financeira ou material para a construção dos chamados barracos.

Carolina ainda estava grávida de João José quando começou a construir sua moradia sozinha. Contou com o apoio de uma igreja, onde pegava restos de tábuas para a construção. Ao chegar do trabalho, ela ia à igreja de bonde e voltava a pé, andando por 10 quilômetros e levando as tábuas na cabeça.

Todas as noites eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tabuas na cabeça. Três dias eu carreguei tabuas dando duas viagens. Deitava às duas horas da manhã. [...] Eu mesma fiz o meu barracãozinho. 1 metro e meio por um metro e meio. (JESUS *apud* FARIAS, 2017, p.155-156)

Nesse novo cenário, Carolina trabalhava como catadora de papel, ferro e outros materiais para que, com o dinheiro, pudesse sustentar a si mesma e a seus filhos. Mãe solteira, provedora da família e escritora nas poucas horas vagas, ela ainda relata nos seus diários que todos os dias precisava buscar água em um poço, já que não havia água encanada.

Ela tinha muita dificuldade em trabalhar com filho pequeno, então, às vezes, Carolina o deixava sozinho em casa ou, quando tinha dinheiro, pagava alguma vizinha para tomar conta. Passado algum tempo, ela consegue um emprego em uma rádio, mas foi demitida oito dias depois, porque estava grávida do seu segundo filho: José

Carlos. O menino era filho de um namorado de nacionalidade espanhola, que visitou a criança apenas uma vez depois do nascimento.

Em julho de 1953, nasceu sua terceira filha, Vera Eunice. O pai da criança, outro espanhol, disse para Carolina não o procurar. Pouquíssimo tempo depois de dar à luz, ela já teve que voltar a trabalhar, pois não tinham o que comer. Nas horas vagas, ela mantinha uma espécie de diário a partir dos cadernos que encontrava no lixo em que ela contava seu dia a dia na favela.

Em 1958, a prefeitura de São Paulo organizou a instalação de balanças na favela para as crianças. Audálio Dantas foi o repórter designado para fazer uma matéria a partir de uma denúncia de mau uso dos aparelhos. Nessa ocasião, ele conhece Carolina de Jesus. Conta Audálio Dantas:

Carolina estava perto da balança dos meninos que os grandes tomaram. E, protestava, aonde já se viu uma coisa dessas, uns homens grandes tomando brinquedo de criança! Carolina, negra alta, voz forte, protestava. Os homens continuavam no bem-bom do balanço e ela advertia: Deixa estar que eu vou botar vocês todos no meu livro! (DANTAS *apud* FARIAS, 2017, p. 187)

Dantas a questiona sobre o livro e, assim, conhece os 35 cadernos de Carolina. Vendo o material que tem em mãos, ele escreve uma reportagem no jornal *Folha da Noite* sobre “O drama da favela escrito por uma favelada”, iniciando um projeto de projeção de Carolina que culminaria com o lançamento do livro *Quarto de Despejo*. A matéria foi um sucesso e, tempos depois, Audálio Dantas escreve uma matéria na revista *O Cruzeiro* contando sobre as origens de Carolina, do livro que seria lançado e apresentando trechos do diário.

Várias matérias de jornais, bem como a imprensa, retrataram o dia da assinatura do contrato para a obra na livraria Francisco Alves. Depois desse dia, Carlina participou de várias reportagens e entrevistas na televisão, além de ser convidada para diversas solenidades. Também recebeu a visita de jornalistas de outros países, uma delas inclusive comentando que leu um artigo sobre ela em alemão, tudo isso antes mesmo do lançamento do livro.

Nesse período, Carolina contou que, com o adiantamento que recebeu pelo livro, ela e os filhos não precisavam mais se preocupar com comida, puderam comprar roupas, alimentos e principalmente carne.

Após o lançamento do livro, sua vida mudou drasticamente. Quando ela precisava sair e os filhos ficavam sozinhos, sofriam maus-tratos dos vizinhos. Muitos

moradores da favela achavam que Carolina estava rica ou que ficou rica às custas deles. Além disso, o livro provocava diversas discussões tanto a favor quanto contra, o que levou várias pessoas a sua porta: repórteres, curiosos, pedintes.

Ela consegue, então, um quarto oferecido por Antônio Soeiro, que se aproximou dela durante o lançamento de *Quarto de Despejo*. A habitação era em Osasco, tinha água encana e luz elétrica. No dia da mudança, toda a imprensa estava presente. Durante a saída, alguns moradores atiraram pedras, que acertaram os filhos da escritora.

Carolina estava muito satisfeita com o novo local, porém logo passou a ter problemas com os vizinhos, principalmente por conta dos filhos, que constantemente reclamavam de brigas e agressão física. As outras famílias não deixavam as crianças brincarem com eles, pois não queriam que se misturassem com “gente favelada”.

Com as viagens ocasionadas pelo sucesso da obra, os gastos pessoais eram grandes. Carolina queria ajudar todo mundo e tinha pouco controle sobre seu dinheiro, algo que era muito criticado por Dantas, que pedia a ela mais cometimento.

Depois de um tempo, ela consegue juntar o dinheiro para, enfim, comprar sua casa própria. Audálio Dantas a ajudou procurando um imóvel no bairro de Santana. Com a imprensa sempre a seguindo, logo o endereço foi divulgado, fato que levou diversas pessoas a baterem em sua porta. Pedidos de ajuda, oportunidades de negócio, investimento, cada um chegava contando uma história diferente.

Em 1961, é lançado seu segundo livro *Casa de Alvenaria – Diário de uma ex-favelada*, porém a obra não teve o mesmo sucesso. Ainda com os convites advindos do primeiro livro, Carolina recebeu um diploma de membro honorário na academia de letras da faculdade de direito, homenagem que seria de Jean Paul Sartre (FARIAS, 2017, p. 303). Na votação de “Homem do Ano”, promovida pelo jornal *Última Hora*, de São Paulo, Carolina foi nomeada e chegou a empatar com o então prefeito de São Paulo no número de votos e desbancar outras personalidades que estavam concorrendo. Entretanto, o vencedor foi José Bonifácio.

Algum tempo depois, Carolina decide pagar o lançamento de um *Long play* intitulado *Quarto de Despejo*, arranjado musicalmente pelo conjunto *Titulares do Ritmo*. O disco era composto por 11 faixas de canções compostas por ela.

Em uma coluna da revista *Mundo Ilustrado*, um crítico, que assinava anonimamente, teceu comentários severos sobre ela e sobre o disco:

E a voz é de uma taquara rachada apregoando guloseimas na camelotagem das ruas [para logo a seguir dizer]. Vamos respeitar essa mulher e dizer-lhe a realidade de um mundo que positivamente não é o seu, por mais que o tentem em contrário os industriais de suas limitações (FARIAS, 2017, p. 317).

Em 1962, Carolina passa a ir com mais frequência para o sítio que comprou em Palheiros, a 40 quilômetros de São Paulo, o que contribuiu para o início do esquecimento da autora nos grandes centros:

[...] Mal acostumada a receber, onde quer que chegasse, o carinho das pessoas, conhecidas ou não, sobretudo nas ruas, Carolina foi percebendo, que todo aquele afã havia diminuído bastante. Ainda era reconhecida, mas pouco. A imprensa já não dava mais grande importância para os fatos relacionados à sua vida, a menos que fosse algo surpreendente pela sua natureza, algo que produzisse alguma sensação, que chocasse a opinião pública (FARIAS, 2017, p. 320).

Nesse novo local, Carolina cultivava uma plantação e criava animais. Ela via o sítio como algo que pudesse amenizar os custos de vida no futuro próximo. Foi nesse novo contexto que a autora começou a apresentar graves problemas nos rins e sentia muitas dores, gastando ainda mais dinheiro com médicos e remédios. Nesse mesmo período, Eva Vastari, jornalista irlandesa e tradutora de *Quarto de Despejo*, passou um tempo morando com ela.

Em 1963, Carolina resolveu publicar seu romance *Felizarda*, que na verdade foi lançado como *Pedaços da Fome*. Entretanto, novamente o livro teve pouco apoio da editora, *Aquila Ltda*, e não teve sucesso. Escreve também *Reminiscências*², que se tornaria o *Diário de Bitita*, lançado primeiro na França após sua morte. Ao final de 1962, Carolina conta que não tinha mais como comprar pão para os filhos e voltou a catar ferros. Voltar a essa vida não foi fácil, como relata seu biógrafo: “Nessas ocasiões tentava se camuflar, pois os demais catadores enxotavam ela, dizendo que ela não precisa, batendo na mesma tecla que estava rica” (FARIAS, 2017, p. 340).

Carolina decide, então, alugar a casa de Santana e se mudar de vez para Palheiros. A situação não foi fácil, ela pensava várias vezes em suicídio, como conta a filha, Vera Eunice.

² Na obra de Elzira Divina Perpétua, *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*, a obra aparece com o nome de *Um Brasil para Brasileiros*. Segundo a autora, o texto “Minha Vida”, que podemos encontrar no livro *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*, é um texto original de Carolina Maria de Jesus, que teve uma versão posterior intitulada “Brasil para os brasileiros”, publicado na França e depois integrou a versão do *Diário de Bitita*.

Algum tempo depois, recebeu a visita de duas jornalistas, uma francesa e outra brasileira, que queriam ouvir sua história para publicar um livro sobre mulheres brasileiras. Carolina entrega a elas dois cadernos de anotações que seriam transformados no *Diário de Bitita*, publicado na França em 1982 como *Journal de Bitita*.

As reclamações de dores e falta de ar eram frequentes, em um certo período a autora inclusive se mudou para a casa de José Carlos, agora casado, para tentar melhorar. Em 1977, Carolina morreu devido a uma crise de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica com 62 anos de idade. Nenhuma autoridade foi ao velório, apenas um representante da livraria Francisco Alves e Audálio Dantas.

2.2. O QUARTO DE DESPEJO

Em 1958, como já mencionado, Audálio Dantas já tinha acesso aos 35 cadernos de Carolina de Jesus e começou o processo de transcrever³ as partes selecionadas para transformá-las no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. O jornalista encontrou muita relutância por parte das editoras para a publicação, até mesmo da *O Cruzeiro*, que publicou a reportagem de Carolina, obtendo muito sucesso. Algum tempo depois, Dantas conseguiu um acordo com um editor da Livraria Francisco Alves.

No ano de 1960, Carolina consegue então publicar o seu tão esperado livro. No dia do grande lançamento a livraria estava lotada, tanto que a sessão de autógrafos teve que começar mais cedo. Compareceram ao evento ex-patrões de Carolina, escritores e diversas celebridades, inclusive Edson Arantes, mais conhecido como Pelé. No primeiro dia de autógrafos, Carolina vendeu quase 800 exemplares. Uma semana após o lançamento ela já havia vendido 10 mil livros.

Em agosto do mesmo ano, o jornal *Folha de S.Paulo* trazia publicado o *ranking* dos livros mais vendidos no momento. Em primeiro lugar, se encontrava o livro de Carolina de Jesus.

³ Para saber mais sobre o processo de editoração ver PERPÉTUA, Elzira Divina. Os Manuscritos. *In: A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. cap. 3, p. 141-215.

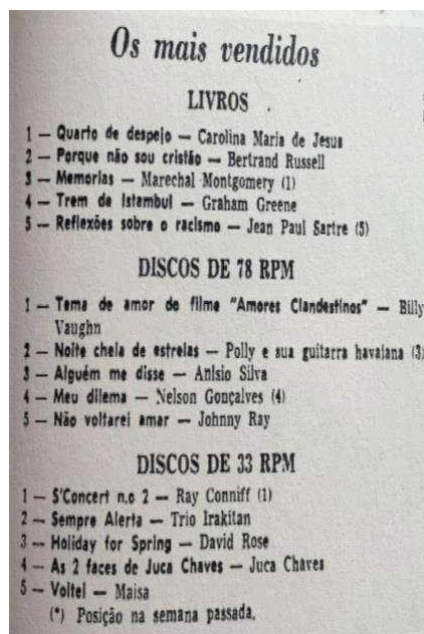


Figura 1: lista dos livros mais vendidos da Folha de S.Paulo

Fonte: Folha de S.Paulo, 21 de agosto de 1960 *apud* Farias 2017, p.225.

A livraria não dava conta de todos os pedidos vindos de todos os lugares do Brasil. Os 10 mil exemplares, como mencionado, foram vendidos em uma semana. No mesmo ano, já iniciaram a segunda tiragem para atender pedidos de outros estados.

A autora foi convidada para receber condecorações, participar de coroações de misses e rainhas, jantares, homenagens, além do recebimento do título de “cidadã paulistana”. Nesse momento, já havia um interesse por parte das editoras estrangeiras em traduzir o livro. De acordo com o *Jornal do Brasil*, de 28 de setembro, *Quarto de Despejo* já entrava em sua terceira edição, com 50 mil exemplares, chegando a ser comparado com *Lolita*, de Vladimir Nabokov, que vendeu 80 mil exemplares em um mês nos Estados Unidos.

Com a grande repercussão da obra na mídia, diversos comentários foram feitos, alguns apoiando e elogiando, outros criticando e desvalorizando o trabalho. Muitas das críticas foram dirigidas à própria Carolina por ser negra e favelada e não necessariamente relacionadas à obra. Por exemplo, o comentário escrito por Casmurro Assis (pseudônimo) em *A Voz de São Paulo*⁴:

⁴ A voz de São Paulo, 20 ago. 1960 *apud* FARIAS, 2017, p.230-231

O perigo é que Carolina Maria de Jesus queira se tornar uma escritora. Que aconteça com ela o que está acontecendo com esses negros que Marcel Camus recolheu nos morros e colocou no “Orfeu do carnaval” e que andam por aí agora com banca de artista.

O mesmo acontece com o comentário de Sebastião Pagano, em *Correio Paulistano*⁵, que também não entendeu a importância dos temas tratados em *Quarto de Despejo*, tanto como relato de uma situação vivida por muitas pessoas naquela época quanto como obra literária:

É vergonhoso que, numa cidade que se supõe culta, como é São Paulo, isso aconteça em primeiro lugar, porque, quem escreveu livro apenas visou uma vingança contra a sociedade; segundo, porque o livro não vale mesmo nada, nem mesmo como pesquisa social e, nada literalmente falando.

Tais comentários perduraram durante toda a vida de Carolina. Inclusive, anos depois, em 1993, por ocasião do lançamento da edição de bolso da obra, o crítico literário Wilson Martins, além de criticar o livro, colocou em questão a autenticidade da obra, atribuindo a autoria a Audálio Dantas.

Dentre os apoiadores, temos Helena Silveira, em comentário à *Folha de S.Paulo*, que criticou o fato dos escritores “boicotarem” Carolina, dizendo que há um “preconceito de que por ser favelada não pode ser escritora”⁶.

Outra menção foi de Manuel Bandeira, no *Jornal do Brasil*, quando comentou que Carolina tinha “bastante talento literário para não fazer literatura, para dizer as coisas pão-pão, queijo-queijo, para não ser senão a copista da humilde verdade”⁷.

Mesmo com as críticas, seu sucesso continuava. As tiragens passavam de 5 mil para 10 mil exemplares e assim por diante. Carolina recebeu duas composições em sua homenagem: um soneto sem assinatura e um samba-canção assinado pelo músico Benedito Lobo e gravado pela cantora por Ruth Amaral.

Quarto de Despejo
Nas folhas brancas que do lixo recolhia
Ela escrevia o drama de sua gente
Sua própria história de tristeza
E a pobreza de todo aquele ambiente
Deus satisfaz o seu desejo
Do teu “Quarto de despejo”

⁵ *Correio Paulistano*, 21 set. 1960 apud FARIAS, 2017, p.233

⁶ *Carolina, sabiá cego?*, Helena Silveira. *Folha de S.Paulo*, 27 de agosto de 1960, p. 2.

⁷ *A humilde verdade*, Manuel Bandeira. *Jornal do Brasil*, 27 de novembro de 1960, p. 3.

*Viu seu dia de ventura
Hoje todo mundo fala nela
Não mora mais na favela
Mora na literatura*
(B. LOBO, Quarto de despejo, gravado por Ruth Amaral)

A agenda de eventos só aumentava e o livro, apenas na loja central da livraria Francisco Alves, vendia em média 500 exemplares por dia. Carolina viajou para Recife e Caruaru para autografar os livros e, no dia do lançamento, o trânsito precisou ser fechado para a chegada da escritora devido ao grande número de pessoas.

Outro fato relevante foi a encenação de *Quarto de Despejo* adaptado pela escritora Edy Lima. A atriz Ruth de Souza fez o papel de Carolina, que a auxiliou no figurino e na “imersão” na favela para entender melhor o papel. A trilha sonora da peça também foi composta por Carolina.

Em 1971, foi produzido um documentário alemão sobre a autora, dirigido por Christa Gottmann-Elter. A obra foi restaurada posteriormente pelo Instituto Moreira Salles e, sob o título *Favela: a vida na pobreza (Favela - Das Leben in Armut)*, foi exibido pela primeira vez no Brasil por ocasião do centenário de nascimento da escritora, em 14 de março de 2014.⁸

Em 1976, Carolina recebe um convite de diretores norte-americanos que queriam filmar a obra *Quarto de Despejo* devido ao sucesso no exterior. A autora iria receber um adiantamento pelos direitos, mas faleceu durante as negociações.

Em 1983, a Rede Globo de Televisão produziu um especial chamado *Quarto de Despejo – de catadora de papéis a escritora famosa*. Anos depois, em 1991, uma roteirista norte-americana escreveu um roteiro para um longa-metragem sobre Carolina, *Passion Flower: The Story of Carolina de Jesus*, porém o projeto não foi levado adiante.

Tal como mencionado, *Quarto de Despejo* reproduz o diário de Carolina de Jesus, narrando o seu dia a dia na favela de São Paulo. Em sua escrita, ela descreveu a dor, o sofrimento, a fome e as angústias dos favelados por meio de uma linguagem simples, objetiva e muito marcada pela oralidade.

A autora narra a vergonha e humilhação que é ter que catar comida no lixo: “As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os

⁸ Disponível em <<https://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela/>> Acesso em 01 de maio de 2019.

cachorros... Até eu digo que é para os cachorros...” (JESUS, 1960, p. 102). Outro aspecto extremamente relevante é a linguagem que, apesar de simples, carrega inúmeras metáforas. Ela compara, por exemplo, a dureza da vida que ela leva com a textura do pão que come e com a cama que dorme. Faz alusão à cor negra do feijão, que é negra como a vida dela e tudo o que a rodeia; e quem come não presta atenção a isso. Metaforicamente compara sua vida e seu trabalho com uma frase carregada de poesia “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade.” (JESUS, 1960, p. 80).

Carolina mostra que, para sobreviver, precisava sonhar, que a realidade é amarga. Muitas vezes, relata que pensou em suicídio, mas lutou para continuar vivendo. A escrita torna-se então, para ela, uma válvula de escape:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 1960, p. 57-58).

A autora retrata o descaso dos políticos, que só aparecem lá em época de eleições para fazer campanhas e depois somem: “O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor público” (JESUS, 1960, p. 52). Durante o livro, vemos passagens em que a autora sofre com o preconceito, racismo e descaso das pessoas em relação a ela e à situação na qual estava.

2.3. CASA DE ALVENARIA

A segunda obra da escritora Carolina Maria de Jesus, intitulada *Casa de Alvenaria – Diário de uma ex-favelada* foi lançada em 24 novembro de 1961. A obra foi publicada com uma tiragem inicial de 30 mil exemplares.

Audálio Dantas, prefaciador da obra, já começa a prever que Carolina não está administrando bem o dinheiro das vendas de *Quarto de Despejo* e deixa um recado à autora:

Agora você está na sala-de-visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco - não por culpa sua - no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu (DANTAS, 1961, s/p)

O livro foi apreciado por alguns poucos críticos e conhecidos de Carolina, como foi o caso de Jorge Amado. Ao receber a obra, ele agradece o presente e tece elogios à autora:

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1961 Carolina: muito obrigado pela remessa do seu livro "Casa de Alvenaria", que li com o maior interesse. Novamente você nos dá um depoimento importante. Não mais de um quadro trágico da vida nas favelas. Agora temos uma visão de mundo da pequena burguesia, dos intelectuais e da grande burguesia através dos olhos observadores e realistas de quem veio de uma favela. Desejo para o seu livro o maior êxito e agradeço-lhe as amáveis palavras que nele me dedica. Com os votos de um feliz natal e um ano novo de bom trabalho e muito sucesso. Um abraço do seu admirador, Jorge Amado (Casa de Alvenaria" no julgamento de Jorge Amado. Folha de S.Paulo, 10 de janeiro de 1962).

Entretanto, o livro não teve o mesmo sucesso de *Quarto de Despejo* e a obra não rendeu os mesmos louros à autora, como conta seu biógrafo:

O livro, "Casa de Alvenaria", que teve uma triagem inicial de 30 mil exemplares, ao contrário das expectativas, foi um verdadeiro fiasco de venda e de repercussão na imprensa. Notas esparsas, comentários secos, deram à nova obra de Carolina uma recepção bem abaixo do esperado para uma autora, ou a própria editora, que esperava repetir o estrondoso sucesso de "Quarto de despejo", nacional e internacionalmente falando. Era um livro duro, sem a poesia e a esperança contidas em "Quarto de despejo", sem o drama epistolar que contagia e aproxima, os corações e as mentes, dentro do ideal da fé, que faz e fez a liga de sustentação da mensagem levada por Carolina nos mais longínquos e diferentes lugares e povos do mundo (FARIAS, 2017, p.314-315).

No posfácio da tradução de *Casa de Alvenaria* para o inglês, Robert M. Levine destaca a relevância da obra e fala sobre a temática e dificuldades enfrentadas pela autora:

[...] o segundo diário é um retrato psicológico dos efeitos atordoantes de uma fama repentina, dos pequenos e grandes choques vividos por uma mulher, antes uma catadora, agora convidada de mansões de governadores, entrevistas na mídia e sessões de autógrafos em todo o Brasil. Este diário é a história de um ser humano transportado para outro mundo; [...] As pessoas constantemente a olhavam, como se ela fosse uma criatura estranha. As entradas de seu diário frequentemente citam exemplos de como ela não se encaixa, apesar de sua fama (LEVINE, 1997, p.160, tradução nossa)⁹.

⁹ “[...] the second diary is a psychological portrait of the dizzying effects of sudden celebrity, of the small and large shocks experienced by a woman, once a scavenger, now a guest at governors' mansions, media interviews, and book signings across Brazil. This diary is the story of a human being transported to another world; [...] People constantly stared at her, as if she were a strange creature. Her diary entries frequently cite examples of how she does not fit in, despite her fame”.

Mais recentemente, em 2017, o governo de Minas entregou o prêmio para os vencedores do edital de propostas de projetos audiovisuais do Programa de Desenvolvimento do Audiovisual Mineiro (Prodam). A vencedora, *Filmes de Plástico*, de Contagem (MG), tornou-se a produtora audiovisual responsável pelo longa-metragem intitulado *Casa de Alvenaria*, selecionado em primeiro lugar dentre os 83 da categoria longa-ficção¹⁰.

Casa de Alvenaria, como foi mencionado, traz uma nova perspectiva na vida de Carolina de Jesus. Nessa narrativa os dias deixam de ser sempre iguais e precedidos pela fome e a tristeza. Nesse novo cenário, a autora enfrenta a sua entrada em um mundo estranho, em que passa a valer pelo dinheiro e sucesso que tem: “Devido o sucesso do meu livro eu passei a ser olhada como uma letra de câmbio. Represento o lucro. Uma mina de ouro, admirada por uns e criticada por outros” (JESUS, 1961, p. 114).

Com as matérias de jornais e programas de televisão noticiando a fama e enriquecimento da autora, diversas pessoas vinham procurá-la pedindo ajuda: “Agora que tenho dinheiro sou procurada igual um personagem em destaque. Transformei-me em abelha rainha de uma colmeia que não quer mel, quer dinheiro” (JESUS, 1961, p. 153).

Mesmo nesse novo ambiente de entrevistas e aparições públicas, os aspectos do passado permanecem, o mesmo preconceito e discriminação presentes em *Quarto de Despejo*. É interessante ressaltar que, mesmo saindo da favela, Carolina ainda seguia pensando em seus antigos vizinhos e como a vida naquele ambiente era difícil: “Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmãos afogando-se” (JESUS, 1961, p. 87).

É relevante ressaltar que, no ano de 2021, a editora Companhia das Letras publicou uma nova edição de *Casa de Alvenaria*. Dividida em dois volumes, Volume 1: Osasco e Volume 2: Santana, os livros trazem a obra “refeita e ampliada, com texto transcrito e estabelecido integralmente a partir dos manuscritos originais da autora”. Os livros contam com imagens exclusivas dos diários e apresentam as partes que Audálio Dantas retirou durante a primeira publicação em 1961.

¹⁰ Fonte: <[32](https://www.topuai.com/sacramento/variedades/longa-metragem-sobre-carolina-maria-de-jesus-fica-em-1o-lugar?fbclid=IwAR1bhOI_x9jtHdl-Duu4O80C7JSuDLbFbgqZSbkQtHjvi6o9NScRtR1BYlw.> Acesso em: 24 set. 2019.</p></div><div data-bbox=)

Segundo a sinopse do livro, “com esse trabalho, espera-se restituir por completo a voz de Carolina, uma mulher brilhante que desafiou as barreiras impostas por uma sociedade racista e desigual”.

2.4. SUA OBRA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Devido ao grande sucesso de *Quarto de Despejo* no Brasil, diversas editoras do exterior se interessaram pelo livro. Carolina esteve em diversos países; em 1961 viajou para a Argentina e saiu, no jornal *El Mundo*, “Carolina em Buenos Aires”. Seu nome pareceu em jornais e redes de rádio e televisão do país. A primeira edição, feita com 10 mil exemplares, esgotou-se em apenas 4 dias, e a segunda tiragem teve 20 mil exemplares que, também, logo se esgotaram.

A autora também esteve em Montevideo, Uruguai, e foi recebida pelo então presidente Eduardo Víctor Haedo. Além de visitar o Chile logo depois. Entretanto, as primeiras traduções foram feitas pela Dinamarca, Holanda e Argentina. Em Portugal, o livro chegou a ser proibido pelo Regime Oliveira Salazar e só foi ser lançado no país no ano de 2021 pela Editora VS.

Apenas no exterior, estima-se que mais de um milhão de cópias foram vendidas. Muitos países tiveram que fazer mais de uma edição devido à grande procura, como a França (1962 e 1965), Inglaterra (1962 e 1964), Japão (1962 e 1964) e Cuba (1965 e 1989). A Alemanha teve um total de 7 edições.

Dentro de um ano, Carolina já estava competindo com Jorge Amado como o(a) autor(a) brasileiro(a) mais amplamente traduzido(a)¹¹. Carolina foi destaque nos jornais *The New York Times*, *The Herald Tribune* e *Chicago Daily Defender* e na revista *Time*. Apareceu também em publicações internacionais da *Clarín*, *Le Monde*, *Frankfurter Rundschau* e *Deutsches Allgemeines*.

Sobre o valor recebido pelas traduções, não há informação clara, segundo o escritor da biografia, Tom Farias:

Na verdade, autora e editora perderam a mão com relação as (sic) traduções, porque indícios indicam que, no estrangeiro, a editora de lá repassava, ela mesma, o direito de edição para outra, de outro país, como aconteceu com edição americana que saiu dos Estados Unidos para a inglesa, na Inglaterra, a Argentina que levou os livros para o Uruguai e o Chile etc., mas sob o

¹¹ LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

fomento de um único contrato, ou seja, com a possibilidade de apenas um pagamento de direitos autorais (FARIAS, 2017, p.314).


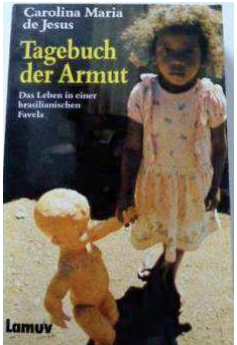
Ainda segundo ele:

Nos primeiros contratos com as editoras estrangeiras, entretanto, ficou previsto uma porcentagem para ele [Audálio Dantas]. O controle das contas passava pela Livraria Francisco Alves, através do Dr. Lélío e do sr. Miller. Mas os problemas com Carolina relativos ao dinheiro foram de tal ordem que, por volta de 1963, Audálio desistiu de sua parte e de qualquer relação com assunto. O gerenciamento ficou com a Livraria Francisco Alves. [...] [que] também tiveram problemas com os editores estrangeiros e com Carolina [...]. Por volta de 1965 a livraria abandonou controle das traduções, possivelmente com prejuízos para todos (FARIAS, 2017, p. 334).

Quarto de Despejo foi traduzido para dezesseis línguas¹² e circulou em quarenta países, incluindo a antiga União Soviética, tornando-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. Dentre eles temos:

¹² O artigo *The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus* aponta para 13 línguas, já a biografia de Tom Farias descreve 14, porém, até o presente momento, já localizamos 16 traduções. Vale ressaltar que encontramos ainda uma tradução para o ucraniano publicada na revista *Bcecbit* com o título *Фавела* (favela), em 1964, mas não há como saber se é uma tradução oficial. Disponível em: < https://shron1.chtyvo.org.ua/Carolina_Maria_de_Jesus/Favela.pdf?PHPSESSID=iclkobao6e9nhlbdg5i tk6dbm4>. Acesso em: 2 de fev. 2022.


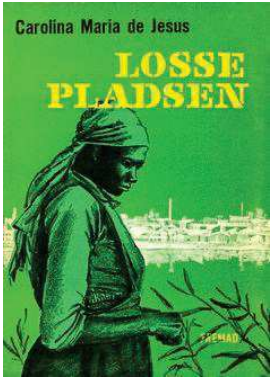
Tabela 1: Traduções de *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*

Idioma ¹³	Capas	Título	Tradução aproximada do título	Tradutor ¹⁴	Edições ¹⁵
Alemão		Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer Brasilianischen Negerin	Diário da Miséria: anotações de uma negra brasileira*	Johannes Gerold	1 ^a - 1962 1968 1983
Alemão		Tagebuch der Armut: Das Lieben in einer brasilianischen Favela	Diário da Miséria: a vida numa favela brasileira*	Johannes Gerold	7 ^a - 1993


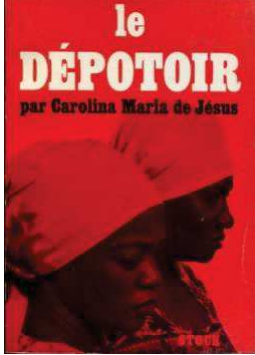
¹³ Existem evidências de que *Quarto de Despejo* foi publicado em russo, irlandês e hebraico, mas, até o presente momento, não conseguimos localizar as obras.

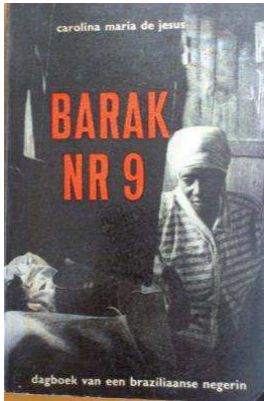
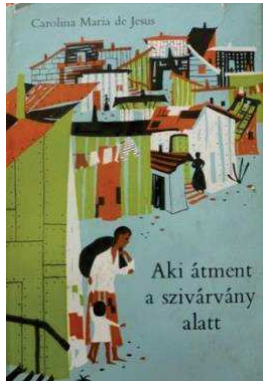
¹⁴ BARCELLOS, Sergio da Silva. *Vida por escrito: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento. Bertolucci Editora, 2015.

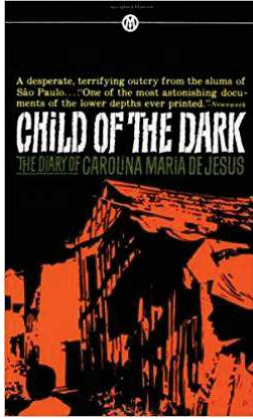
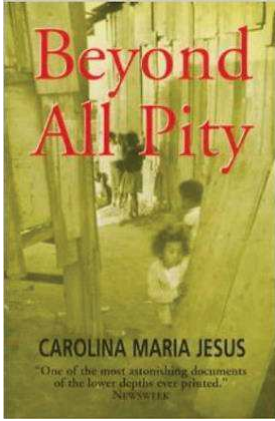
¹⁵ Informações sobre reedições encontradas em: PERPÉTUA, Elzira Divina. *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. 340p.


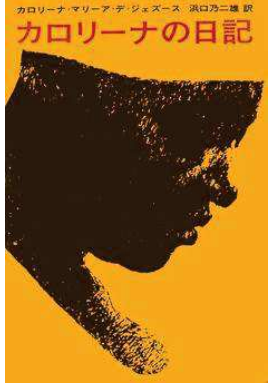
Catalão		Els mals endreços: Diari d'una dona de les barraques	As coisas ruins: Diário de uma mulher nas cabanas**	Francesc Vallverdú	1963
Dinamarquês		Lossepladsen	Lixo*	Borge Hansen	1961
Espanhol (Argentina)		El hambre es amarilla ¹⁶	A fome é amarela**	-	-

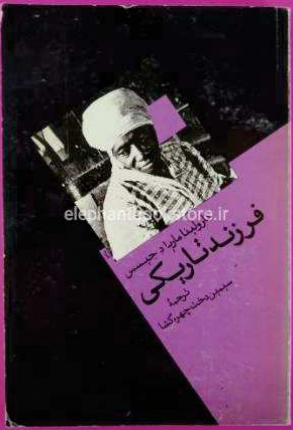
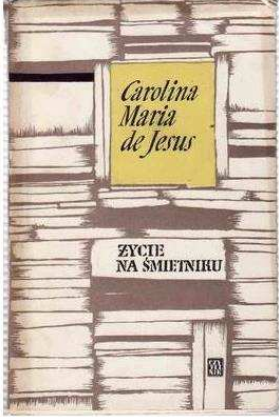
¹⁶ Não temos como saber se essa versão realmente existiu. A menção aparece no artigo *The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus* e na obra *Cinderela Negra*, mas não encontramos outras evidências.

<p>Espanhol (Argentina)</p>		<p>Quarto de Despejo: diário de uma mulher que tenia hambre</p>	<p>Quarto de Despejo: diário de uma mulher que tinha fome**</p>	<p>Beatriz Broide de Sahovaler</p>	<p>1ª- 1961 2ª- 1961 4ª- 1962</p>
<p>Espanhol (Cuba)</p>		<p>La favela: casa de desahogo</p>	<p>A favela: casa de desabafo**</p>	<p>-</p>	<p>1ª- 1965 2ª- 1989</p>
<p>Francês</p>		<p>Le Dépotoir</p>	<p>O Depósito*</p>	<p>Violante do Canto</p>	<p>1ª- 1962 2ª- 1965</p>

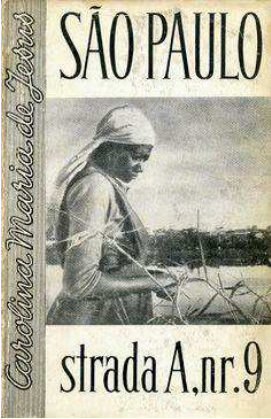
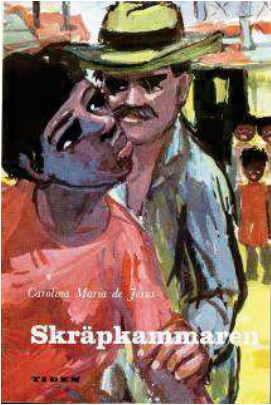
<p>Holandês</p>		<p>Barak nr 9: dagboek van een Braziliaansenegerin</p>	<p>Barracão nº9: Diário de uma negra brasileira*</p>	<p>J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen</p>	<p>1961</p>
<p>Húngaro</p>		<p>Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakklakó naplója</p>	<p>(refere-se a diário ou vivência diária) **</p>	<p>Hargitai Gyögy</p>	<p>1964</p>


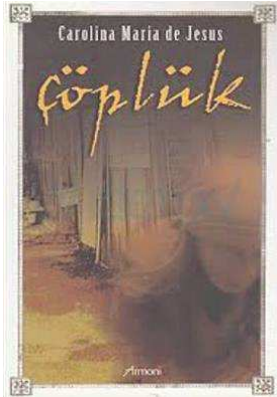
Inglês (USA)		Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	Filha da escuridão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1ª- 1962 6ª- 1962
Inglês (Inglaterra)		Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus	Além da compaixão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1ª- 1962 1964

<p>Italiano</p>		<p>Quarto de Despejo</p>	<p>Quarto de Despejo**</p>	<p>Valentino Bompiani</p>	<p>1962</p>
<p>Japonês</p>		<p>Karorina no nikki</p>	<p>O Diário de Carolina*</p>	<p>Nabuo Hamaguchi</p>	<p>1^a- 1962 3^a- 1964</p>

Persa		Farzande tariki ¹⁷	Filha da Escuridão**	Simin Dakht Tchegahregasha	1999
Polonês		Życie na Śmietniku	A vida numa lixeira/ À margem da vida*	Helena Czajka	1963

¹⁷ Segundo o site <<http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>> Acesso 20 set. 2019, essa edição foi traduzida a partir da tradução inglesa.

Romeno		São Paulo, Strada A, nr.9.	São Paulo, estrada A, n°9*	Romulu vulpescu	1962
Sueco		Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus	Diário de anotações de Carolina Maria de Jesus*	Bengt Kyhle	1962

Tcheco		Smetišťe: Deníkženy z favely	Mulheres no lixão de uma favela*	Vlasta Havlínová	1962
Turco		çöplük	lixreira**	-	2002

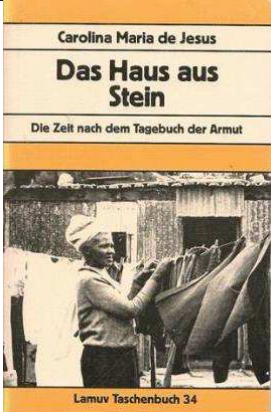
Fonte: Própria (2021).

* Traduções e explicações dos títulos presentes em Farias (2017, p. 301 e 302).

** Traduções dos títulos empreendidas pela autora, por meios digitais.



A segunda obra, *Casa de Alvenaria* (1961), teve menos traduções, já que não alcançou o mesmo sucesso que a obra antecessora. Encontramos publicações em quatro idiomas: alemão, espanhol, francês e inglês, conforme mostrado na tabela 2. É importante destacar que a versão em espanhol conta com um apêndice dos dias em que Carolina esteve no Uruguai, na Argentina e no Chile, tais partes nunca foram publicadas no Brasil.¹⁸

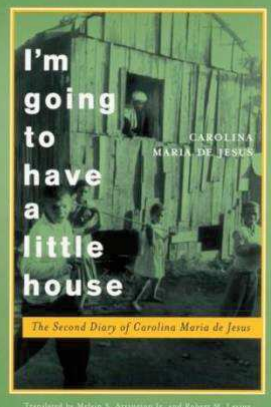
Tabela 2: Traduções de *Casa de Alvenaria* - diário de uma ex-favelada

Idioma	Capas	Título	Tradução aproximada do título**	Tradutor(a) ¹⁹	Edições
Alemão		Das Haus aus Stein: Die Zeit nach dem Tagebuch der Armut	A casa de pedra: o tempo depois do diário de miséria	Johanes Gerold	1964

¹⁸ Levine (1997, p.165)

¹⁹ BARCELLOS, Sergio da Silva. *Vida por escrito*: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento. Bertolucci Editora, 2015.

Espanhol		Casa de ladrillos	Casa de tijolos	-	1963
Francês		Ma vraie maison	Minha verdadeira casa	Violante do Canto	1964

Inglês		I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus	Eu vou ter uma casinha: o segundo diário de Carolina Maria de Jesus	Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine	1997
--------	---	---	---	--	------

Fonte: Própria (2021).

**Traduções dos títulos empreendidas pela autora, por meios digitais.

Com relação à tradução para o espanhol, o tradutor da obra para a língua inglesa, Robert M. Levine, fez algumas críticas através do seguinte comentário encontrado do posfácio de *I'm going to have a little house*:

[...] Por um lado, o título em espanhol, Casa de ladrillos (casa de tijolos), foi uma tradução incorreta. Os sonhos de Carolina eram mais modestos. Ela ansiava apenas por uma pequena casa de blocos de concreto, acessível a pessoas relativamente pobres. As casas de tijolos, que exigiam muito mais trabalho, eram reservadas para os muito ricos. Por outro lado, existem menos (...) reticências no texto do apêndice. O anônimo editor argentino, por qualquer motivo, parece ter feito muito menos cortes do que Dantas²⁰ (LEVINE, 1997, p.165, tradução nossa).

É interessante notar que, dos dados disponíveis, apenas a obra de língua inglesa mudou de tradutor; os outros livros permaneceram com os mesmos tradutores de *Quarto de Despejo*.

Sobre as traduções de língua inglesa, *Quarto de Despejo* foi traduzido por David St. Clair que, segundo Farias, era amigo pessoal da escritora. Nos Estados Unidos, a publicação teve como título *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus* e, na Inglaterra, *Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus*. A mudança de título se deve, provavelmente, a questões editoriais, já que ambos contam com a mesma tradução. Segundo Perpétua (2014), a tradução nos EUA teve 313.000 exemplares publicados em edição de capa dura, mas não é possível precisar quantos na versão mais barata.

Gayle Lee St. Clair (1932-1991), ou apenas David St. Clair, nasceu em Ohio, Estados Unidos. Estudou em Warren G. Harding Senior High School (Ohio, USA), Columbia University e New School for Social Research. Era autor, conferencista, jornalista, romancista e místico. Viveu por um tempo no Rio de Janeiro, quando conheceu Carolina, e seu círculo de amigos e colegas era grande e variado, incluindo personalidades como o presidente João Goulart e sua esposa Maria Teresa e o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim.

Foi o autor dos livros: *Drum & Candle - First-hand Experiences and Accounts of Brazilian Voodoo & Spiritism* (1971), *Say You Love Satan* (1987), *The Devil Rocked her Cradle* (1987), *Child Possessed* (1979), *Mine to Kill* (1985) e *The mighty, mighty*

²⁰ For one thing, the Spanish title, Casa de ladrillos (brick house), was an inaccurate translation. Carolina's dreams were more modest. She craved only a small cinder-block house, accessible to relatively poor people. Brick houses, which required much more craftsmanship, were reserved for the very rich. For another thing, there are fewer (. . .) ellipses in the appendix text. The nameless Argentine editor, for whatever reason, seems to have made far fewer cuts than Dantas.

Amazon (1968). Observando sua área de atuação, salientamos que o autor trabalhava com temas da ordem do psiquismo/misticismo, uma temática diferente da obra *Quarto de Despejo*. Não conseguimos encontrar outros trabalhos feitos por ele na área de tradução.

St. Clair também foi o responsável por escrever uma matéria²¹ sobre Carolina que foi publicada revista *Time*. No final de 1960, Carolina abriu um processo contra a revista e contra o tradutor alegando que a matéria era “altamente injuriosa”. Segundo a reportagem do jornal *Tribuna da Imprensa*, “a notícia ‘atenta contra a moral [dela]’ e ‘refere-se em termos desprestigiados aos brasileiros em geral.’”. Carolina também afirma que “David St. Clair, ou o *Time*, ou os dois, desvirtuaram ‘certas passagens do livro’, que sairá agora em terceira edição num total de 80 mil exemplares [...]”. O jornal faz, também, um resumo da reportagem da *Time* ressaltando os pontos que deram origem ao processo:

1°. que Carolina é uma preta alta, com três filhos ilegítimos, de três pais diferentes; 2°. que ela vivia entre pessoas barulhentas e que só pensava em sexo; 3°. que começou a escrever seu diário para que “os animais com os quais era obrigada a viver” não fossem esquecidos; 4°. que depois que escreveu o livro é que ela começou a comer três vezes ao dia; 5°. que as favelas são cidades isoladas, misteriosamente vivas, mas onde é melhor não ir; 6°. que Carolina perdeu sete empregos como criada porque vivia saindo das casas à noite para “fazer amor”; 7°. que uma mulher embriagada disse a ela quando sua mudança saía da favela: “Você fez coisas piores do que eu fiz” (*Tribuna da Imprensa*, RJ, 25 de outubro de 1960, edição 02278).

Segundo Farias, St. Clair também apresentava posições controversas, inclusive em um prefácio de uma das edições norte-americanas, que chegou a escrever:

Isso traz descontentamento entre as pessoas e isso leva ao comunismo. Os brasileiros de classes média e alta olham com medo crescente essa massa poderosa da fome no coração das suas cidades mais ricas. Se aparecesse um Fidel Castro brasileiro e se ele desse armas a esses famintos analfabetos... (PERPÉTUA, 2014, p. 119)

Em entrevista com Audálio Dantas, Elzira Divina Perpétua também pergunta sobre a tradução:

35. Sobre as traduções de *Quarto de despejo*, a primeira, segundo o livro do bom mehy (sic), foi para o inglês. Para Inglaterra ou Estados Unidos?
— Foi para os Estados Unidos, em 1961, foi do tradutor foi o David St. Clair ele morava no Rio de Janeiro. Era correspondente da revista *Time /Life*. Ele

²¹ Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,897607,00.html>>. Acesso em: 12 abr. 2019. (Anexo 1)

fez uma reportagem aqui sobre o livro, falava um português razoável. Ele era muito jovem e foi uma das paixões da Carolina (PERPÉTUA, 2014, p. 338).

É importante ressaltar que encontramos pelo menos uma tradução, nesse caso para o persa, que foi feita a partir da versão do livro para o inglês, ou seja, uma tradução indireta. As demais obras não puderam ser analisadas, tendo em vista que o processo de tradução não teve acompanhamento adequado da editora de origem, além da diversidade de línguas em que a obra está disponível.

Já no caso de *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, o livro foi traduzido para a língua inglesa com o título *I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*, por Robert M. Levine (1941 - 2003) e Melvin S. Arrington Jr.

Robert M. Levine²² cresceu na cidade de Nova York. Depois de se formar com honras na Universidade Colgate, em Hamilton, ele obteve seu Ph.D. na Princeton University. Foi um historiador americano, diretor de Estudos Latino-Americanos e professor de história na Universidade de Miami. Seus interesses estavam relacionados à América Latina, em particular, a história política e cultural brasileira, as diásporas judaicas na América Latina, a história cubana e a história latino-americana em geral.

Na introdução da obra *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*, Levine comenta sobre o tempo em que morou no Brasil:

Minha introdução às favelas e seus habitantes aconteceu quando eu era um estudante de graduação no Rio de Janeiro, fazendo pesquisas para minha dissertação sobre os fundamentos políticos e ideológicos da presidência de Getúlio Vargas durante os anos 1930 (LEVINE e MEIHY, 1995, p. 3, tradução nossa)²³.

Dentre suas obras publicadas, temos: *The Vargas Regime: The Critical Years, 1934-1938* (da tese de Ph.D. - 1970), Portuguese translation: *O regime de Vargas*, nonfiction best-seller for 12 weeks (1980), *Vale of Tears: Revisiting the Canudos Massacre in Northeastern Brazil* (1995), *Brazilian Legacies* (1997), *Father of the Poor? Vargas and His Era* (1998). Além dessas, juntamente com o professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas, da Universidade

²² Fonte: Robert M. Levine <https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_M._Levine> e <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0304200313.htm>> Acesso em: 17 jul. 2021.

²³ My introduction to favelas and their inhabitants came when I was a graduate student in Rio de Janeiro carrying out research for my dissertation on the political and ideological underpinnings of the presidency of Getúlio Vargas during the 1930s.

do Grande Rio, José Carlos Sebe Bom Meihy, publicou duas obras relacionadas a Carolina de Jesus: *Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus* (1994) e *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus* (1995). Levine morreu de câncer em 2003.

É interessante ressaltar que o tradutor chegou a usar a tradução de *Quarto de Despejo* feita por David St. Clair em suas aulas, como ele mesmo conta em *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*:

Quando comecei a lecionar no outono de 1966, decidi adicionar o diário de bolso recentemente publicado, *Child of the Dark*, à lista de leitura de meu curso introdutório de história da América Latina. Eu o li enquanto preparava minhas aulas de graduação, e alguns de meus amigos, recém-nomeados para outras universidades como especialistas brasileiros, comentaram sobre sua adequação para uso em sala de aula. Fiquei impressionado com a forma como o diário descreveu a miséria da vida na favela e com a luta da autora. Achei sua mensagem estranhamente contraditória: ela odiava sua miséria, ansiava por uma vida decente para ela e seus filhos, mas, ao mesmo tempo, punia seus vizinhos de favela, nutria preconceitos contra os nordestinos e insultava os outros negros. Ela também era patriótica ao se referir à história e à literatura do Brasil (LEVINE e MEIHY, 1995, p. 3, tradução nossa)²⁴.

A partir da leitura desse comentário, feito por Levine, podemos questionar se seu entendimento “contraditório” da autora foi baseado nas palavras da autora ou a interpretação se deve à forma como o livro foi traduzido nos Estados Unidos, já que, como iremos observar, existem diversos desvios com relação à obra original.

Levine, em sua introdução da obra *Cinderela Negra*, comenta sobre a tradução: “Nos Estados Unidos o *Quarto* foi publicado por E. P. Dutton em 1962, com uma competente tradução de David St. Clair, que vivera no Rio de Janeiro (MEIHY e LEVINE, 2015, p. 41)”.

Melvin S. Arrington Jr²⁵. é professor de línguas modernas na Universidade do Mississippi. Fez seu Ph.D. na universidade de Kentucky em 1979. Sua especialização é literatura hispano-americana (contos; literatura colonial; modernismo até meados do século XX). Dentre suas publicações, destacamos: *El Inca Garcilaso, Mythmaker - Essays on Hispanic and Luso-Brazilian Literature and Film in Memory of Howard M.*

²⁴ When I started teaching in the autumn of 1966, I decided to add the recently published paperback diary, *Child of the Dark*, to the reading list of my introductory Latin American history course. I had read it while preparing my undergraduate classes, and some of my friends, newly appointed to other universities as Brazilian specialists, had commented on its suitability for classroom use. I was taken by how the diary described the misery of favela life and by the struggle of its author. I thought her message strangely contradictory: she hated her misery, she ached for decent life for herself and her children, but at the same time she castigated her favela neighbors, harbored prejudices against northerners, and reviled fellow blacks. She was also patriotic when referring to Brazil's history and literature.

²⁵ Fonte: Melvin S. Arrington Jr <http://home.olemiss.edu/~marringt/Faculty_Info/Welcome.html> Acesso em: 17 jul. 2021.

Fraser (2000), *Regionalism and Nationalism in Latin America: Legacies of the Past, Directions for the Future* (1988). Assim como Levine, também participou de outras publicações relacionadas à autora de *Quarto de Despejo*, como *Gnomic Literature from the Favela: The Proverbios of Carolina Maria de Jesús* (1993) e *From the Garbage Dump to the Brick House: The Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1993).

Segundo o prefácio da obra, *I'm going to have a little house*, a tradução surgiu a partir de um projeto de história oral iniciado em 1990 por Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy. Segundo eles, o objetivo era: “conhecer a vida dos filhos de Carolina nos anos que se seguiram à sua morte. As histórias orais despertaram interesse pelo destino de Carolina e deram origem a diversos novos projetos relacionados à vida e à obra da autora negra brasileira”²⁶ (LEVINE, 1997, s/p, tradução nossa).

No próximo capítulo, iremos dissertar sobre as teorias tradutórias que irão auxiliar no desenvolvimento da presente pesquisa. Utilizaremos os pressupostos teóricos de Itamar Even-Zohar para entender o sistema literário do nosso país através da teoria dos Polissistemas. Além disso, discutiremos as noções de tradução literária, marcadores culturais e os conceitos de estrangeirização e domesticação.

²⁶ This translation of Carolina's second published diary, *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961), emerged from an oral history project initiated in 1990 by Robert M. Levine and José Carlos Sebe Bom Meihy in order to learn about the lives of Carolina's children in the years following her death. The oral histories awakened interest in Carolina's fate and led to several new projects related to the life and work of the black Brazilian author.

3. CAPÍTULO 2: ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Neste capítulo, iremos discutir algumas teorias dos Estudos da Tradução que nos ajudarão a compreender melhor os aspectos tradutórios encontrados nas duas obras aqui analisadas. Iniciaremos com a discussão da Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (2013 [1979]), sobre o funcionamento do sistema literário. Discorreremos sobre os procedimentos da tradução que, neste trabalho, aplicaremos à tradução literária, além das possíveis divisões propostas por autores como Vinay e Darbelnet (1977) e Barbosa (1990). Por fim, discutiremos questões culturais da tradução literária com os conceitos de domesticação e estrangeirização propostos por Schleiermacher (2007 [1813]) e ampliados por Venuti (2008 [1995]). Além disso, abordaremos o conceito de Marcadores Culturais, muito presente nos livros de Carolina de Jesus, através dos autores Aubert (2006), Hoebel & Frost (2006) e Bosi (1992).

3.1. POLISSISTEMAS

Itamar Even-Zohar é um teórico israelense e crítico da cultura. Even-Zohar é o criador da Teoria dos Polissistemas e um dos mais relevantes investigadores no campo dos Estudos Culturais e dos Estudos de Tradução. Na década de 1970, com a chamada Virada Cultural dos Estudos da Tradução, a cultura se tornou um elemento fundamental para entender como a tradução funciona. A teoria proposta pelo autor integra o campo dos Estudos Descritivos da Tradução, que analisam a tradução como um fato da cultura-alvo e como um processo histórico-cultural. Ela surgiu em oposição à interpretação síncrona de sistema, que ignorava a mudança diacrônica, ou seja, ao longo do tempo.

Segundo Even-Zohar (2013 [1979]), uma concepção recorrente nas ciências humanas e sociais é considerar que os modelos de comunicação humana regidos por signos, como a cultura, linguagem, literatura e sociedade, constituem sistemas. Tal ideia proporcionou compreender adequadamente tanto fenômenos conhecidos quanto desconhecidos. O termo polissistema enfoca essa multiplicidade de interseções, de sistemas.

De acordo com o autor, a heterogeneidade cultural na literatura pode ser vista em uma comunidade que possui dois ou mais sistemas literários e, para os estudiosos da literatura, apenas um deles é legitimado. Já na Teoria dos Polissistemas, o enfoque

é tanto nos casos mais destacados quanto nos menos, rejeitando o juízo de valor ao selecionar os objetos de estudo.

Dentro do sistema literário, ocorre também um movimento entre o eixo central e o eixo periférico; da mesma forma que uma obra pode sair do centro e ir para a periferia, o movimento contrário pode acontecer, ou seja, um polissistema não deve ser pensado com apenas um centro e uma periferia.

Even-Zohar (2013 [1979]) coloca que a literatura central geralmente é caracterizada pelas obras canonizadas, das classes dominantes. Citando Shklovskij (1921) (1923), ele coloca a literatura canonizada e não-canonizada como:

A partir desse ponto de vista, por "canonizadas" entendemos aquelas normas e obras literárias (isso é, tanto modelos como textos) que nos círculos dominantes de uma cultura são aceitas como legítimas e cujos produtos mais marcantes são preservados pela comunidade para que formem parte de sua herança histórica. "Não-canonizadas" quer dizer, pelo contrário, aquelas normas e textos que esses círculos rejeitam como ilegítimas e cujos produtos, em longo prazo, a comunidade esquece frequentemente (a não ser que seu status mude) (EVEN-ZOHAR, 2013 [1979], p. 7).

Cada país tem uma estrutura de polissistema diferente. O linguista cita o caso das comunidades europeias que, ao longo da Idade Média, constituiu um polissistema em que o centro era ocupado pela literatura em língua latina e a periferia era ocupada pelas obras em línguas vernáculas. Entretanto, em meados do século XVIII, o sistema passa por uma mudança e é substituído por polissistemas monolíngues mais ou menos independentes, já que, à medida que as nações europeias iam surgindo, suas culturas próprias eram criadas.

Dessa forma, portanto, podemos entender o polissistema como essa rede de sistemas. O elemento que ocupar o centro é visto como o instituidor do repertório que o polissistema vai acompanhar. Assim, as mudanças causadas ao longo do tempo ocorrem devido à disputa das periferias para assumir o centro.

Com relação à tradução, Even-Zohar (2013 [1979]) entende que, baseada no centro, ela pode ser influenciada por duas forças diferentes. A força primária, ou inovadora, que escolhe as traduções que conseguiriam introduzir novos modelos literários, e a secundária, ou conservadora, que seleciona textos que reforçam os modelos já existentes. Tais posições influenciam também no tipo de literatura escolhida para tradução bem como o modo como esses textos devem ser traduzidos.

A tradução irá figurar no centro do polissistema quando a literatura nacional é considerada fraca ou quando ainda está em desenvolvimento, como é o caso do Brasil em determinados gêneros e contextos históricos. Quando isso acontece, ela influencia diretamente o polissistema literário, criando a possibilidade de abertura para o surgimento de novos modelos. Já quando a tradução ocupa a periferia, como é o caso dos Estados Unidos, ela tem pouca ou quase nenhuma influência dentro do polissistema literário, seguindo modelos previamente estabelecidos pelo centro. É importante ressaltar, entretanto, que existem variações mais tênues, como o caso da Grã-Bretanha, onde há grande apreço por traduções, mesmo que elas estejam na periferia do seu sistema literário.

Com relação à publicação de *Quarto de Despejo*, podemos constatar a construção de uma fortuna crítica, inclusive a partir da tradução. Segundo o jornal Folha de S.Paulo:

Carolina talvez seja uma das únicas autoras a ter fortuna crítica, muitas vezes de forma depreciativa, anos antes de o público entrar em contato com seus escritos. Os elementos de luta — uma mulher negra, mãe solo, migrante, favelada, pobre, com poucos anos de estudo formal — chegam antes mesmo da obra. E isso acontece até hoje.²⁷

Além disso, o site “Vida por escrito”, produzido por Sergio Barcellos, é um portal bibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Nele, encontramos uma grande quantidade de informações sobre a vida e a obra da escritora, dentre elas: biografia, bibliografia e fortuna crítica, como um inventário da obra de Carolina Maria de Jesus. O projeto foi contemplado pelo Edital Prêmio Funarte de Arte Negra em 2013.

Quarto de Despejo possui a primeira e única tradução para a língua inglesa, até o momento, e continua a ser lida e utilizada em universidades nos EUA. Ao entrar no site da Amazon e acessar a aba de avaliações²⁸ sobre o livro *Quarto de Despejo*, em inglês, encontramos comentários como “Tive que ler isso para uma pesquisa de Mestrado em História Mundial (sou professor de história)²⁹”, publicado em 17 de abril de 2019, e “Eu ouvi sobre este livro depois de escutar um documentário de rádio

²⁷ Fonte: <<https://www.quatrocinco.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/a-arte-de-carolina>> Acesso em: 19 dez. 2021.

²⁸ Fonte: <https://www.amazon.com.br/Child-Dark-Diary-Carolina-Maria/product-reviews/0451627318/ref=cm_cr_dp_d_show_all_btm?ie=UTF8&reviewerType=all_reviews> Acesso em: 1 nov. 2021.

²⁹ Had to read this for a Masters World History survey (I'm history faculty).

interessante sobre a autora e sua vida”³⁰, publicado em 7 de junho de 2021. Além disso, o próprio tradutor do segundo livro menciona que utilizou a obra em suas aulas. Antes e após o lançamento da obra é possível encontrar publicações sobre Carolina em diversos jornais da época, como *The New York Times*³¹, *The Herald Tribune* e *Chicago Daily Defender*, e na revista *Time*. Além de outras matérias internacionais, como *Clarín*, *Le Monde*³², *Frankfurter Rundschau* e *Deutches Allgemeines*.

No presente estudo, é importante ressaltar que analisamos um “movimento contrário”, de acordo com a Teoria dos Polissistemas. *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* são obras brasileiras que foram exportadas para os Estados Unidos, que, como foi dito, tem a literatura traduzida ocupando a periferia, e não o centro do sistema. Por esse motivo, analisaremos como foram feitas essas traduções e quais foram as escolhas tradutórias selecionadas baseadas no perfil literário do país de chegada.

3.2. TRADUÇÃO LITERÁRIA

A distinção entre a tradução palavra por palavra e sentido por sentido é tão antiga quanto a civilização ocidental. Suas origens têm início desde a antiguidade clássica e a antiguidade tardia e, por conta disso, esses conceitos permeiam toda a discussão da tradução, principalmente da tradução literária no ocidente.

O campo dos Estudos da Tradução foi muito marcado pela tradução literária, ao contrário do sistema das oficinas. Nos anos 60, a primeira oficina voltada para a tradução literária nos Estados Unidos foi criada e, assim, já na década de 70, diversos cursos de tradução e oficinas eram oferecidos no país. Entretanto, a tradução vista como “cópia piorada do texto original” era um empecilho para o reconhecimento da área como um campo de estudo. Nessa época, contávamos com duas diferentes abordagens teóricas sobre o processo tradutório, sendo elas a Oficina Norte-Americana de Tradução e a Ciência da Tradução, que utilizavam o conceito de equivalência baseadas em diferentes pontos de vista.

³⁰ I heard about this book after listening to an interesting radio documentary about the author and her life.

³¹ <<https://www.nytimes.com/1962/09/23/archives/out-of-the-garbage-dump-and-back-into-the-human-race.html?searchResultPosition=2>> e <<https://www.nytimes.com/1977/02/15/archives/carolina-maria-de-jesus-dies-at-62-brazilian-wrote-diary-of-slum.html?searchResultPosition=1>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

³²<https://www.lemonde.fr/archives/article/1962/05/19/le-depotoir-de-carolina-maria-de-jesus_2347506_1819218.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Em 1972, James Holmes (1924-1986), em seu artigo “The Name and Nature of Translations Studies”, ressaltou que as pesquisas relacionadas à tradução variavam nos modelos tradutórios, nos métodos de análise e na terminologia utilizada; assim, os estudos da tradução estavam dentro de outros campos do conhecimento, prejudicando a troca de informações entre os pesquisadores da área. Por esse motivo, Holmes (1972) propôs a criação de uma disciplina que abrangesse todas essas pesquisas: os Estudos da Tradução. Sua proposta foi fundamental para a consolidação da disciplina e do campo dos Estudos da Tradução, criando múltiplas linhas de pesquisa.

Há diversas formas de categorizar os tipos existentes de tradução. Alguns teóricos preferem a divisão dicotômica, como tradução literal x tradução livre, tradução técnica x tradução literária e tradução direta x tradução oblíqua.

É relevante, então, destacar que existe uma grande separação entre a tradução literal e a tradução livre. Segundo Souza (1998) “ao conceito de tradução literal está associada a ideia de tradução *fiel, neutra, objetiva*, e ao de tradução livre, a ideia de tradução *infidel, parcial, subjetiva*” (SOUZA, 1998, p. 52). Por meio dessa divisão, a primeira modalidade está mais centralizada na forma e a segunda no sentido. Tais divisões permeiam diversas discussões tradutórias, tal qual a diferença entre tradução literária e tradução técnica, e como a reflexão de Schleiermacher (1814), que diferenciou a tradução de textos comerciais, literários e científicos.

Vinay e Darbelnet foram os pioneiros na categorização dos procedimentos tradutórios. Para eles, uma unidade tradutória é “o menor segmento de um enunciado cuja coesão de signos seja tal que eles não deveriam ser traduzidos separadamente³³” (VINAY; DARBELNET, 1995, p. 21, tradução nossa). A partir disso, os autores criaram duas categorizações para as traduções: a tradução direta e a tradução oblíqua.

Para Vinay e Darbelnet (1977), a primeira é o mesmo que tradução literal, ou seja, a tradução palavra por palavra. Ela acontece mais facilmente quando a semelhança entre as duas línguas é maior, por exemplo, no caso de línguas da mesma família, como as línguas latinas. A tradução oblíqua, por sua vez, é a não literal.

³³ The smallest segment of the utterance whose signs are linked in such a way that they should not be translated individually.

Existem situações em que não é possível realizar a tradução literal, pois, segundo os autores, o texto que se produziria mediante a essa tradução poderia ter significado diferente do original ou até mesmo não ter significado. Além disso, podem existir estruturas que não são possíveis na língua alvo ou que podem não ter correspondência no contexto cultural dessa língua.

Os autores dividiram a tradução oblíqua em quatro tipos: a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação. A transposição reorganiza o texto de forma morfosintática. Essa categoria não se encaixa como tradução literal, pois as palavras são reagrupadas de uma forma diferente do que no texto de partida. Um exemplo seria quando invertemos a ordem do adjetivo na tradução do inglês para o português: em inglês, ele vem antes do substantivo e, no português, depois. A modulação mantém a ideia principal da sentença, mas são necessárias mudanças semânticas no texto de chegada, por exemplo, trocar “ela não é alta” por “ela é baixa” dentro de uma tradução.

A equivalência é um procedimento similar ao da modulação, entretanto as mudanças que ocorrem são mais drásticas e alteram a estrutura do texto de partida de uma forma radical. Esse procedimento geralmente ocorre na tradução de expressões idiomáticas, provérbios e ditos populares. A adaptação ocorre a partir de uma equivalência parcial de sentido do texto de partida na cultura de chegada, uma vez que não há correspondência direta entre as duas culturas. Um exemplo seria traduzir “She misses me” por “Ela sente saudades de mim”. Esse procedimento afeta tanto a estrutura sintática como o fluxo de ideias do trecho em questão.

Complementando os processos de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução, Heloisa Gonçalves Barbosa publicou o livro *Procedimentos técnicos da tradução* em 1990. Seu objetivo foi recharacterizar e recategorizar os procedimentos embasados em uma análise das teorias sobre como traduzir, previamente discutidas por Vinay e Darbelnet (1958), Nida (1964), Catford (1965), Vázquez-Ayora (1977) e Newmark (1981, 1988). Os procedimentos descritos pela autora consistem em: palavra por palavra, tradução literal, transposição, modulação, equivalência, omissão vs. explicitação e compensação, transferência, decalque, explicação e adaptação.

A tradução palavra por palavra se refere à tradução em que determinado segmento textual é expresso na língua alvo mantendo a categoria em uma ordem sintática igual, utilizando palavras semanticamente idênticas ao dos vocábulos do texto da língua de origem (BARBOSA, 1990, p. 64). Por exemplo, “he wrote a letter to the mayor” ficaria “Ele escreveu uma carta para o prefeito”. Já a tradução literal

caracteriza-se pela manutenção de uma “fidelidade” semântica, embora haja uma adequação da morfossintaxe com relação às normas gramaticais da língua alvo, como na frase “I dreamed last night that I was in the woods” que seria traduzida como “ontem à noite, sonhei que estava na floresta”. Na transposição, ocorre a mudança da categoria gramatical dos elementos presentes no segmento a ser traduzido, por exemplo, trocar um advérbio por um adjetivo. Já a modulação acontece quando a mensagem é passada sob um ponto de vista diverso, refletindo as diferenças no modo como as diversas línguas interpretam o mundo, como “like the *back* of my hand”, que corresponde à expressão “como a *palma* da minha mão”. Outro procedimento, conhecido como equivalência, consiste em utilizar um segmento que não traduz a sentença literalmente, mas, de certa forma, apresenta uma “equivalência”, por exemplo, “God bless you!”, em inglês, que em português é traduzido para “saúde!”.

A omissão versus a explicitação consiste em omitir ou explicitar elementos do texto que podem ser considerados desnecessários ou excessivamente repetitivos. Na tradução do inglês para o português, esse procedimento é bastante usado para os pronomes pessoais, que no português podem ser omitidos. A compensação se refere ao deslocamento. Quando não é possível reproduzir, no mesmo ponto, um recurso estilístico, o tradutor pode usar um outro de efeito correspondente, em outro ponto do texto. Um exemplo são os trocadilhos que, quando não podem ser efetuados com um mesmo grupo de palavras, podem ser feitos em outro ponto do texto para equilibrá-lo estilisticamente.

Outro procedimento é a transferência, que consiste em introduzir material textual da língua de origem no texto traduzido. Ela pode ocorrer através de estrangeirismos (transcrever ou copiar vocábulos ou expressões desconhecidos para os falantes da língua de chegada), transliteração, aclimatação, estrangeirismo acompanhado de uma explicação do significado por intermédio de nota de rodapé ou diluição do texto. O decalque caracteriza-se por traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais. Muitos autores interpretam esse procedimento como sendo uma aclimatação do empréstimo linguístico. Com relação à explicação, podemos notar a eliminação dos estrangeirismos para facilitar a compreensão, podendo ser substituído pela sua explicação. A adaptação aplica-se nos casos em que toda a situação referida não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua alvo.

É importante destacar que nenhum dos autores mencionados trabalha com a categorização de erro. Esse procedimento foi identificado nas duas traduções aqui

analisadas. Segundo Anthony Pym, o erro na tradução pode ser definido a partir da definição de competência tradutória, que pode ser definida como a união entre duas habilidades:

A capacidade de gerar uma série TT (texto de destino) de mais de um termo viável (TT1, TT2...TTn) para um ST (texto de origem).

A capacidade de selecionar apenas um TT desta série, de forma rápida e com confiança justificada, e propor este TT como substituto do ST para um propósito e leitor especificados.³⁴ (PYM, 1992, p.3, tradução nossa)

Ainda, segundo ele, o erro pode ser visto como:

[...] uma manifestação de um defeito em qualquer um dos fatores que entram nas habilidades acima. Mas essa negação simples coloca relativamente pouca ordem em um campo muito confuso, basicamente porque os erros podem ser atribuídos a inúmeras causas (falta de compreensão, inadequação aos leitores, mau uso do tempo) e localizados em vários níveis (linguagem, pragmática, cultura), mas também porque os termos frequentemente empregados para descrever tais erros (sobretradução, subtradução, inadequação discursiva ou semântica, etc.) carecem de distinções comumente acordadas ou pontos de referência fixos: a “equivalência” foi usada e abusada tantas vezes que já não é equivalente a nada, e rapidamente se perde seguindo as divagações do “discurso” e conceitos associados.³⁵ (PYM, 1992, p.4, tradução nossa)

As classificações aqui mencionadas são uma das muitas existentes no campo dos estudos da tradução. Outra forma de analisar e discutir uma tradução é por meio da teoria de Schleiermacher ampliada por Venuti com os conceitos de estrangeirização e domesticação apresentados no item 3.3 a seguir.

3.3. CULTURA E TRADUÇÃO LITERÁRIA

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi um teórico literário do Romantismo alemão que discutiu o ofício do tradutor e suas implicações para as trocas culturais realizadas por meio da tradução. Seu texto, *Sobre os diferentes*

³⁴ The ability to generate a TT (target text) series of more than one viable term (TT1, TT2...TTn) for a ST (source text).

The ability to select only one TT from this series, quickly and with justified confidence, and to propose this TT as a replacement of ST for a specified purpose and reader.

³⁵ The definition of translational competence may be used to define a translation error as a manifestation of a defect in any of the factors entering into the above skills. But such simple negation puts relatively little order into a very confused field, basically because errors may be attributed to numerous causes (lack of comprehension, inappropriateness to readership, misuse of time) and located on numerous levels (language, pragmatics, culture), but also because the terms often employed to describe such errors (overtranslation, under-translation, discursive or semantic inadequacy, etc.) lack commonly agreed distinctions or fixed points of reference: “equivalence” has been used and abused so many times that it is no longer equivalent to anything, and one quickly gets lost following the wanderings of “discourse” and associated concepts.

métodos de traduzir, teve um grande impacto nas discussões tradutórias, sendo, até hoje, referência para estudiosos na área em questão.

O tradutor, de acordo com o teórico, é a pessoa responsável por conseguir realizar a mediação linguística entre as culturas. Schleiermacher (2007 [1813]) busca mostrar que não existe uma correspondência exata entre o léxico de uma língua com o léxico da outra e, caso isso fosse possível, a tradução se tornaria uma atividade meramente mecânica. Sendo assim, quanto mais distantes estão as línguas, quanto à origem e ao tempo, mais diferentes serão e, por consequência, menos correspondentes.

Schleiermacher (2007 [1813]) afirma que existem duas maneiras de lidar com a não equivalência – a paráfrase e a imitação:

A paráfrase quer dominar a irracionalidade da língua, mas apenas de um modo mecânico. Ela significa que mesmo que eu não encontre uma palavra que corresponda a uma da língua original, eu devo buscar me aproximar o mais possível de seu valor por meio do acréscimo de determinações delimitadoras e ampliadoras. [...] A imitação, ao contrário, curva-se diante da irracionalidade das línguas; confessa que não se pode reproduzir em outra língua a imagem de uma obra de arte do discurso em que cada uma de suas partes corresponda exatamente a cada uma das partes do original, mas, que devido à diferença das línguas, a que estão ligadas tantas outras diferenças, não resta senão elaborar uma cópia, um todo composto de partes visivelmente diferentes das partes do original, mas que no efeito se aproxime do outro, tanto quanto a diferença de material permita (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 9).

Ao tratar da tradução, Schleiermacher (2007 [1813]) fornece duas possibilidades diferentes em relação à atitude do tradutor com o seu leitor. Segundo ele: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 242). Na primeira situação, o tradutor busca fornecer pistas para que o leitor interprete de forma a conhecer o contexto e a construção da obra. Na segunda situação, o tradutor faz o percurso até o leitor, adaptando o texto e criando, assim, um ambiente familiar. Segundo o autor, ao optar por uma dessas escolhas, o tradutor deve se manter fiel a ela para que o texto não se torne incompreensível para o leitor: “[...] o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra, na língua original, busca o homem culto [...]” (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 246).

Schleiermacher (2007 [1813]) afirma, então, que traduzir um texto tal como o autor mesmo teria escrito originalmente é algo inatingível. Não é possível separar uma pessoa da sua “bagagem”, de seus conhecimentos e vivências, pois a língua se identifica com a singularidade de um povo. Entretanto, isso não impede a tradução, já que foi (e é) possível “escrever e inclusive filosofar e cultivar a poesia originalmente em línguas que não eram a nativa” (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 255). Atualmente, temos mais recursos tecnológicos e podemos conhecer diversas culturas, aprender sobre elas e “entender” um pouco melhor sobre os autores antes de traduzir.

Lawrence Venuti, teórico e historiador da tradução, atualizou as propostas de Schleiermacher com os conceitos de *estrangeirização* e *domesticação*. Segundo o teórico estadunidense, tais conceitos estão ligados aos termos invisibilidade e fluência. *Invisibilidade* é utilizado por ele para caracterizar a situação e a atividade do tradutor como manipulador da linguagem traduzida nas culturas contemporâneas. O autor tem liberdade para expressar seus pensamentos e sentimentos por meio da escrita, o que é visto como uma autorrepresentação original e transparente. Tal representação é construída sem a mediação de determinantes linguísticos, culturais e sociais, que poderiam complicar a originalidade autoral (VENUTI, 2008[1995]).

A noção de *invisibilidade* está diretamente ligada com o conceito de *fluência*:

Uma tradução, sendo ela prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerada aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando esta é lida fluentemente. A fluência é caracterizada pela ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística fazendo com que o texto pareça transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou intenção do escritor estrangeiro ou o significado essencial dessa obra estrangeira – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas sim o “original” (VENUTI, 2008[1995], tradução nossa)³⁶.

Uma tradução fluente, então, é facilmente reconhecível e inteligível, domesticada, ela é capaz de fornecer ao leitor livre acesso a grandes pensamentos, ao que está “presente no original”.

Ao considerar a fluência do texto, o tradutor também deve levar em conta os dois conceitos propostos por Venuti (2008 [1995]). Os termos *domesticação* e

³⁶ A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original” (VENUTI, 2008 [1995], p. 1).

estrangeirização indicam atitudes tradutórias fundamentalmente éticas em relação a um texto e cultura estrangeiros.

Dessa forma, o processo de recepção de um texto traduzido pautado na *domesticação* é caracterizado pela fluência de leitura, sendo que o leitor, muitas vezes, não possui a consciência de que está lendo um texto traduzido. O processo de *estrangeirização*, por outro lado, leva a uma interrupção da fluência, para que elementos não familiares ao leitor, como estrangeirismos e inserções no texto, tenham impacto no processo de recepção da obra.

Ao optar pelo processo de domesticação, o tradutor escolhe remover as diferenças culturais entre a língua de partida e a língua de chegada, adaptando o texto à cultura a que a obra é destinada. Já na estrangeirização, ele prefere manter a estranheza do texto original e da cultura de partida.

Essas diferenças culturais estão presentes no que chamamos de “marcadores culturais”, que são palavras, expressões, ditados ou até mesmo xingamentos específicos de uma determinada língua. Na área dos estudos literários, existe uma vasta gama de autores que tratam desse conceito. Dentre eles discutiremos Aubert (2006), Hoebel & Frost (2006) e Bosi (1992).

Segundo Aubert (2006), toda manifestação linguística carrega uma ou mais marcas do vínculo presente entre língua e cultura:

tudo na língua e toda expressão da língua na fala porta em si uma ou mais marcas reveladoras deste vínculo cultural, traços que remetem a conjuntos de valores, de padrões comportamentais, lingüísticos e extralingüísticos que, tanto quanto os traços pertinentes fonológicos, gramaticais e semânticos, individualizam e caracterizam ou tipificam determinado complexo língua/cultura em relação a outras línguas/culturas, próximas ou distantes (por qualquer critério de proximidade ou distância que se queira adotar). (AUBERT, 2006, p.24)

Aubert categorizou tais marcadores culturais nos domínios: ecológico (designando seres, objetos e eventos da natureza), material (objetos criados ou modificados pelo homem), social (referentes a classe, função, hierarquia etc. do homem na sociedade na qual este está inserido), e ideológico (crenças, folclores, mitologias, rituais existentes em uma cultura).

Complementando essa argumentação, os antropólogos Hoebel & Frost (2006) também propõem discussões para pensar essa relação entre língua e cultura.

Segundo os autores, tal relação está interligada intrinsecamente, ou seja, uma não existe sem a outra. Para eles, a cultura seria impossível sem a linguagem humana:

Todos os animais que sentem se comunicam e alguns, como as abelhas e as doninhas o fazem muitíssimo bem. Mas somente os seres humanos são capazes de generalizar, de dar explicações e, assim, constituir o corpo de tradições que pode ser identificado como cultura humana. O que não é claro a respeito dos animais que não são seres humanos é até que ponto seus padrões de comunicação são aprendidos. Os seres humanos aprendem uma língua do mesmo modo que aprendem uma cultura; não nascem com a linguagem. Assim a linguagem é “um sistema distintamente humano de comportamento, baseado em símbolos orais”, que são “usados para descrever, classificar e catalogar experiências, conceitos e objetos.” Portanto, a linguagem é um sistema especial de comunicação que é especificamente oral e simbólico. E é aprendido (HOBEL & FROST, 2006, p. 381).

Ambas as obras aqui analisadas, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, são escritas utilizando uma linguagem informal. Carolina Maria de Jesus, muitas vezes, faz uso da ortografia das palavras baseada na sua pronúncia, deixando os livros com marcas da oralidade de sua época, além do uso de expressões datadas e muito específicas da cultura brasileira.

Alfredo Bosi (1992), crítico e historiador da literatura brasileira, sugere algumas definições do termo “cultura”, desde sua proposição pela Antropologia Cultural brasileira até a ampliação do conceito na contemporaneidade:

A tradição da nossa Antropologia Cultural já fazia uma repartição do Brasil em culturas aplicando-lhes um critério racial: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças. Uma obra excelente, e ainda hoje útil como informação e método, a Introdução à antropologia brasileira, de Arthur Ramos, terminada em 1943, divide-se em capítulos sistemáticos sobre as culturas não europeias (culturas indígenas, culturas negras, tudo no plural) e culturas europeias (culturas portuguesa, italiana, alemã...), fechando-se pelo exame dos contatos raciais e culturais. Os critérios podem e devem mudar. Pode-se passar da raça para nação, e da nação para a classe social (cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa, cultura operária), mas, de qualquer modo, o reconhecimento do plural é essencial (BOSI, 1992, p. 308).

O autor também discute sobre o termo “cultura”, que pode ser diferenciado entre a cultura erudita e a cultura popular brasileira:

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (BOSI, 1992, p. 308).

O fato das obras da escritora Carolina Maria de Jesus conterem diversos aspectos da cultura popular brasileira, além da autora fazer parte dessa cultura e não da cultura erudita, impacta na forma como os livros foram escritos e lidos. Por isso, durante sua época de publicação e, ainda hoje, são motivos de críticas.

Como foi observado, existe uma diferença considerável no perfil tradutório dos tradutores responsáveis por levarem as obras *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* para a língua inglesa. David St. Clair, tradutor de *Quarto de Despejo*, como foi possível notar, teve pouca experiência com a tradução, já que não encontramos nenhum outro trabalho na área. Algumas de suas obras publicadas, apesar de apresentarem temáticas distintas da obra traduzida, lidam com aspectos da cultura brasileira. Por outro lado, Robert Levine e Melvin S. Arrington apresentam mais experiência com a cultura brasileira e a tradução, inclusive já tendo publicado materiais anteriores sobre a autora e outras traduções na área.

No capítulo 3, além da discussão metodológica, analisaremos trechos representativos das obras traduzidas para que possamos comparar com a obra original, em português. Dessa forma, poderemos observar como as escolhas tradutórias de cada tradutor foram feitas e qual o impacto disso nas culturas de partida e de chegada. Nesse sentido, pretendemos propor uma crítica da tradução que:

[...] consiste no confronto analítico e comparativo do texto original e da respectiva tradução, perspectiva esta que tem como intenção inventariar e comentar semelhanças e diferenças de estrutura e linguagem entre o texto de partida e o de chegada, com vista a esclarecer o processo de tradução individual, a estratégia adoptada pelo tradutor e a sua adequação à tradução efectuada (MARTINS, 1999, p.39).

Para isso, selecionamos excertos representativos da análise total que contêm aspectos relevantes da cultura brasileira, como marcadores culturais, referências à personagens da obra, coloquialismo e norma culta, questões étnicas, além dos marcadores culturais.

4. CAPÍTULO 3: REFLEXÕES COMPARADAS DAS TRADUÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS

No presente capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada para analisar os excertos selecionados de cada livro. É relevante destacar que, neste trabalho, priorizaremos e teremos como foco a análise lexical dos excertos selecionados. A análise, na maior parte dos excertos, será feita por meio da comparação das posturas tradutórias dos dois livros. Entretanto, é importante mencionar que existem aspectos únicos de cada obra, que, portanto, foram analisados de forma singular. Dentre as questões encontradas, falaremos sobre o título da primeira obra publicada, oralidade e ortografia, questões linguísticas, pronomes, nomes próprios, toponímias, bebidas e comidas, correspondências, personagens públicos, notas de rodapé, escolhas lexicais, cultura negra, erros, acréscimos e omissões.

4.1. METODOLOGIA

A análise aqui feita tem como base uma abordagem qualitativa dos excertos dos textos traduzidos, escolhidos levando em questão o método de análise de conteúdo. *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, e suas respectivas traduções para a língua inglesa, são textos literários que possuem diversos traços de seus contextos de origem e das visões de mundo de cada país. É relevante destacar que discutiremos como os textos interagem entre si, ampliando, assim, a percepção acerca da chegada das obras da autora Carolina Maria de Jesus ao sistema literário estadunidense.

Para preservar os parâmetros de análise, empregamos categorias elaboradas a partir da análise de conteúdo. Esse método estabelece condições para a categorização do trabalho, conforme abaixo descrito³⁷:

- (i) *Possuir regras claras de inclusão e exclusão: é relevante que existam regras objetivas sobre os limites e as definições de cada categoria.* No presente trabalho, priorizamos agrupar os excertos, primeiramente, pelo volume de recorrência para, em seguida, classificá-los nas categorias: título da primeira obra publicada, oralidade e ortografia, questões

³⁷ CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, Paraná, v. 7, n. 1, 2016.

linguísticas, pronomes, nomes próprios, toponímias, bebidas e comidas, correspondências, personagens públicos, notas de rodapé, escolhas lexicais, cultura negra, erros, acréscimos e omissões.

- (ii) *Ser mutuamente excludente: o que ocupa uma categoria, não pode ocupar outra.* Optamos então por separar em categorias divergentes as informações contidas em notas de rodapé, no título e no corpo do texto, por exemplo;
- (iii) *Não ser muito vasta: precisam ser homogêneas, e não muito distantes entre si.* Os aspectos da apresentação da cultura brasileira, presentes nos livros, permeiam toda a análise. Entretanto, eles foram apresentados em discussões mais concisas para que pusessemos aprofundar nas discussões dos exemplos;
- (iv) *Contemplar todos os conteúdos possíveis: não pode haver conteúdos que não pertençam a nenhuma categoria.* Todas as partes encontradas que tangem às escolhas dos tradutores, David St. Clair e Robert M Levine e Melvin S. Arrington Jr., foram agrupadas em uma das categorias propostas;
- (v) *Ter objetividade, sem subjetivismos: é preciso que a classificação seja objetiva, para que haja a possibilidade da replicação do estudo.* Acreditamos, até mesmo, que a análise proposta nesse estudo seja importante para futuros estudos a respeito da tradução da literatura brasileira para a língua inglesa.

4.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste item, discutiremos excertos representativos da análise total retirados de *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961) e suas respectivas traduções *Child of the Dark* (1962) e *I'm going to have a little house* (1997). Buscamos analisar pelo menos um exemplo de cada aspecto encontrado nas obras. Algumas vezes, foi possível fazer a análise comparando os dois livros e, conseqüentemente, os dois tradutores. Entretanto, existem aspectos singulares que foram observados em apenas uma das obras, como será analisado a seguir. Discorreremos sobre o título da primeira obra publicada, oralidade e ortografia, questões linguísticas, pronomes, nomes

próprios, toponímias, bebidas e comidas, correspondências, personagens públicos, notas de rodapé, escolhas lexicais, cultura negra, erros, acréscimos e omissões.

No quadro 1, é possível observar o uso de “Quarto de Despejo” dentro da obra de Carolina Maria de Jesus, inclusive explicando a motivação para a escolha desse termo como título de seu livro.

Quadro 1: Uso do título na obra *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 1976. p.30)	I classify São Paulo this way: The Governor's Palace is the living room. The mayor's office is the dining room and the city is the garden. And the favela is the backyard where they throw the garbage. (JESUS, 2003, p. 24)
Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1976. p. 35)	When I am in the city I have the impression that I am in a living room with crystal chandeliers, rugs of velvet, and satin cushions. And when I'm in the favela I have the impression that I'm a useless object, destined to be forever in a garbage dump . (JESUS, 2003, p. 29)
[...] mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada (JESUS, 1976, p. 142)	[...] but he must learn that a favela is the garbage dump of São Paulo, and that I am just a piece of garbage (JESUS, 2003, p. 135)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

A autora utiliza o conceito das repartições de uma casa para descrever a cidade de São Paulo. Segundo ela, a favela seria o “quarto de despejo”. Esse termo era muito usado no Brasil para designar um cômodo da casa onde as pessoas guardavam coisas que não tinham utilidade: “Local destinado à acumulação de coisas inúteis: quarto de despejo³⁸”. Apesar de aparecer a palavra “lixo” em uma ocorrência, a autora prefere utilizar durante a narrativa o conceito de despejada.

Já em inglês, o título da obra é *Child of the Dark*. Não é possível fazer nenhuma ligação entre essa escolha com o nome original da obra. Além disso, em momento algum o tradutor explica o motivo da escolha da mudança do título. Durante o corpo do texto, St. Clair faz uso da expressão “garbage dump” no lugar de “quarto de despejo”. Entretanto, tal escolha causa uma mudança de sentido na tradução, já que

³⁸ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/despejo/>> Acesso em: 11 jan. 2022.

evoca mais noção de lixeira/lixo: “um lugar grande onde você leva o lixo para ser descartado”³⁹. Na terceira linha do quadro 1, podemos observar como a alteração de “despejo” para “lixo” na tradução faz parecer que a autora se chamou de lixo.

Quadro 2: Uso de "Quarto de Despejo" em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Isso é despejo ? — Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo . (p.47)	“Is this garbage ?” “No, it’s not garbage. I am leaving the garbage room . (p.31)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, Carolina faz referência ao mesmo termo. Os tradutores utilizam a mesma expressão escolhida por St. Clair, ou seja, mantendo a ideia de lixo. Como mencionamos no capítulo 1, a primeira tradução era conhecida e utilizada pelos tradutores da segunda obra. Por esse motivo, eles podem ter optado por manter o termo já utilizado previamente. Entretanto, é relevante destacar o comentário feito pelos tradutores no posfácio da obra:

Para compreender a relevância da Casa de Alvenaria, é preciso conhecer a história do primeiro diário de Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo (The garbage room). As 182 páginas de Quarto de Despejo descrevem em detalhes vívidos como a autora sobreviveu catando lixo. Refere-se não apenas ao lixo encontrado nas favelas, aos barracos dos pobres urbanos, mas ao nome dado a um quarto nos fundos de muitas casas brasileiras, uma varanda fechada, ou um espaço sob a varanda dos fundos, usado para armazenamento de lixo antes de seu descarte. O título, então, refere-se a um lugar indescritível onde se permitia o acúmulo de refugos e lixo – assim como refugio humano e pessoas consideradas lixo podiam se acumular nas crescentes favelas das cidades brasileiras.⁴⁰

Apesar de apresentar alguns comentários exagerados, como “pessoas consideradas lixo” os tradutores de *Casa de Alvenaria* demonstraram entendimento

³⁹ a big place where you take garbage to be disposed of. Fonte: <<https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/garbage-dump>> Acesso em: 11 jan. 2022.

⁴⁰ To understand the relevance of Casa de Alvenaria, one must know the story of the first diary of Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo (The garbage room). Quarto de Despejos’ 182 pages describe in vivid detail the way its author survived by scavenging for trash. It refers not only to the garbage found in favelas, the shacks of the urban poor, but the name given to a back room in many Brazilian houses, an enclosed porch, or a space under the back stoop, used for storage of junk before its disposal. The title, then, refers to a nondescript place where castoffs and garbage were allowed to accumulate-just as human castoffs and people considered rubbish were allowed to accumulate in the growing shantytowns of Brazil’s cities.

do significado do título da primeira obra, lembrando esse aspecto do quarto de uma casa.

Quadro 3: Exemplo de oralidade e grafia não padronizada na obra *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Mas feitiço não existe. — Existe sim. Eu vi ela fazê (JESUS, 1976, p. 50).	“But there’s no such thing as a witch” “Yes there is and she is one. I’ve seen her do it.” (JESUS, 2003, p. 45).
...Ouvi uns buatos que os fiscaes vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barracões sem ordem (JESUS, 1976, p. 71).	I heard the rumor that the police are going to demand the favelados get off State land where they’ve built their shacks without permission (JESUS, 2003, p. 65).

Fonte: Própria (2022).

Durante toda a obra de Carolina, é possível notar o seu jeito singular de anotar seu dia a dia. Em *Quarto de Despejo*, é possível observar vários exemplos, como na sentença “eu vi ela fazê”. A autora usa a grafia representativa da oralidade. No inglês, além da falta dessa marca, St. Clair optou por frases com estruturas mais complexas, como o uso do presente perfeito. Nesse exemplo, é possível também notar que existe uma mudança de sentido com a troca de “feitiço” por “witch”, bruxa.

Ainda no âmbito da palavra, existem diversos exemplos de grafias não padronizadas no texto-fonte, que não são passadas para a obra traduzida. Nesse excerto, temos a mudança na grafia das palavras “buatos” e “fiscaes”, no português, enquanto o texto traduzido segue o inglês escrito padrão. Ademais, mantêm-se, como no trecho anterior, construções sintáticas mais rebuscadas do que no original, como “they’ve built”.

Quadro 4: Exemplo de desvio de ortografia e da norma culta na obra *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Nós somos da televisão e eu vim convidar a senhora para ir num programa. Tem que está lá as 8 horas. (JESUS, 1961, p. 16)	“We’re from the tv station and we want to invite you to be on a program. You have to be there at 8 P.M.” (JESUS, 1997, p.6)
O seu esposo Chico pediu a uma senhora para ir a farmácia comprar uma injeção. (JESUS, 1961, p. 24)	Her husband Chico asked a woman to go to the pharmacy to by a syringe. (JESUS, 1997, p.12)

Fonte: Própria (2022).

Em *Casa de Alvenaria*, podemos encontrar durante a obra diversos exemplos de desvio da ortografia e da norma culta do português. Na primeira linha, vemos o uso da linguagem informal “num” em vez de “em um” e o verbo escrito da forma como se fala, “está” no lugar de “estar”. No segundo exemplo, temos a falta de crase na vogal “a” antes de farmácia e a grafia equivocada de “injeção”.

Assim como em *Quarto de Despejo*, os tradutores mantêm um inglês padrão e culto. Entretanto, em seus comentários sobre a tradução, eles mencionam essa característica muito comum no livro em português:

Esta tradução visa capturar o estilo de escrita desajeitado de Carolina, que os brasileiros muitas vezes criticam. Por exemplo, Carolina começa muitas frases com "eu pensei:". Ela costuma usar nomes completos — Sr. Antonio Soeiro Cabral — quando na fala normal se usaria apenas o primeiro nome ou o sobrenome, ou usa códigos, chamando Audálio Dantas de "o repórter". [...] Ela é muito inconsistente no uso de sotaques, uma marca de uma pessoa não escolarizada. Seu fraseado é muitas vezes incomum, um estilo que ela desenvolveu quando não sonhava que sua escrita seria lida por ninguém, exceto por seus filhos. Ela comenta diretamente sobre o que ela fez: eu olhei. Ela repete algumas frases: "Eu acordei", "Eu tive a impressão disso." Ela escreve sobre detalhes que nem sempre são necessários: "Eu cumprimentei [fulano e -então]... me despedi e saí." Ela frequentemente reitera temas como o alto custo de vida dos pobres e recorrentemente conta como as pessoas a pararam na rua depois que ela ficou famosa. Ela repete palavras onde autores experientes provavelmente teriam substituído por sinônimos.⁴¹

Apesar de explicarem brevemente sobre a forma de escrita da autora, é possível notar, de certa forma, uma crítica por parte dos tradutores, que chamam a escrita da autora de “desajeitada/estranha”.

⁴¹ This translation aims at capturing Carolina's awkward writing style, which Brazilians often criticized. For example, Carolina starts many sentences with "I thought:". She often uses full names — Sr. Antonio Soeiro Cabral — when in normal speech one would use only the first or last name, or she uses codes, calling Audálio Dantas "the reporter." [...] She is very inconsistent in her use of accents, a mark of an un- schooled person. Her phrasing is often unusual, a style she developed when she did not dream that her writing would be read by anyone except her children. She comments directly on what she did: I looked at." She repeats certain phrases: "I awoke at," "I had the impression that." She writes about details that may not always be necessary: "I greeted [so-and-so]... I said goodbye and took my leave." She often reiterates themes such as the high cost of living for the poor and recurrently tells how people stopped her in the street after she became famous. She repeats words where experienced authors would probably have substituted synonyms.

Quadro 5: Notas linguísticas explicativas em *Casa de Alvenaria*

She writes "spiquer," a Brazilian adaptation of the English word "speaker."
Actually, a bonde, or electric bus. The word bonde came from the English word "bonds," which were floated to permit Brazilian cities to acquire electrified urban transport. (Bonde: trolley/streetcar)
The word brincos [earrings] can also mean "toys" in old usage.
The cabbie uses "credo," a word used by those born in Minas Gerais that is akin to saying "Jesus."
Carolina uses the word bares, "bar," indicating that she ate at working-class cafés where simple meals, usually rice, beans, and a little meat, were served as well as beer and pinga to drink.

Fonte: Própria (2022).

É interessante também observar as notas tradutórias de Levine e Arrington Jr. em *Casa de Alvenaria*. Os tradutores procuram informar diversas questões linguísticas específicas do português. Palavras que são típicas de uma determinada região, como o "credo" em Minas Gerais e outras regiões do Brasil. Anotações sobre como Carolina escreveu determinadas palavras, como "speaker", que é uma palavra inglesa. Essa atitude mostra uma preocupação dos tradutores em inserir o leitor no processo tradutório, compartilhando conhecimentos sobre a língua portuguesa e suas especificidades.

Quadro 6: Uso de “seu/sua”, “senhor/senhora” e “dona” na obra *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Já me habituei beber café na casa do Seu Lino (JESUS, 1976, p. 21-22).	I'm used to drink coffee in Senhor Lino's house (JESUS, 2003, p. 16).
Surgio a D. Cecilia (JESUS, 1976, p. 13).	Dona Cecilia appeared (JESUS, 2003, p. 7).
– Para a senhora ele esta bem, porque ele e solteiro e a senhora também (JESUS, 1976, p. 163).	“For the senhora he is very good, because he is single and the senhora is too (JESUS, 2003, p. 156)”.
Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos (JESUS, 1976, p. 18-19).	When I was returning I met Ismael with a knife at least a foot long (JESUS, 2003, p. 14).
E expliquei ao senhor o que é que eu escrevo (JESUS, 1976, p. 93).	I explained to the gentlemen what I was writing (JESUS, 2003, p. 88).
[...] parei para conversar com uns senhores e com o jornaleiro (JESUS, 1976, p. 92).	[...] stopped to talk with the vendor and some men (JESUS, 2003, p. 86).
– Não fique triste mamãe. Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora (JESUS, 1976, p. 14).	“Don't be sad, Mama. Our Lady of Aparecida will help you [...] (JESUS, 2003, p. 9)”.

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Em *Quarto de Despejo*, David St. Clair escolhe deixar palavras em língua portuguesa no texto em inglês. Algumas dessas palavras são: senhor, senhora, seu, dona e suas variações. Entretanto, como podemos observar no quadro 6, não há uma padronização durante esse uso. Nas linhas um, dois e quatro, é possível ver que essas palavras funcionam como pronomes de tratamento, aparecendo antes de nome próprio. Nesses casos, em inglês, vemos diferentes escolhas tradutórias: “seu” é transformado em “senhor”, a abreviação de dona passa a ser escrita por extenso, mas continuando em português e, no caso da quarta linha, o tradutor optou por suprimir a palavra “senhor”. Nos outros casos, St. Clair prefere ou manter a palavra em português ou substituir por alguma palavra de língua inglesa, como “some men”, “gentlemen” e “you”. Nessas ocorrências, não parece haver um padrão para essa substituição ou não das palavras, ressaltando, mais uma vez, a não manutenção de suas escolhas. É relevante ressaltar que, diferentemente dos tradutores do segundo livro, ele não fornece nenhuma explicação ao leitor sobre o que os pronomes de tratamento são e como são utilizados em português, podendo gerar uma confusão no público-alvo.

Quadro 7: Uso de “seu/sua”, “senhor/senhora” e “dona” na obra *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Não tenho tido tempo de ir vender no Senhor Manoel. (JESUS, 1961, p.11)	I haven't had time lately to sell to Sr. Manoel. (JESUS, 1997, p.1)
O Senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. (JESUS, 1961, p.11)	Sr. Luiz Barbosa, who lives near the favela, gave me some kindling. (JESUS, 1997, p.1)
- Oh D. Antonieta, muito obrigada e Deus te dê um <u>noivo</u> bom e bonito! (JESUS, 1961, p.12)	“Oh, Dona Antonieta, thank you and may God give you a handsome <u>boyfriend</u> .” (JESUS, 1997, p.2)
— Dona Carolina, tem visita! (JESUS, 1961, p.18)	“ Dona Carolina, someone's here to see you!” (JESUS, 1997, p.7)
A Vera perguntou ao guarda: — Seu guarda, o D. Pedro está? (JESUS, 1961, p.67)	Vera asked the guard, “Sr. Guard, is Dom Pedro in?” (JESUS, 1997, p.48)
Fiquei horrorizada vendo a Dona Lei intervir-se numa festa inofensiva. (JESUS, 1961, p.68)	I was horrified to see “ Miss Law ” interfere with an inoffensive festivity. (JESUS, 1997, p.48)
Êles tem dinheiro para pagar a Dona Lei e suas confusões. (JESUS, 1961, p.85)	They have the money to buy off the Law and its entanglements. (JESUS, 1997, p.63)
Fui visitar o meu barracão. O Seu Chico modificou. (JESUS, 1961, p.129)	I went to see my shack. Seu [Pal] Chico had made some changes. (JESUS, 1997, p.103)
O Seu Chico estava deitado. A cama estava suja. Não por desleixo, mas por falta de sabão. (JESUS, 1961, p.159)	Seu Chico was sleeping. The bed was dirty. This was not because of carelessness but because they couldn't afford to buy soap. (JESUS, 1997, p.129)
O que pertence ao Universo não tem protocolo. Não podemos dizer Senhor Sol, Dona Lua, Senhor Vento. (JESUS, 1961, p.171)	What belongs to the universe doesn't require conventions. We don't call the sun, Sr. Sun, or the moon, Dona Moon, or the wind, Sr. Wind. (JESUS, 1997, p.140)
A senhora que estava na caixa telefonou-lhe (JESUS, 1961, p.13)	The woman at the cash register phoned him. (JESUS, 1997, p.3)
—De que jornal é o senhor ? (JESUS, 1961, p.14)	What newspaper are you with (JESUS, 1997, p.3)
—Chi... já é muito velha! Senão eu me casava com a senhora . (JESUS, 1961, p.28)	“Gee... that's very old. Otherwise I'd marry you .” (JESUS, 1997, p.16)
Sentamos na sala de espera. Conversei com as ilustres senhoras que estavam presentes. (JESUS, 1961, p.65)	We sat in the waiting room. I chatted with the illustrious ladies who were present. (JESUS, 1997, p.46)
— Ela foi minha mãe lá no Rio. Nunca mais hei de esquecer a senhora . (JESUS, 1961, p.110)	“She was my mother there in Rio. I am never going to forget that lady .” (JESUS, 1997, p.85)
O senhor Vitor de Lara perguntou:	Sr. Vitor de Lara asked me, “Why didn't you get married?” (JESUS, 1997, p.131)

— Por que a **senhora** não casou-se?
(JESUS, 1961, p.161)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, os tradutores optaram por deixar menos palavras em português no corpo do texto. O uso de “seu”, explicado em sua primeira ocorrência como o correspondente a “pal”, em inglês, é mantido em português quando empregado novamente. Entretanto, dentre outros significados, em português utilizamos “seu” como um pronome de tratamento que indica respeito à pessoa com quem se fala: “senhor ('tratamento respeitoso') [Empr. diante de nome de pessoa, ou de outro axiônimo, ou de palavra designativa de profissão.]⁴². Já “pal” é mais usado para tratamento de pessoas mais próximas, como melhores amigos ou, ainda, para pessoas inconvenientes: “noun [C] informal, 1. a friend: You're my best pal. [as form of address] 2. used when talking to a man, sometimes in a friendly way but more often to a man who is annoying you: Look, pal, you're asking for trouble.”⁴³

Nas outras ocorrências, os tradutores preferiram abreviar senhor para “sr.”, mas com o feminino, “senhora”, optaram por substituir por palavras como “you, ladies, miss, woman” sem uma padronização específica. Além de manter a palavra “dona” por extenso, inclusive onde Carolina havia abreviado com um “D.”. O uso dessas escolhas também foi justificado pelos tradutores através das notas:

Esta é a maneira como Carolina escreveu, e nós temos buscado, da melhor forma possível, capturá-la na tradução. Embora tenhamos tentado preservar seu estilo distinto de escrita, a grafia dos nomes e o uso de sotaque foram consistentes na tradução. Sr. é abreviado consistentemente na tradução, embora Carolina às vezes tenha escrito por extenso. Também seguimos o uso de letras maiúsculas de Carolina. [...] Ela se refere aos seus pares femininos como "Dona", um termo formal semelhante a "Mrs." que sempre precede o primeiro nome, e distingue entre Sr. (Senhor), que geralmente ela não usa maiúscula, e Dr., que ela usa para pessoas que aparentam ser instruídas. Às vezes, sem motivo aparente, ela dá ênfase aos títulos: Dr., ou Dona (tradução nossa).⁴⁴

⁴² Fonte: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> Acesso em: 13 jan. 2022.

⁴³ “substantivo, informal, 1. um amigo: Você é meu melhor amigo. [como forma de tratamento] 2. usado quando se fala com um homem, às vezes de maneira amigável, mas mais frequentemente com um homem que está incomodando você: Olha, amigo, você está pedindo encrenca.” (tradução nossa) Fonte: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/pal>> Acesso em: 13 jan. 2022.

⁴⁴ This is the way Carolina wrote, and we have to the best of our ability sought to capture it in translation. Although we have attempted to preserve her distinctive writing style, spellings of names and use of accent marks have been made consistent in the translation. Sr. is abbreviated consistently in the translation, although Carolina sometimes wrote it out. We have also followed Carolina's capitalization. [...] She refers to her female peers as "Dona," a formal term akin to "Mrs." that always precedes the first name, and distinguishes between Mr. (Senhor), which usually she does not capitalize, and Dr., which

Quadro 8: Nota de tradução presente em *Casa de Alvenaria*

Carolina usually does not capitalize “Sr.” (Senhor, or Mister), although in Portuguese, as in English, this title is capitalized. She does capitalize “Dr.,” however. Sometimes she refers to the same person as Sr. on some occasions and Dr. on others.⁴⁵

Fonte: Própria (2022).

No quadro 8, podemos observar uma nota de tradução escrita por Robert M Levine e Melvin S. Arrington Jr. comentando que, certas vezes, Carolina não escreve a abreviação de “senhor” com letra maiúscula, mesmo que em português e inglês eles deveriam ser escritos assim. Entretanto, ela escreve a abreviação de “doutor” com maiúscula. Além disso, eles comentam que ela troca o uso de “Dr.” e “Sr.,” variando para a mesma pessoa.

Quadro 9: Nomes próprios presentes na obra *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Carolina	Carolina
Vera Eunice	Vera Eunice
José Carlos	José Carlos
João José	João
Maria Puerta	Maria Puerta
Maria dos Anjos	Angel Mary
Nossa Senhora Aparecida	Lady of Aparecida
Nossa Senhora	Our Lady
Pedrinho	Little Pedro
Joãozinho	Little João
Sansão	Samson
João Coque	Johnny Coque
Binidito Onça	Tiger Benny
Bonito	Handsome
Chiclé	Chiclet
Florenciana	Florentina
Manoel	Manuel
Manolo	Marólo
Nenê	Nené
Nena	Lena/Nena
Dorça	Corça
Dario	Dorio
Valdemiro	Valdemar

she uses for people who appear to be educated. Sometimes, for no apparent reason, she adds emphasis to titles: Dr., or Dona.

⁴⁵ Carolina geralmente não escreve “Sr.” (Senhor, ou Mister) com letra maiúscula, embora em português, como em inglês, este título seja escrito assim. No entanto, ela coloca maiúscula em “Dr.”. Às vezes, ela se refere à mesma pessoa como Sr. em algumas ocasiões e Dr. em outras (tradução nossa).

Meyri/Meiry	Meryi/Meiry
-------------	-------------

Fonte: Própria (2022).

Com relação aos nomes próprios presentes em *Quarto de Despejo*, podemos observar novamente uma falta de padronização nas escolhas tradutórias de David St. Clair. Nas cinco primeiras linhas, vemos que ele optou por manter os nomes em português, principalmente dos personagens principais: Carolina e seus filhos. Em outros casos ele preferiu traduzir, como “Sansão” que passou para “Samson”. Algumas traduções modificaram o nome dos personagens, já que, em “Maria dos Anjos”, “dos Anjos” é sobrenome e, em inglês, passa a ser nome próprio “Angel Mary”. Tal fato é relevante mencionar, uma vez que os personagens representam pessoas reais que conviveram com Carolina. Em outros momentos, o tradutor optou por trocar os nomes em português, mas não para opções em inglês: “Florenciana” para “Florentina”, “Dorça” para “Corça”, “Valdemiro” para “Valdemar”. Não é possível traçar uma explicação para tal postura, pois os nomes mantidos em português continuam causando um “estranhamento” no leitor, não justificando, então, a mudança.

Quadro 10: Erro com relação aos nomes próprios em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Parou para brincar com a Neide e começou falar do Bobo (JESUS, 1976, p. 92).	He stopped to play with Neide and started to talk foolishness to me (JESUS, 2003, p. 86).
Eu intervi porque ela está gestante. Eu saí para procurar o Bobo para ele retirar o Alexandre de dentro da casa (JESUS, 1976, p. 95).	I intervened because she’s pregnant. I went looking for Bobo so he would take Alexandre out of the house (JESUS, 2003, p. 89).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

É importante ressaltar que St. Clair comete um erro com relação aos nomes próprios que são apelidos. Na primeira linha, Carolina fala de um personagem chamado Bobo, mas o tradutor entende como substantivo e o traduz como se alguém estivesse falando bobagens com ela. Algumas páginas depois, o mesmo personagem é retomado e, nessa ocorrência, a tradução é feita corretamente como nome próprio. Entretanto, o tradutor não volta ao texto para fazer essa correção, mostrando uma falta de revisão e planejamento tradutório.

Quadro 11: Nomes próprios presentes na obra *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Carolina	Carolina
Vera	Vera
João	João
José Carlos	José Carlos
Antonieta	Antonieta
Antonio Soeiro	Antonio Soeiro
Paulino de Moura	Paulino de Moura
Alice	Alice
Juana	Juana
José Hamilton	José Hamilton
Leila	Leila
Chica	Chica
Meyri	Meyri

Fonte: Própria (2022).

Os nomes próprios presentes em *Casa de Alvenaria* foram todos mantidos com a mesma grafia do português. Tanto os nomes dos personagens principais, como os de Carolina e sua família, quanto os dos personagens menos recorrentes. É interessante notar que até mesmo os nomes em que a grafia provavelmente estava errada, baseada na fala, como Juana, foram mantidos da mesma forma em inglês.

Quadro 12: Toponímias presentes na obra *Quarto de Despejo* e seus correspondentes no inglês

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Tietê	Tieté
Rua Javaés	Javais street
Rua Paulino Guimarães	Paulo Guimarães Street
Avenida Cruzeiro do Sul	Southern Cross Avenue/Avenue Cruzeiro do Sul
São Vicente de Paula	St. Vincent de Paul
Alto de Vila Maria	Hill Vila Maria
Purtuguesa de Desportos	Portuguese Sport Club
Avenida do Estado 1140	1140 State Street
Rubro negro	Blacks and reds
Centro Espírita Divino Mestre	Devine Mester Spirit Center
Rua do Porto	Port Street
Bairro do Rosário	Rosary District
Avenida Brigadeiro Luis Antonio	Brigadeiro Luis Antonio Avenue
Favela do Canindé	Favela of Canindé
Rua Carlos de Campos	Carlos de Campos Street

Fonte: Própria (2019).

Assim como os nomes próprios, os lugares apresentados em *Quarto de Despejo* não apresentam uma padronização tradutória. Em alguns casos, as palavras permanecem em português como a “Favela do Canindé” e “Rua Carlos de Campos”, já em outras, o tradutor muda para o inglês como “Bairro do Rosário” (Rosary District) e “Avenida do Estado” (State Avenue). Em outras toponímias, observamos uma mudança na grafia das palavras ao serem deixadas em português, como a “Rua Paulino Guimarães” que ficou “Rua Paulo Guimarães”.

Quadro 13: Toponímias e obras literárias presentes na obra *Casa de Alvenaria* e seus correspondentes no inglês

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Praça da Sé	Praça da Sé
Livraria Francisco Alves	Francisco Alves Bookstore
O Grande Evangelho de João	The Great Gospel of John the Evangelist
Ebano Atlético Clube	Ebony Athletic Club
Academia Brasileira de Letras	Brazilian Academy of Letters
Os Sertões	Rebellion in the Backlands
N. S. de Fatima	Our Lady of Fatima
“Noivas de Maio”	Brides of May
“O Colono e o Fazendeiro”	The farm worker and the land owner
Horto Florestal	Horto Florestal [Park]

Fonte: Própria (2022).

Assim como St. Clair, os tradutores de *Casa de Alvenaria* não apresentaram uma padronização. Podemos observar que, em alguns casos, eles mantiveram as palavras em português, como “Praça da Sé” e a livraria “Francisco Alves”. Em outras partes, utilizaram-se da tradução: “Academia Brasileira de Letras” como “Brazilian Academy of Letters” e “Ebano Atlético Clube” como “Ebony Athletic Club”. Quanto às obras literárias, o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, já havia sido publicado em inglês e, por isso, os tradutores preferiram deixar o título da tradução. Com relação aos poemas de Carolina, os tradutores não só traduziram os títulos, mas também o poema todo para o inglês.

Quadro 14: Nota de rodapé explicando a origem dos personagens em *Quarto de Despejo*

Nordestinos: Forced by land-partching droughts and almost no industry, the poor of the north swarm into cities like São Paulo and Rio looking for work. Needing a place to live, they choose the favelas and end up worse off than they were before (JESUS, 2003, p. 39). ⁴⁶
Paraibanos: People from the northern State of Paraíba (JESUS, 2003, p. 56) ⁴⁷ .

Fonte: Própria (2022).

Nas obras de Carolina, frequentemente são feitas referências a pessoas de outros estados brasileiros. David St. Clair, em alguns casos, optou por explicar a origem dos personagens por meio de notas de rodapé. Entretanto, a explicação faz referência aos retirantes. Não se trata, então, de dados relativos à região nordeste, mas sobre o impacto dos retirantes aos estados do Sudeste. Com relação aos Paraibanos, diferente dos Nordestinos, o tradutor não apresenta nenhuma explicação, apenas informa que existe um estado chamado Paraíba.

Quadro 15: Diferença entre nortista e nordestino em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
...O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas (JESUS, 1976, p. 44).	What I want to clear up about the people who live in the favela is the following: the only ones who really survive here are the nordestinos (JESUS, 2003, p. 38-39).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Há, ainda, o fato da não diferenciação entre os estados do Norte e Nordeste, como podemos observar no quadro 15, em relação ao uso do termo “nortistas”. Tal fato pode ser em decorrência da dicotomia norte e sul presente nos Estados Unidos ou do possível uso da expressão no contexto paulista.

⁴⁶ Forçados pelas secas e pela quase ausência total de indústrias, os pobres do norte migram em grandes números para cidades como São Paulo e Rio à procura de trabalho. Precisando de um lugar para morar, eles escolheram as favelas e acabaram em condições piores do que estavam anteriormente (tradução nossa).

⁴⁷ Pessoas provenientes do estado da Paraíba (tradução nossa).

Quadro 16: Uso de adjetivos referentes aos estados/cidades brasileiros(as) em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— O voo foi muito bom. Estou contente de conhecer os nordestinos . (JESUS, 1961, p.104)	“The flight was very good. I am happy to get to know the people of the Northeast .” (JESUS, 1997, p.80)
Eu estava alegre e confusa com as amabilidades dos nordestinos . Que homens educados! (JESUS, 1961, p.104)	I was happy and confused with the friendliness of the northeasterners . What well-bred people! (JESUS, 1997, p.80)
Fiquei com dó dos nordestinos . Uns andam mal vestidos, comprovando que são pobres. Eu olhava os rostos tristes dos nordestinos. (JESUS, 1961, p.105)	I felt compassion for the northeasterners . Some are poorly dressed, proving that they are poor. I looked at the sad faces of the northeasterners. (JESUS, 1997, p.81)
... Quando cheguei encontrei um nortista confabulando com o senhor Monteiro. (JESUS, 1961, p.113)	...When I arrived I found a man from the North talking to Sr. [Alfredo] Monteiro. (JESUS, 1997, p.87)
O quarto onde estão os moveis dos nortistas está superlotado de pulgas. (JESUS, 1961, p.125)	The room that has the northerners’ furniture in it is overrun with fleas. (JESUS, 1997, p.99)
O pernambucano disse ser inventor. É que inventou um remedio que cura todas as doenças. (JESUS, 1961, p.142)	The man from Pernambuco said he was an inventor. And that he had invented a medicine that cures all illnesses. (JESUS, 1997, p.114-115)
Os paulistanos bem vestidos circulavam pelo teatro. (JESUS, 1961, p.169)	Well-dressed Paulistanos [residents of the city of São Paulo] were walking around the theater. (JESUS, 1997, p.138)
Estava cansada, mas estava contente porque a vida no Rio transforma. É um recanto de fadas. O carioca é agradável. [...] Os cariocas estavam comentando o meu programa da televisão. (JESUS, 1961, p.73)	I was tired but I was happy because life in Rio is like a dream. It’s a fairyland. The Cariocas [natives of Rio de Janeiro] are really nice. [...] The Cariocas were talking about my appearance on TV. (JESUS, 1997, p.53)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Já em *Casa de Alvenaria*, os tradutores não apresentam uma padronização. Em alguns casos, eles traduzem para o inglês: “people of the northeast” ou “northeasterners” para “nordestinos” e “man from the north” ou “northerners” para “nortistas”. Já com relação aos cariocas e paulistanos, eles preferem utilizar o recurso de colchetes para explicar dentro do próprio corpo do texto os termos em português. Entretanto, não há nenhuma explicação mais elaborada sobre as pessoas ou os estados, apenas “pessoas que moram no estado/nativos da cidade...”.

Quadro 17: Uso do adjetivo “baiano” em *Quarto de Despejo*

Baianos: People from the state of Bahia (JESUS, 2003, p. 46) ⁴⁸ .	
...Hoje teve uma briga. Na rua A residem 10 baianos num barracão de 3 por dois e meio. (JESUS, 1976, p. 61).	Today there was a fight. On “A” Street live ten Bahians in one shack eight by ten feet. (JESUS, 2003, p. 56).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Quarto de Despejo*, além da explicação de que “baianos” são pessoas do estado da Bahia, o tradutor utiliza um novo termo para referir-se à essas pessoas: *Bahians*. Tal escolha pode ter vindo da terminação em inglês para designar nacionalidade, como brasileiros – *Brazilians*.

Quadro 18: Uso do adjetivo “baiano” em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Vi o Alfredo correndo e um baiano correndo atrás dele com uma faca na mão. O Alfredo caiu e o baiano foi esfaqueá-lo. Errou o golpe. O Alfredo levantou-se e entrou numa casa. O baiano ficou na rua com a faca na mão. (JESUS, 1961, p.20)	I saw Alfredo running and a man from Bahia running after him with a knife in his hand. Alfredo fell and the Bahian went to stab him. The thrust missed, and Alfredo got up and dove into a house. The Bahian stood in the street with the knife in his hand. (JESUS, 1997, p.9)
O baiano disse-me para eu entrar e sentar. (JESUS, 1961, p.31)	The Bahian man there told me to enter and to sit down. (JESUS, 1997, p.18)
Eu errei a rua quando cheguei. O motorista do primeiro caminhão já havia chegado. A D. Rosa disse que a baiana havia xingado. (JESUS, 1961, p.112)	When we were arriving, I missed the street the house is on. Dona Rosa said that the Baiana [woman from state of Bahia] was cursing. (JESUS, 1997, p.87)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, Robert M Levine e Melvin S. Arrington Jr. utilizam a mesma escolha de nordestinos e pernambucanos: “man from Bahia”. Entretanto, em outros casos eles mantêm a escolha feita por St. Clair utilizando o termo “Bahian”. Já com relação a “baiana”, eles preferiram utilizar os colchetes para explicação simples.

⁴⁸ Pessoas provenientes do estado da Bahia (tradução nossa).

Quadro 19: Bebidas brasileiras explicitadas na nota de rodapé em *Quarto de Despejo*

Quentão: a drink of hot <i>pinga</i> sugarcane alcohol mixed with ginger (JESUS, 2003, p. 66). ⁴⁹
Guaraná: Brazilian Coca-Cola made from a tree in the Amazon jungle (JESUS, 2003, p. 104). ⁵⁰
Pinga: a white fiery liquor made from sugarcane. Powerful and potent it is the favorite drink of Brazil's poor , who can get drunk on it for less than ten cents a bottle (JESUS, 2003, p. 13). ⁵¹

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Durante a escrita de *Quarto de Despejo*, aparecem, também, diversos marcadores culturais referentes às comidas e bebidas brasileiras. David St. Clair opta por deixar essas palavras em português e explicar, por meio de notas de rodapé, seus significados. Entretanto, podemos notar que as explicações são rasas e apresentam alto grau de preconceito por parte do tradutor. “Guaraná” é definido como “coca-cola” brasileira e a “floresta Amazônica” é considerada como uma selva. Já a “pinga” é considerada por ele como uma bebida dos “pobres do Brasil”.

Quadro 20: Explicações dadas pelo tradutor em *Quarto de Despejo*

Black beans in almost every part of Brazil, except Rio, are looked down upon as the lowest thing that can be eaten. In the northeast poor families shut their windows out of shame that neighbors will see them eating black beans rather than brown ones (JESUS, 2003, p. 35). ⁵²
Beans, like rice, must be picked over to get rid of the rotten kernels, and then washed to take away dust and pieces of dirt and other foreign matter. The favelados buy these staples at street fairs from huge wooden bins that are never covered over (JESUS, 2003, p. 36). ⁵³

Fonte: Própria (2022).

É relevante mencionar algumas notas dadas pelo tradutor sobre os alimentos brasileiros. Não há como presumir onde essas informações foram obtidas por ele.

⁴⁹ Uma bebida de pinga, álcool de cana, quente misturada com gengibre (tradução nossa).

⁵⁰ Coca cola brasileira feita de uma árvore da selva amazônica (tradução nossa).

⁵¹ Um licor ardente e branco feito de cana-de-açúcar. Poderosa e potente, é a bebida favorita dos pobres do Brasil, que podem ficar bêbados por menos de dez centavos de dólar por garrafa (tradução nossa).

⁵² O feijão preto em quase todas as partes do Brasil, exceto o Rio, é desprezado como a coisa mais baixa que pode ser consumida. No Nordeste, famílias pobres fecham suas janelas com vergonha de que os vizinhos os vejam comendo feijão preto em vez do marrom (tradução nossa).

⁵³ Feijões, assim como arroz, devem ser selecionados para se livrar dos grãos podres e depois lavados para remover poeira, pedaços de sujeira e outros materiais estranhos. Os favelados compram esses itens básicos em feiras de enormes caixas de madeira que nunca são cobertas (tradução nossa).

Observamos a opinião do tradutor em relação ao cenário observado e pressuposto, seu enfoque é muito mais comportamental do que relativo à importância do alimento na cultura brasileira.

Quadro 21: Falta de padronização do nome das bebidas em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Pinga (JESUS, 1976, p. 34 e p. 62)	Pinga (JESUS, 2003, p. 28 e p. 57)
Aguardente (JESUS, 1976, p. 34)	Booze (JESUS, 2003, p. 28)
Pinga (JESUS, 1976, p. 45)	Whisky (JESUS, 2003, p. 40)
Pinga (JESUS, 1976, p. 106)	Booze (JESUS, 2003, p.100)

Fonte: Própria (2022).

Além das questões já mencionadas, há ainda uma falta de padronização nos nomes das bebidas utilizadas na tradução de *Quarto de Despejo*. “Pinga” algumas vezes é mantida com a grafia em português, já que foi “explicada” em nota de rodapé, mas também foi substituída por “whisky” e “booze” (gíria para bebida alcoólica) em algumas ocorrências.

Quadro 22: Bebidas brasileiras em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Êste povo aqui não cheira a pinga. Eles não bebem pinga? (JESUS, 1961, p.25)	“The people here don’t smell like pinga. Don’t they drink pinga?” (JESUS, 1997, p.13)
O José Carlos molhava o pão no guaraná. (JESUS, 1961, p.54)	José Carlos spilled <i>guaraná</i> soda on his bread. (JESUS, 1997, p.37)

Fonte: Própria (2022).

Em *Casa de Alvenaria*, os tradutores mantêm a palavra “pinga” em português, fazendo uma estrangeirização. Além de explicá-la em nota de rodapé, como veremos no quadro 23. Já o “guaraná” permanece em português, mas com o acréscimo de “soda” (refrigerante) no corpo do texto para indicar qual o tipo de bebida. Nenhuma outra explicação é feita sobre a origem do refrigerante ou com qual matéria prima é feito, da mesma forma que em *Quarto de Despejo*.

Quadro 23: Nota de rodapé sobre “pinga” em *Casa de Alvenaria*

Raw sugar-cane alcohol, the drink of **lower-class** men and women.⁵⁴

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Assim como David St. Clair, os tradutores da segunda obra também apresentam uma nota sobre o significado de “pinga”. Apesar de mais concisa, ela apresenta a mesma generalização e juízo de valor contido na primeira tradução.

Quadro 24: Falta de padronização e nomes de comidas em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Pastéis (JESUS, 1976, p. 48)	Cookies (JESUS, 2003, p. 43)
Pastéis (JESUS, 1976, p. 54)	Pastry (JESUS, 2003, p. 48)
Pastelaria (JESUS, 1976, p. 85)	Bakery shop (JESUS, 2003, p. 79)
Carne moída (JESUS, 1976, p. 49 e p. 82)	Hamburger (JESUS, 2003, p. 43 e p. 76)

Fonte: Própria (2022).

Com relação aos alimentos, em *Quarto de Despejo*, também há uma falta de padronização, já que a mesma comida aparece traduzida de forma diferente. O termo “pastéis” aparece em inglês ora como “biscoitos”, ora como “pastéis” ou “bolo”. Já o termo “pastelaria” foi traduzido como “padaria”. Outra questão relevante é a tradução de “carne moída” como “hambúrguer”, alimentos bem diferentes no contexto brasileiro.

⁵⁴ Bebida alcoólica de cana-de-açúcar pura, a bebida de homens e mulheres de classe baixa (tradução nossa).

Quadro 25: Comidas brasileiras em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Eu despedi do tesoureiro e fui comprar quibes e empadinhas para os filhos. [...] Dei um quibe e uma empadinha para cada um. (JESUS, 1961, p.13)	I told the clerk goodbye and went to buy kibes [Middle Eastern meat patties] for my kids. I gave each one of them a kibe and a pastry (JESUS, 1997, p.3)
Êles comeram pasteis e eu fui deitar porque estava com frio. (JESUS, 1961, p.20)	They ate little pies and I went to lie down because I was cold. (JESUS, 1997, p.9)
Comprei pasteis para os filhos e tomei o bonde. (JESUS, 1961, p.27)	I bought some snacks for the children and took the streetcar. (JESUS, 1997, p.15)
Eu fui comprar pão e carne para a Dona Olga fazer pasteis . [...] Quando tinha fome levantava e ia comer pasteis . (JESUS, 1961, p.142)	I went to buy bread and meat so Dona Olga can make pies . [...] When I get hungry I'll get up and go eat some pie . (JESUS, 1997, p.114)
Desci na Rua Voluntarios da Patria. Comprei empadas e pasteis . (JESUS, 1961, p.144)	I got out on Voluntarios da Patria Street. I bought pies and pastries . (JESUS, 1997, p.116)
A D. Suzana pediu o jantar: picadinho . Serviram ovos, arroz e farofa . (JESUS, 1961, p.122)	Dona Suzana ordered dinner: picadinho [minced meat]. they served eggs, rice and manioc . (JESUS, 1997, p.97)
...O reporter nos conduziu para a churrascaria na Avenida Duque de Caxias. (JESUS, 1961, p.54)	The reporter took us to a churrascaria [restaurant for grilled meats] on the Duke of Caixias Avenue. (JESUS, 1997, p.37)
... Eu estava com fome, a espôsa do Dr. Oscar ofereceu-me feijoada . (JESUS, 1961, p.79)	...I was hungry, Dr. Oscar's wife offered me feijoada [rice, beans, and meat]. (JESUS, 1997, p.58)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, a mesma situação pode ser observada. A tradução de “pastéis” aparece de diferentes formas: torta (pies), lanche/petisco (snacks) ou pastéis (pastry). Na primeira linha, ocorre a omissão da primeira ocorrência da palavra “empada”, em outras ela é substituída pela tradução “pastel”. Já “quibe”, “picadinho”, “churrascaria” e “feijoada” contam com a explicação entre colchetes. É relevante destacar que os tradutores explicam feijoada como arroz, feijão e carne, não esmiuçando o significado de como ela é feita e como esses ingredientes são compostos, já que a feijoada consiste num guisado de feijão, normalmente com carne, e quase sempre acompanhado com arroz e não tudo misturado, como pode parecer na tradução.

Quadro 26: Buscas de correspondência em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Pardais e sabiá	Bird
Cará	Carrot
Batata <i>sol/sa</i>	Carrot
Corvos	Vultures
Batucada	Dance
Choriço	Sausage
Compadre	Godfather
Comadre	Godchild
Peixeira	Knife
Casa da sogra	Public restroom

Fonte: Própria (2019).

Em *Quarto de Despejo*, diversos marcadores culturais se fazem presentes. O tradutor, nesses casos, procurou palavras de língua inglesa que, de alguma forma, pudessem substituí-las por meio de um processo de domesticação. “Pardais” e “Sabiá”, que são pássaros, foram genericamente traduzidos como tais (bird), sendo que existe a palavra “sparrow”, muito utilizada como correspondente de “pardal” em língua inglesa. “Cará”, que é o mesmo que “inhame”, e a “batata solsa”, que encontramos como “mandioquinha, batata-baroa, batata-fiúza, batata-salsa, mandioquinha-salsa”, em inglês, o tradutor optou por traduzir ambas como “carrot” (cenoura). Já “corvos”, que possui tradução para o inglês (crows/ravens) ficou como “vultures”, “urubus” em português. “Batucada”, que, segundo o dicionário Oxford, é “diversão popular com instrumentos de percussão, podendo haver dança e canto⁵⁵” permaneceu, em inglês, apenas com a ideia de dança. “Chouriço” é uma comida que leva “tripa de porco cheia de sangue, pedaços de carne, temperos e, às vezes, açúcar”.⁵⁶ Na tradução, St. Clair utilizou “sausage” (salsicha). As palavras “compadre” e “comadre” são bem específicas do português, utilizadas para designar “pessoa muito querida com quem se mantém uma relação afetiva, de amizade; amigo, companheiro⁵⁷” ou “padrinho e madrinha de batismo” do filho da pessoa. Em inglês, um desses sentidos se mantém com o uso de “godfather”, entretanto, Carolina estava utilizando como uma demonstração de carinho, e não como grau de parentesco. Esse sentido se perde ainda mais em “comadre”, que é traduzido como “afilhado(a)”.

⁵⁵ Fonte: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

⁵⁶ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/chourico/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

⁵⁷ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/compadre/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

“Peixeira” foi generalizado como “faca”, uma vez que significa “[Brasil: Nordeste] Faca para cortar peixe; p. ext., faca muito comprida e afiada, que serve de arma.” Para a expressão “casa da sogra”, empregada como sentido figurado, refere-se a “lugar onde reina a confusão; bagunça; lugar onde todo mundo entra e faz o que quer”, o tradutor utiliza como correspondente “public restroom” (banheiro público).

Quadro 27: Buscas de correspondência em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
As crianças antigas pensavam em Ciranda-Cirandinha (JESUS, 1961, p.14)	In the past all children had on their minds was dancing to music . (JESUS, 1997, p.4)
O Senhor George Torok deu varios gibis para os meus filhos. (JESUS, 1961, p.51)	Sr. George Torok gave me some cartoon drawings for my family. (JESUS, 1997, p.34)
Aqui no meu Brasil o preto dança quadrilha vis a vis com o branco. (JESUS, 1961, p.98)	Here in my Brazil blacks dance the quadrilha face to face with whites. (JESUS, 1997, p.75)
— O seu livro está ótimo. Eu já estou no fim. Os teus filhos são endiabrados . (JESUS, 1961, p.36)	“Your book is excellent. I’m nearly finished. Your children are terrible, possessed with the devil .” (JESUS, 1997, p.22)
Uma portuguesa que trabalha no Jardim América aceitou o convite. (JESUS, 1961, p.84)	A little woman of Portuguese descent who works in the Jardim American district accepted my invitation. (JESUS, 1997, p.63)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, Levine e Arrington Jr. buscaram, em sua maioria, correspondências em língua inglesa para termos típicos da cultura brasileira. Na primeira linha, Carolina citou a famosa cantiga de roda “ciranda-cirandinha”, que os tradutores preferiram colocar como “dançar uma música”. Já na segunda linha, vemos o uso da palavra “gibis” traduzida como “cartoon drawings”, que são diferentes das histórias em quadrinhos ou “comic books”. Na terceira linha, vemos que os tradutores preferiram manter a palavra “quadrilha” em português, entretanto, como em diversos outros casos aqui analisados, eles não propuseram a explicação do vocábulo. Na próxima linha temos, o uso de “endiabrados”, palavra muito utilizada para designar uma criança: “Arteiro; aquele que faz muitas travessuras; menino traquinas⁵⁸”. Essa palavra pode sim apresentar um significado relacionado à possessão de:

⁵⁸ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/endiabrado/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

“Endemoniado; possuído pelo demônio: fiel endiabrado.”⁵⁹ utilizado pelos tradutores, mas que não era o pretendido pela autora nessa sentença. Na quinta linha, Levine e Arrington Jr. traduziram literalmente o que seria “portuguesinha”, uma mulher descendente de portugueses, entretanto, em português, não necessariamente utilizamos o sufixo “inha” para designar algo pequeno.

Quadro 28: Notas de rodapé sobre pessoas públicas citadas no livro *Quarto de Despejo*

Pelé: Brazil’s world-famed soccer star (JESUS, 2003, p. 74). ⁶⁰
Juscelino Kubitschek: President of Brazil from 1956 to 1961 (JESUS, 2003, p. 22). ⁶¹
Carlos Lacerda: a young energetic politician (current governor of the state of Guanabara where Rio de Janeiro is located) who is always in the limelight with fiery speeches and ideas for social reform. A newsman as well, he wrote editorials which contributed to the downfall and eventual suicide of Brazil’s President Getulio Vargas in 1954. Vargas was a dictator until 1945 and loved by the lower classes. His friends attempted to assassinate Lacerda but killed an army major instead (JESUS, 2003, p. 6). ⁶²
Adhemar de Barros: wealthy politician who as mayor then Governor of São Paulo city and State managed to get the support of the lower classes with social projects and promises. He was defeated for President by Janio Quadros in 1960 (JESUS, 2003, p. 10). ⁶³
Janio Quadros: politician from São Paulo who moved fast from city councilman to President of the Republic. His sudden resignation as Chief Executive in August 1961 touched off a crisis that almost plunge Brazil into a Civil War (JESUS, 2003, p. 10). ⁶⁴
Lampeão: a bandit leader who terrorized the northeast of Brazil, robbing, raping, and murdering wantonly until tracked down and beheaded by state militia (JESUS, 2003, p. 41). ⁶⁵

Fonte: Própria (2019).

⁵⁹ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/endiabrado/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

⁶⁰ Estrela de futebol mundialmente famosa do Brasil (tradução nossa).

⁶¹ Presidente do Brasil de 1956 a 1961 (tradução nossa).

⁶² Um jovem e enérgico político (atual governador do estado de Guanabara, onde está localizado o Rio de Janeiro), que está sempre no centro das atenções com discursos inflamáveis e ideias para reforma social. Como jornalista, ele escreveu editoriais que contribuíram para a queda e eventual suicídio do presidente Getúlio Vargas no Brasil em 1954. Vargas foi ditador até 1945 e amado pelas classes mais baixas. Seus amigos tentaram assassinar Lacerda, mas em vez disso mataram um major do exército (tradução nossa).

⁶³ Político rico que, como prefeito e então governador da cidade e do estado de São Paulo, conseguiu obter o apoio das classes mais baixas com projetos e promessas sociais. Foi derrotado para presidente por Jânio Quadros em 1960 (tradução nossa).

⁶⁴ Político paulista que passou rapidamente de vereador para presidente da República. Sua repentina renúncia como presidente em agosto de 1961 desencadeou uma crise que quase mergulhou o Brasil em uma Guerra Civil (tradução nossa).

⁶⁵ Um líder de bandidos que aterrorizou o nordeste do Brasil, roubando, estuprando e assassinando arbitrariamente até ser rastreado e decapitado pelas milícias estaduais (tradução nossa).

No quadro 28, é possível observar como St. Clair descreveu algumas figuras públicas brasileiras em *Child of the Dark*. Pelé e Kubitschek são introduzidos apenas com breves comentários, enquanto outros como Carlos Lacerda, Adhemar de Barros e Janio Quadros são contextualizados, sinalizando a trajetória política e o momento histórico no qual estavam inseridos. É relevante destacar que, em relação a Jânio Quadros, houve um exagero por parte do tradutor ao afirmar que sua saída do poder quase causou uma guerra civil no Brasil.

Na última linha do quadro, ao descrever Lampeão, o tradutor enfoca apenas uma das perspectivas possíveis para o personagem histórico, já que, em grande parte do nordeste brasileiro, ele é visto como uma figura de grande admiração, indo de encontro com a definição proposta pelo tradutor.

Quadro 29: Pessoas públicas citadas no livro *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Os filhos estavam perto da banca de jornais olhando o Chessman . (JESUS, 1961, p.11)	My boys were at the newsstand looking at [Caryl] Chessman's picture. (JESUS, 1997, p.1)
Eu sentei a Vera e o José Carlos perto do busto de Machado de Assis . (JESUS, 1961, p.78)	I seated Vera and José Carlos near the bust of Machado de Assis [Brazilian novelist and short story writer, 1839-1908] . (JESUS, 1997, p.57)
Ele foi avisar ao Grande Othelo para apresentar-me no palco. (JESUS, 1961, p.96)	He went to tell Grande Othello [a famous black actor] to introduce me on the stage. (JESUS, 1997, p.73)
Fiquei com dó do Patrice Lumumba , que podia viver mais uns dias. Quando será que a civilização vai predominar? (JESUS, 1961, p.137)	I was sorry about Patrice Lumumba [assassinated leader in the Congo] , who was able to live a few more days. When will civilization prevail? (JESUS, 1997, p.110)
Disse-me que o Pelé vai ceder o seu nome para qualquer produto que queira usá-lo como propaganda. (JESUS, 1961, p.154)	He told me that [soccer hero] Pelé endorses any merchandise whose owners ask him. (JESUS, 1997, p.125)
Paulo Dantas Nota de rodapé: diretor de edições da Livraria Francisco Alves	I asked for Paulo Dantas [a writer who was one of the directors of the press] . (JESUS, 1997, p.3)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, também aparecem algumas figuras públicas. Em alguns casos, como mostramos no quadro 29, os tradutores optaram por apresentar breves explicações entre colchetes. Na primeira linha, como Caryl Chessman era do contexto norte-americano, eles preferiram apenas adicionar o primeiro nome para situar o leitor.

Já nas outras ocorrências, eles explicaram em poucas palavras quem era a pessoa. É relevante destacar que nos comentários da tradução, Levine e Arrington Jr. dialogam sobre a aparição desses “personagens” brasileiros:

Às vezes Carolina nos fala de pessoas que foram importantes para ela, mas sobre as quais nada mais se sabe três décadas e meia após a publicação de seu diário. Por isso muitos nomes, como Padre Comaru, médico Italo Fittipaldi, Mario Brasini, Mauricio Ferraz de Camargo, Dona Brasília Pagani, Mestre Jou, repórter Heitor Augusto e dezenas de outros desconhecidos por nós, não são mais identificados, embora esses indivíduos tocaram sua vida de maneira significativa.⁶⁶ (tradução nossa)

Nessa nota, podemos perceber que muitas vezes a falta de explicação decorre não de um problema tradutório, como eles bem colocam, mas sim da pouca ou falta de informação encontrada sobre tais pessoas.

Quadro 30: Notas de rodapé sobre pessoas públicas citadas no livro *Casa de Alvenaria*

Deu-me o seu nome: Eduardo Suplicy Matarazzo. (JESUS, 1961, p.57)	He told me his name: Eduardo Suplicy Matarazzo. (JESUS, 1997, p.39)
The Matarazzo clan was one of the wealthiest in São Paulo. Eduardo was from the Suplicy branch of the family which, more than the others, devoted themselves to progressive social causes. He went on to be a senator for the Labor Party (PT) and ran for mayor. He also taught law at the University of São Paulo.	

Fonte: Própria (2022).

Já em outros casos, quando os tradutores consideraram necessária uma explicação maior sobre quem era a personalidade, eles fizeram uso das notas de rodapé para contextualizar melhor, como foi o caso da família Matarazzo.

⁶⁶ Sometimes Carolina tells us about people who were important to her but about whom nothing more is known three and a half decades after her diary's publication. For this reason many names, such as Father Comaru, physician Italo Fittipaldi, Mario Brasini, Mauricio Ferraz de Camargo, Dona Brasília Pagani, Mestre Jou, reporter Heitor Augusto, and dozens of others unknown to us, are not further identified, although these individuals touched her life in significant ways.

Quadro 31: Falta de padronização nos vocábulos "favelado(s)", "Slum dwellers" e "favela dwellers" em Casa de Alvenaria

Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada... (JESUS, 1961, p.83)	I haven't been writing lately. I'm thinking, thinking, thinking. When I criticized the slum dwellers in my diary they threw rocks at me... (JESUS, 1997, p.61)
Esta favelada , Carolina Maria de Jesus, escreveu um livro — QUARTO DE DESPEJO — A Livraria Francisco Alves oferece ao povo. (JESUS, 1961, p.34-35)	"This favela dweller , Carolina Maria de Jesus, wrote a book — QUARTO DE DESPEJO — Livraria Francisco Alves offers it to the public" (JESUS, 1997, p.21)
R. — Queria dar impulso na lavoura, aproveitar as terras, construir casas com todo conforto e colocar os favelados . (JESUS, 1961, p.38)	A.: "I would emphasize agriculture, put land into production, build comfortable houses for the favelados ." (JESUS, 1997, p.23-24)
A "Ultima Hora" foi buscar alguns favelados para fazer uma reportagem na livraria. Os favelados estavam abismados vendo-me, eu, preta, tratada como se fosse uma imperatriz. (JESUS, 1961, p.40)	<i>Ultima hora</i> brought some favela dwellers to the bookstore to be interviewed. The favelados were appalled to see me, a black woman, being treated as if I were an empress. (JESUS, 1997, p.25-26)
Os debates foi animado. Falamos do problema dos favelados. Um senhor ofereceu 10 lotes de terra para ser distribuído aos favelados . (JESUS, 1961, p.60)	The debates were animated. We spoke about the problems faced by favelados. A man donated ten lots of land to be given to favela dwellers . (JESUS, 1997, p.42)
Fomos na favela do Mangue. Fui mal recebida pelos favelados . (JESUS, 1961, p.78)	We went to the Mangue favela. I was not received very well by the residents . (JESUS, 1997, p.57)
Citou que visita as favelas, porque foi eleito pelos favelados. Mandou construir escolas e canalizar 9 quilometros de agua. Construiu o Centro de Arte. Disse para eu pedir informações de sua administração aos favelados . (JESUS, 1961, p.89)	He mentioned that he visits the favelas because he was elected by the slum dwellers. He had schools built and nine kilometers of waterpipes laid. He built the Art Center. He told me to ask the inhabitants of the favelas for information about his administration. (JESUS, 1997, p.66)
Fiz café, saí e fui olhar o céu, ver se vai chover, porque eu estou com dó dos favelados . (JESUS, 1961, p.113)	I made coffee, went outside and looked at the sky to see if it was going to rain because I pity the slum dwellers . (JESUS, 1997, p.88)
Ele pediu-me para falar com a "Ultima Hora" para patrocinar um programa na televisão, que ele quer fazer palestra sobre os favelados . (JESUS, 1961, p.120)	He asked me to go talk to <i>Ultima Hora</i> to get them to sponsor a program on TV. He wanted to have a discussion about the people in the favelas . (JESUS, 1997, p.95)
— Coitada. É uma favelada inciente, sem pratica. Não tem quem a oriente. (JESUS, 1961, p.160)	And her husband commented, "Poor Carolina. She is a vulnerable slum person with nobody to help her." (JESUS, 1997, p.130)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, existe uma falta de padronização com relação à designação dos moradores da favela. Em alguns momentos, Levine e Arrington Jr. colocam “favela” em português e em outros utilizam o termo “slum”. Existe uma diferença entre os termos: “como substantivos, a diferença entre favela e ‘slum’ é que ‘slum’ é um bairro em ruínas onde muitas pessoas vivem em estado de pobreza”⁶⁷. Além disso, a favela “normalmente nasce quando posseiros ocupam terrenos baldios na periferia de uma cidade e constroem barracos com materiais recolhidos ou roubados.”⁶⁸.

Dessa forma, entendemos que, mesmo que várias fontes considerem “favela” e “slum” sinônimos, eles apresentam diferenças. As favelas têm muito forte a questão da “comunidade”, além de nascer de terrenos baldios ou abandonados com construções precárias feitas com materiais reciclados. Já os “slums” podem surgir em bairros que vão empobrecendo ou são abandonados.

No texto, variam, então, as palavras: favelados, moradores/residentes da favela, pessoas da favela e os mesmos vocábulos, mas com o uso de “slum”.

⁶⁷ As nouns the difference between slum and favela is that slum is a dilapidated neighborhood where many people live in a state of poverty. Fonte: < <https://wikidiff.com/slum/favela>> Acesso em: 14 jan. 2022.

⁶⁸ A favela typically comes into being when squatters occupy vacant land at the edge of a city and construct shanties of salvaged or stolen materials. Fonte: <<https://www.britannica.com/topic/favela>> Acesso em: 14 jan. 2022.

Quadro 32: Falta de padronização do verbo "reinar" em *Casa de Alvenaria*

O José Carlos é inteligente ao falar, mas reina muito. (JESUS, 1961, p.83)	José Carlos sounds intelligent when he speaks, but he plays a lot of pranks . (JESUS, 1997, p.62)
Pediram o jantar. Os filhos estavam reinando no banheiro. (JESUS, 1961, p.95)	They ordered dinner. The kids were getting into mischief in the bathroom. (JESUS, 1997, p.72)
Pedi para a Dona Maria cuidar da casa, lavar as roupas e olhar os meninos. Eles reinam muito e os vizinhos reclamam, aconselhando-me para interná-los. (JESUS, 1961, p.84)	I asked Dona Maria to take care of the house, wash the clothes, and keep an eye on the kids. They get into a lot of mischief and the neighbors complain and advise me to have them placed in a children's home. (JESUS, 1997, p.62)
Os meus filhos faziam reinações e eu voltava a realidade. Estava fazendo reportagem. (JESUS, 1961, p.98)	My kids were misbehaving and I came to back to reality. [These people] were doing a story for the newspaper. (JESUS, 1997, p.75)
Quando o dia despontou fui preparar os filhos para ir a aula. O João está reinando . (JESUS, 1961, p.151)	At dawn I began to get the children ready to go to school. João is being difficult . (JESUS, 1997, p.123)
Levantei triste. O João está reinando na escola. Não quer ir para o terceiro ano. (JESUS, 1961, p.152)	I got up feeling sad. João is giving them a hard time at school. He doesn't want to repeat third grade. (JESUS, 1997, p.123)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Levine e Arrington Jr., na tradução de *Casa de Alvenaria*, optam por diversos termos para designar a palavra "reinar". No português, esse verbo é utilizado para designar: "Informal – Brasileirismo – fazer travessuras; brincar, folgar⁶⁹". Em inglês, as traduções escolhidas, na ordem do quadro 32, foram: "fazer pegadinhas", "fazer travessuras", "se comportar mal", "ser difícil [de lidar]" e "dar trabalho". Alguns significados são mais próximos do original e outros fogem do que a autora pretendia ao usar a palavra.

Quadro 33: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor (JESUS, 1976, p. 22).	I talked to a woman who was raising a little colored girl (JESUS, 2003, p. 17).

Fonte: Própria (2022).

⁶⁹ Fonte: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

Quadro 34: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
O “Delegado” fez discurso. Nota: “Delegado” é um negro muito popular e conhecido nas associações de homens de cor . (A. D.)	In Casa de Alvenaria, Dantas identifies “Delegado” in a footnote as a popular Negro , well known in colored associations.”
Circulando pelo aeroporto vi uma mulher de côr parda conduzindo uma menina pelo braço e chorando. (JESUS, 1961, p. 109)	Walking around in the airport I saw a brown-skinned woman leading a little girl by the arm and crying. (JESUS, 1997, p. 84)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Carolina Maria de Jesus emprega diferentes termos para citar as características dos personagens e, ainda que não exista correspondência, ambas as culturas brasileira e estadunidense possuem vocabulário próximo para intercambiar essas noções culturais. A autora utiliza o termo “menina de cor”, que poderia ter um tom preconceituoso no contexto atual e até mesmo em sua época.

St. Clair, por sua vez, escolheu manter “colored girl”, que hoje é considerado antiquado. Entretanto, na época em que escreveu a tradução, tal termo era considerado apropriado, pelo menos pela comunidade branca. O caráter pejorativo surge tempos depois e, atualmente, ainda é possível encontrar em língua inglesa a denominação “people of color” sendo empregada de forma politicamente correta.

Levine e Arrington Jr., na tradução de *Casa de Alvenaria*, também utilizaram “colored associations”. Já na outra ocorrência, observamos a substituição de “mulher de cor” por “brown-skinned” que, em português, seria pardo, e não negro.

Quadro 35: Uso de termos contemporâneos na tradução de *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você (JESUS, 1976, p. 23).	I never saw a black who liked books as much as you do! (JESUS, 2003, p. 18)
Dona Domingas é uma preta boa igual ao pão (JESUS, 1976, p. 50).	Dona Domingas is a black as good as bread (JESUS, 2003, p. 45).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Quadro 36: Uso de termos contemporâneos na tradução de *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
A minha côr preta não foi obstáculo para mim. (JESUS, 1961, p. 14)	My blackness was not an obstacle (JESUS, 1997, p. 3)
Se a escravidão não fôsse extinta, eu era escrava, porque sou preta . (JESUS, 1961, p. 19)	If it hadn't been abolished, I'd be a slave because I'm black . (JESUS, 1997, p. 8)
Eu recebia uma homenagem dos pretos de São Paulo. Estavam presentes uns pretos do Rio de Janeiro. Serviram um almoço com discurso. (JESUS, 1961, p. 42)	The blacks of São Paulo were giving me their homage. Some blacks from Rio de Janeiro were there. They served lunch with the talk. (JESUS, 1997, p. 27)
A D. Filomena foi mostrar-me a casa e os criados. Pretos e brancos. A cosinheira é preta e o senhor Paulo Suplicy disse-me que gosta muito dela porque ela está sempre alegre e é de confiança. (JESUS, 1961, p. 58)	Dona Filomena showed me her house and her servants. Blacks and whites. The cook is black , and Sr. Paulo Suplicy told me that he likes her very much because she is always cheerful and trustworthy. (JESUS, 1997, p. 40)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Nos quadros 35 e 36, observamos que tanto em *Quarto de Despejo* quanto em *Casa de Alvenaria* a tradução de “preto(s)” é “black(s)”. Atualmente, o termo “black” é empregado mais por comunidades negras nos Estados Unidos do que os termos antiquados mencionados nos quadros anteriores (33 e 34), entretanto, a escolha não reflete necessariamente os aspectos de subalternidade e violência simbólica usados por Carolina em seu texto com a utilização da palavra “preta”.

Os tradutores de *Casa de Alvenaria* explicam a questão racial brasileira da seguinte forma:

Leitores não familiarizados com a terminologia racial brasileira devem notar que, assim como nos Estados Unidos, a palavra "white" conota uma pessoa de ascendência caucasiana, enquanto no Brasil a identidade racial historicamente tem sido baseada tanto na condição econômica quanto na linhagem racial. "Black" nos Estados Unidos significa qualquer pessoa com descendência africana (ou negroide) conhecida, incluindo pessoas de pele clara de origem mestiça. No Brasil, "black" é usado apenas para pessoas de pele muito escura⁷⁰ (tradução nossa).

A questão do “black/negro” no Brasil não pode ser resumida apenas como “pessoas de pele mais escura.” As definições étnicas englobam muito mais características do que apenas a cor da pele. Atualmente, existem novas definições no

⁷⁰ Readers not familiar with Brazilian racial terminology should note that, as in the United States, the word "white" connotes a person of Caucasian ancestry, whereas in Brazil racial identity historically has been based as much on economic status as on racial lineage. "Black" in the United States means anyone with known African (or Negroid) ancestry, including light-skinned persons of mixed-race background. In Brazil, "black" is used only for persons of very dark skin.

Brasil, como a definição de pardos: “Pessoa que descende da mistura entre brancos e negros. [Por Extensão] Pessoa cuja ascendência provém da mistura de diversas raças e etnias.”⁷¹ Como podemos observar, existe a questão da herança genética e a ancestralidade que deve ser levada em conta. É importante ressaltar que o “colorismo”⁷² segue arraigado na sociedade brasileira. Ainda hoje, vemos discriminação devido à cor da pele, em que pessoas da mesma raça são tratadas com desigualdade com base em implicações sociais provenientes dos significados culturais ligados à cor da pele. Há uma busca pela diferenciação nas tonalidades da pele, como se isso tornasse o indivíduo menos negro, mais semelhante ao branco⁷³.

Quadro 37: Tradução literal em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
No outro dia <u>encontraram</u> o pretinho morto (JESUS, 1976, p. 38)	The next day <u>I found</u> that little black boy dead (JESUS, 2003, p. 32).
A senhora disse que cria a menina desde 9 meses. E que a negrinha dorme com ela e que lhe chama de mãe (JESUS, 1976, p. 22).	The woman told me she raised the child since it was nine months old, and that the little girl sleeps with her and calls her ‘Mother’ (JESUS, 2003, p. 17).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Quadro 38: Tradução literal em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Oh, aquela! Esta mulher vale uma fortuna. Um pretinho chamou-me: — D. Carolina! (JESUS, 1961, p.117)	“Oh, her! That woman is worth a fortune.” A black boy called to me, “Dona Carolina!” (JESUS, 1997, p.91)
Um pretinho acompanhava o casal, que despediu-se na porta. O preto entrou. (JESUS, 1961, p.124)	A little black man was at the door when a couple was leaving. He came in. (JESUS, 1997, p.99)
O poeta Eduardo de Oliveira estava aguardando-me em companhia de uns pretinhos . (JESUS, 1961, p.145)	The poet Eduardo de Oliveira was waiting for me in the company of some little black kids . (JESUS, 1997, p.117)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

No quadro 37, St. Clair fez uma tradução literal do termo “pretinho” usado pela autora, “little Black boy”. Como mencionado anteriormente, o uso do sufixo “inho” em

⁷¹ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/pardo/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁷² Fonte: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/download/4760/3121>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁷³ Fonte: <<https://www.politize.com.br/colorismo/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

português não necessariamente indica “pequeno”, faz mais referência ao fato de ser um menino, e não um adulto. Nessa frase, ocorre também uma inversão de papéis, uma vez que a autora escreveu que “encontraram” o menino, na terceira pessoa, ou seja, alguém não especificado o encontrou. Já na tradução, ela é colocada como agente da ação, como a pessoa que encontrou o menino morto. Na segunda linha, podemos observar, além da tradução literal, uma omissão cultural. No original, Carolina faz referência à criança como “negrinha”, já na tradução essa característica é perdida, permanece apenas a ideia de que é uma menina, “little girl”.

No quadro 38, em *Casa de Alvenaria*, temos o mesmo caso de tradução literal. Na primeira ocorrência, entretanto, os tradutores não utilizam o “little” e colocam apenas “black boy”. Como já comentado, o uso do “boy” já fornece a ideia de que é uma criança. Nos outros casos eles seguem com a tradução literal utilizando “little black man/kids”.

Quadro 39: Uso da palavra “mulato” em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro . Um rosto feio. Um narigão (JESUS, 1976, p. 85).	He went out and came back with the boys. One was a light-skinned mulatto with and ugly face and a Negro nose (JESUS, 2003, p. 80).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Quadro 40: Uso da palavra “mulato” em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Vi varios livros nas prateleiras. Sentei para autografar os meus livros. Chegou um mulato . (JESUS, 1961, p.74)	I saw several books in the racks. I sat down to sign my books. A mulatto came up to me. (JESUS, 1997, p.54)
Tem uma mulata que vai ser a Fernanda. O diretor é um jovem. Nos levou ao bar para tomar café. (JESUS, 1961, p.150)	There is a mulata whose role is to be Fernanda. The director is young. He took us to a bar to have some coffee. (JESUS, 1997, p.122)
Achei interessante um grupo fantasiado de índios. Tinha português, pretos e mulatos . (JESUS, 1961, p.157)	I thought the people dressed as Indians were interesting. There were Portuguese, blacks , and mulattoes among them. (JESUS, 1997, p.127)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Tanto em *Quarto de Despejo* quanto em *Casa de Alvenaria*, os tradutores utilizaram o termo “mulatto”, que não é comum na língua inglesa. St. Clair ainda

acrescentou a palavra “Negro” de forma preconceituosa, já que a autora, no original, apenas disse que o personagem tinha um nariz grande.

Levine e Arrington Jr., nos comentários sobre a tradução, ao explicar o uso do termo “blacks”, citam a palavra mulato:

[...] Outros termos são usados para descrever pessoas de misturas intermediárias, incluindo mulatos (pessoas com origem majoritariamente africana e caucasiana) e caboclos (pessoas de origem mista de índios americanos, africanos e caucasianos).⁷⁴ (Tradução nossa)

As definições utilizadas pelos tradutores apresentam alguns equívocos. Se buscarmos as palavras analisadas por eles no dicionário, temos: “mulato: [Pejorativo] pessoa cuja ascendência provém da mistura entre brancos e negros; quem tem o pai negro e a mãe branca, ou vice-versa⁷⁵” e “caboclo: pessoa que resulta da mistura de branco com índio⁷⁶”.

Quadro 41: Nota sobre a palavra "moreno" em *Casa de Alvenaria*

She actually calls him a moreno, a polite term referring to a light-complexioned black, although Carolina does this for all blacks she likes, even if they are technically not morenos because they have darker skin.⁷⁷

Fonte: Própria (2022).

No quadro 41, podemos observar uma nota dos tradutores com relação ao uso da palavra “moreno” em português. Segundo eles, Carolina a utiliza como um termo educado para os negros de quem ela gosta. Não tem como saber se essa informação é verdadeira ou não apenas com a leitura do livro. Além disso, vemos o uso de um eufemismo racista sendo tratado como educação.

⁷⁴ Other terms are used to describe persons of intermediary mixtures, including mulatos (persons with mostly African and Caucasian background) and caboclos (persons of mixed American Indian, African, and Caucasian origin).

⁷⁵ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/mulato/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁷⁶ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/caboclo/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁷⁷ Na verdade, ela o chama de moreno, um termo educado que se refere a um negro de tez clara, embora Carolina faça isso para todos os negros de que gosta, mesmo que tecnicamente não sejam morenos porque têm a pele mais escura. (tradução nossa)

Quadro 42: Uso de expressão racial com palavra negativa em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
– Está escrevendo, negra fidida! (JESUS, 1976, p. 24)	“You’re writing again, stinking nigger! ” (JESUS, 2003, p. 19)
Deixei uma carta para a Dona Maria e não obtive resposta. Mas o dia que eu encontrar essa tal Vitoria ela vai apanhar (JESUS, 1976, p. 78).	I left a note for Dona Mara and never got an answer. But the day that I run into that nigger Vitoria, she’s going to be sorry (JESUS, 2003, p. 72-73).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Quadro 43: Uso de expressão racial com palavra negativa em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Não sou mais a negra suja da favela (JESUS, 1961, p.17)	I’m no longer that dirty black woman from the favela (JESUS, 1997, p.6)
Ouvi um jovem dizer: — Que negra feia! (JESUS, 1961, p.87)	I heard a young man say, “What an ugly black woman!” (JESUS, 1997, p.65)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Nos quadros 42 e 43, podemos observar a postura tradutória de St. Clair em contraposição às escolhas de Levine e Arrington Jr. quando, no original, aparece a construção palavra racial + palavra negativa. Em *Quarto de Despejo*, há a utilização do termo “nigger”, extremamente ofensivo na língua inglesa: “ofensivo - usado como um termo ofensivo e desdenhoso para uma pessoa negra⁷⁸”. No original, Carolina utiliza as palavras “fidida” e “tal”, mas o grau de agressividade presente na tradução é muito maior. Já em *Casa de Alvenaria*, os tradutores mantêm a tradução de “negro” para “black” e fazem uma tradução literal das frases.

Quadro 44: Aumento do grau de agressividade na tradução de *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
[...] tem a Cicilia que trabalha lá e é muito bruta (JESUS, 1976, p. 101).	[...] there is a woman named Cecilia who works there and she is a bitch (JESUS, 2003, p. 95).
A nena é uma boba (JESUS, 1976, p. 126).	Nena is a jerk (JESUS, 2003, p. 120).
Veio a indolente Maria do Anjos (JESUS, 1976, p. 10).	Then came that bitch Angel Mary (JESUS, 2003, p. 7).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

⁷⁸ offensive — used as an insulting and contemptuous term for a Black person. Fonte: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/nigger>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Assim como no caso apresentado no quadro 42, durante várias partes do livro, o tradutor de *Quarto de Despejo* aumenta o grau de agressividade nas frases escritas pela autora. Carolina utiliza palavras como “bruta”, “boba” e “indolente” que, apesar de negativas, têm uma carga semântica menos ofensiva do que “bitch” (informal + ofensivo: uma mulher maliciosa, rancorosa ou autoritária/ usado como um termo generalizado de abuso e depreciação para uma mulher⁷⁹) e “jerk” (uma pessoa irritantemente estúpida ou tola⁸⁰).

Quadro 45: Tradução de “ordinária” para “common” em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Negra suja. Ordinária . Vagabunda. Lixeira (JESUS, 1976, p. 96).	Dirty nigger. Common . Tramp. Garbage (JESUS, 2003, p. 90).
Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária! (JESUS, 1976, p. 146).	I thought: today I'm going to write and am going to complain about that no-good clerk at the Bom Jardim Butcher Shop. Common! (JESUS, 2003, p. 140).
– Negra ordinária! Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo! (JESUS, 1976, p. 155).	“You common nigger! You aren't a lawyer, nor a reporter, yet you have to mess into everything!” (JESUS, 2003, p. 148).
As mulheres falavam dos esposos. É lá que os homens tomam nomes de animais. – O meu é um cavalo bruto e ordinário! (JESUS, 1976, p. 175).	The women talked about their husbands. There, the men took names of animals. “Mine is a mean, common horse!” (JESUS, 2003, p. 166-167).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 45, é possível observar que a autora utilizou a palavra *ordinária* com um sentido pejorativo: “[pejorativo] Sem educação; de caráter duvidoso, de teor obsceno⁸¹”, mas David St. Clair utilizou “common”, em inglês, com o outro significado possível: “Que é comum; normal⁸²”, fato que é recorrente durante toda a obra. Tal erro pode ter acontecido porque “ordinary” é um falso cognato de “ordinário”.

⁷⁹ informal + often offensive: a malicious, spiteful, or overbearing woman/used as a generalized term of abuse and disparagement for a woman. Fonte: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/bitch>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

⁸⁰ An annoyingly stupid or foolish person. Fonte: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/jerk>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

⁸¹ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/ordinaria/>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

⁸² Fonte: <<https://www.dicio.com.br/ordinaria/>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Quadro 46: Uso de "ordinário" em *Casa de Alvenaria*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Favelados desgraçados, ordinários . A tua mãe não te dá educação? (JESUS, 1961, p. 175)	“Irresponsible favelados, insignificant people . Doesn’t your mother teach you anything?” (JESUS, 1997, p. 143)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

Em *Casa de Alvenaria*, os tradutores também fogem do sentido de “ordinário”: “[pejorativo] Sujeito mau-caráter; quem não demonstra boa educação; indecente”, utilizando como tradução a palavra “insignificante”.

Quadro 47: Erros em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Mas nós não podemos deixar de comer (JESUS, 1976, p. 142).	But we cannot stop loving eating (JESUS, 2003, p. 134).
E eu que sou fria! (JESUS, 1976, p. 145).	And I catch a cold so easily! (JESUS, 2003, p. 139).
O senhor Manoel disse-me que o cigano faz muito bem em seduzir as mocinhas de 14 anos. Elas dá confiança (JESUS, 1976, p. 154).	Senhor Manuel told me that the gypsy has great success in seducing girls of fourteen years. They trust him (JESUS, 2003, p. 147).
Ele pede para não divulgar-lhe o nome no Diário, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio (JESUS, 1976, p. 171).	He asked me not to reveal his name in the diary, and I won’t. He can count on my silence (JESUS, 2003, p. 163).
Não tinha dinheiro em casa. Esquentei comida amanhecida e dei aos meninos (JESUS, 1976, p. 25).	I didn’t have any money in the house. I hated some breakfast food and fed the children (JESUS, 2003, p. 20).
Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos (JESUS, 2003, p. 38).	I tried to convince him not to eat that meat or the hard bread gnawed by the rats (JESUS, 1976, p. 32).
Já bebi uma vez, em caráter experimental, mas o álcool não me tonteia (JESUS, 1976, p. 30).	I drank once, just to try it, but the alcohol made me silly (JESUS, 2003, p. 24).
Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social (JESUS, 1976, p. 40).	In June of ’57 I felt rich and passed through the offices of the Social Service (JESUS, 2003, p. 34).
Quando o pobre come uma comida forte, dá tontura (JESUS, 1976, p. 153).	When the poor eat rich food, they torture themselves (JESUS, 2003, p. 146).
Estou mais disposta (JESUS, 1976, p. 91).	I’m feeling worse (JESUS, 2003, p. 85).
Hoje é aniversário do Jose Carlos. 9 anos . Ele é de 1950. Tempo bom! Mas ele quer ter 10 anos , porque quer namorar a Clarinda (JESUS, 1976, p. 181).	Today is José Carlos’ birthday. Ten years old. He was born in 1950. What a good age! But he wishes he were ten , because he

	wants to make love to Clarinda (JESUS, 2003, p. 172).
Aqui tudo é motivo para farra (JESUS, 1976, p. 135).	Here anything is a reason for an orgy (JESUS, 2003, p. 128).
O que eu sei é que a praga dos favelados pega (JESUS, 1976, p. 54).	All I know is, whatever is cursed, the favelado gets (JESUS, 2003, p. 49).
Treis vezes ela nos deu água (JESUS, 1976, p. 54).	Thirteen times she gave us water (JESUS, 2003, p. 49).
Eu fico admirada do senhor Alexandre temer o Valdemar (JESUS, 1976, p. 58).	I admire Alexandre's courage in facing Valdemar (JESUS, 2003, p. 52).
Já percebi que minha filha é revoltada (JESUS, 1976, p. 78).	I think of my daughter and get sick inside (JESUS, 2003, p. 72).
Porque a senhora não casou-se ? Agora a senhora tinha um homem para ajudar (JESUS, 1976, p. 85).	Why don't you rest ? Now you have a man to help you (JESUS, 2003, p. 79).
Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos (JESUS, 1976, p. 85).	There are times when I'm furious with myself for letting men tricked me into having these children (JESUS, 2003, p. 79).
Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar . Parece tambor (JESUS, 1976, p. 14).	I take on all kinds of work to keep them. And those women have to beg or even steal (JESUS, 2003, p. 8).
A <u>Florenciana</u> é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois (JESUS, 1976, p. 74).	<u>Florentina</u> is black. But she's so different from the other blacks because she's very ambitious. She schemes to profit from everything she does. I believe that if she owned at slaughterhouse people would have to eat the bones and the skins of the animals (JESUS, 2003, p. 67-68).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

No quadro 47, é possível observar alguns erros cometidos por St. Clair em sua tradução de *Quarto de Despejo*. Alguns deles inferimos que são erros de interpretação em relação ao texto-fonte, outros não conseguimos identificar o possível motivo. Na primeira linha, Carolina afirma que “nós não podemos deixar de comer”, já o tradutor coloca “nós não podemos deixar de amar comer”, alterando o sentido pretendido pela autora, principalmente com relação à falta de comida – uma situação recorrente na vida dela.

No segundo exemplo, Carolina disse ser “frienta”, o que não significa que a pessoa gripe com facilidade, tradução empregada por St. Clair. Já no terceiro exemplo, “dar confiança” foi usado em sentido conotativo: “Excesso de liberdade;

atreuimento”⁸³. Entretanto, na tradução, há a mudança desse sentido ao utilizar a construção “they trust him”, em que o verbo confiar tem sentido denotativo de: “ter confiança em, acreditar em”⁸⁴, transformando a frase e o sentido por completo.

Na quarta linha, Carolina comenta que o pai de sua filha, Vera Eunice, poderia lhe dar alguma recompensa, uma vez que ela não divulgou seu nome no diário. Já na tradução, entendemos que Carolina fez uma promessa e, assim, o pai da menina podia contar com o silêncio dela, sem retribuição alguma. No quinto exemplo, temos uma tradução equivocada de “comida amanhecida” por “breakfast food”, que seria, em inglês, café da manhã.

No sexto exemplo, Carolina fala com um morador de rua e pede que ele não coma a carne encontrada no lixo, e sim os pães que estão roídos pelos ratos. Uma vez que se os animais comeram e estão vivos, não haveria veneno. St. Clair não entendeu essa analogia e traduziu como se Carolina tivesse dito para o homem não comer nenhum dos dois. Na sétima linha, Carolina comenta que já experimentou bebidas alcoólicas, mas que elas não a deixaram tonta. Já na tradução, entendemos como se ela dissesse que o álcool a fizesse ficar boba.

No oitavo exemplo, em vez de se sentir “doente”, na tradução, está que Carolina estava se sentindo “rica”. No nono exemplo, houve uma mudança de “tontura” por “tortura”, talvez pela proximidade gráfica, mas tal fato ocasionou uma mudança de sentido total na frase. Na décima linha, a tradução apresenta exatamente o oposto do que está escrito no original: a autora comenta que estava se sentindo mais disposta, já St. Clair coloca que ela estava se sentindo pior. No 11º exemplo, além do tradutor confundir a idade de José Carlos, deixando a frase sem sentido, houve uma sexualização ao trocar “namorar” por “fazer amor”. O mesmo ocorre no exemplo seguinte ao trocar “farra” (Folia; festa alegre e excessivamente animada⁸⁵) por “orgia” (an occasion when a group of people behave in a wild uncontrolled way, especially involving sex, alcohol, or illegal drugs⁸⁶).

⁸³ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/confianca/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁸⁴ Fonte: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/trust>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁸⁵ Fonte: <<https://www.dicio.com.br/farra/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁸⁶ Uma ocasião em que um grupo de pessoas se comporta de uma maneira selvagem e descontrolada, especialmente envolvendo sexo, álcool ou drogas ilegais (tradução nossa). Fonte: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/orgy>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Na 13ª linha, houve uma mudança do sujeito da ação. No original, a praga jogada pelos favelados pega; já em inglês, há uma inversão feita pelo tradutor dizendo que os favelados pegam todas as pragas. No 14º exemplo, ocorre a troca de três por treze. Já na 15ª linha, Alexandre é a pessoa que teme o Valdemar, em português, enquanto, em inglês, Alexandre é uma pessoa corajosa que enfrenta o Valdemar. No seguinte exemplo, ocorre uma mudança total de sentido, pois a autora disse achar que sua filha é uma pessoa revoltada com a vida e, na tradução, vemos que quando Carolina pensa na filha ela se sente mal.

Na linha 17, houve a troca de “casou-se” por “rest”, talvez ocorrido pela similaridade com “cansou-se”. Tal alteração gera uma mudança na fala do filho de Carolina e até mesmo de sua personalidade. Em português, o menino diz que se ela tivesse casado, teria um homem para ajudá-la. Já em inglês, o tradutor colocou o menino assumindo a responsabilidade e dizendo que ela podia descansar, pois agora ela tinha um homem para ajudá-la. No exemplo 18, também ocorreu um erro de interpretação. No texto-fonte, a autora disse se revoltar consigo mesma por ter se deixado enganar pelos homens. Na tradução, ela estaria revoltada com homens por enganá-la e, assim, ter os filhos.

Na linha 19, St. Clair não utilizou o verbo “apanhar”, presente no texto-fonte, mas sim o “steal”, roubar. Essa troca causa, ainda, uma mudança na caracterização dos personagens. No último exemplo, além de ocorrer a troca do nome da personagem, Carolina disse que, como Florenciana só visa lucro, ela iria comer até os chifres e cascos dos bois, algo que ninguém comeria. Em inglês, o tradutor trocou as palavras por “ossos” e “pele”, o que não faz sentido na narrativa, uma vez que Carolina relata, em diversas passagens, que vai ao frigorífico buscar ossos para fazer comida.

Quadro 48: Erros em *Casa de Alvenaria*

Vamos dar um pique-pique para o Audálio? (JESUS, 1961, p. 16)	“Should we tag Audálio?” [apparently, Dantas was present.] (JESUS, 1997, p. 5)
Quando o senhor Durval de Souza anunciou-me o senhor Leporace enalteceu-me , eu entrei no palco. (JESUS, 1961, p. 25)	After Sr. Durval de Souza announced me and Sr. Leporace put makeup on me , I went up. (JESUS, 1997, p. 13)
Levantei, abri a janela e vi um fotografo e uma senhora muito bonita. (JESUS, 1961, p. 31)	I got up, opened the window, and saw the photographer, a very pretty woman. (JESUS, 1997, p. 18)
Recebi a visita de uma senhora por nome Arlete. Disse-me que é amiga da Dona Rosa — mas que amiga ... Falou que a Dona Rosa é rica, mas é muito segura. (JESUS, 1961, p. 66)	A woman named Arlete visited me. She said she was a friend of Dona Rosa — more than a friend She said that Dona Rosa is rich but not charitable. (JESUS, 1997, p. 47)
Os artistas foram chegando e ficaram entre o povo, porque a de D.D.P. — Divisão de Diversões Publicas queria impedir os festejos . O animador da festa foi falar com diretor da Divisão de Diversões Publicas, deixando o povo a espera. Nós que estavamos ali eramos amigos da “Ultima Hora”. Se eles fossem presos, o povo acompanhava-os. (JESUS, 1961, p. 68)	The artists [musicians and dancers] arrived but stayed mixed with the public, because the D.D.P. [the state agency for public festivities] wanted to keep the place calm . The head of the party committee went to talk with the director of the D.D.P., leaving the people to wait. We were the guests of <i>Ultima Hora</i> . If they are arrested, the public would go with them. (JESUS, 1997, p. 48)
O electricista estava ageitando o chuveiro, porque quando ele está ligado dá choque. Ele cobrou 100 cruzeiros. Dei-lhe 500 cruzeiros, ele não tinha trôco. Pedi ao jornalista Magalhães para pagar. (JESUS, 1961, p. 116)	The electrician was here fixing the showerhead because it gave shocks when it was turned on. He charged me Cr\$100. I gave him Cr\$500 and he kept it because he had no change. I asked the reporter named Magalhães to pay. (JESUS, 1997, p. 91)
Ela casou-se, tem quatro filhos. O espôso fala que não gosta de viver ao seu lado. Aí vai a minha franquissima opinião na vida conjugal: [...] (JESUS, 1961, p. 168)	she got married and she has four children. Her husband told her that he doesn't like living with her. That is why I don't have a good feeling about marriage. (JESUS, 1997, p. 137)
... O pretinho Luiz Carlos Rocha veio visitar-me. Está sem iniciativa e depois que feriu a mão. Tem medo de vidro. Sofreu quatro acidentes com vidro. Quando olha um vidro assusta-se. Ele é educado. Eu agrado-o muito para ele não criar complexo que é um homem inutil. (JESUS, 1961, p. 179)	... The black fellow, Luiz Carlos Rocha, came to visit me. He's been inactive since he injured his hand. He's afraid of glass. He had four accidents with glass. When he sees a pane of glass he gets frightened. He is educated. I praise him strongly because he doesn't act as if he is incapacitated. (JESUS, 1997, p. 147)

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

No quadro 48, separamos alguns erros cometidos por Robert M Levine e Melvin S. Arrington Jr. na tradução de *Casa de Alvenaria*. No primeiro exemplo, é possível

ver claramente que o tradutor não entendeu a frase, pois ele mesmo comenta entre colchetes. A expressão dar um “pique-pique” é o mesmo que comumente cantamos em aniversários no Brasil “É pique, é pique! É hora, é hora! Rá-tim-bum!”, ou seja, elas sugerem cantar em homenagem ao Audálio. Na tradução, é utilizado o verbo “tag” (marcar) e o tradutor entende, e comenta, que o repórter deveria estar com elas.

Na segunda linha, Carolina conta que Durval de Souza anunciou sua presença no evento e o senhor Leporace enalteceu-a antes de entrar no palco, ou seja, falou bem dela. Na tradução, é utilizado “put makeup on me”, dando a entender que o senhor maquiou a autora. No terceiro exemplo, temos a conjunção “e” juntando as duas frases, Carolina viu um fotógrafo – inclusive utilizou artigo indefinido masculino – e uma senhora muito bonita. Em inglês, as frases aparecem juntas e entendemos que o fotógrafo e a mulher são a mesma pessoa: “vi a fotógrafa, uma mulher muito bonita”.

No seguinte exemplo, temos uma expressão irônica sendo empregada em português: “mas que amiga...” provavelmente porque a pessoa, na verdade, não era amiga de verdade ou falou mal da outra. Na tradução, é utilizado “more than a friend”, mais que uma amiga, alterando o sentido da sentença, uma vez que, em inglês, essa expressão pode ter cunho sexual: “este é um termo geralmente usado para denotar amigos que também são amantes”⁸⁷.

Na quinta linha, em português, temos a menção do DDP, um órgão do governo que controla as festividades. Carolina menciona que eles chegaram ao local para impedir que o evento acontecesse, inclusive comentando que poderiam levar as pessoas presas. Esse órgão pode ter relação com o que foi o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), criado em 1945, na Era Vargas. Esse órgão do governo chegou a atuar censurando eventos de diversões públicas no Brasil na época da ditadura⁸⁸. Na tradução, como foi utilizado “keep the place calm”, ou seja, manter o ambiente calmo, houve uma atenuação do motivo pelo qual os agentes estavam ali.

Na sexta linha, Carolina fala que deu 500 cruzeiros ao eletricitista, mas, como ele não tinha troco, ela pediu para o jornalista pagar, inferimos então que ela pegou o dinheiro de volta. Em inglês, os tradutores acrescentam uma frase, dando a entender

⁸⁷ this is a term usually used to denote friends who are also lovers. Fonte: <<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=More%20than%20friends>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

⁸⁸ Fonte: <<http://querepublicaessa.an.gov.br/component/content/article.html?id=131>>. Acesso em: 16 jan. de 2022.

que o eletricitista ficou com os 500 cruzeiros, “he kept it”, mas, mesmo assim, o jornalista pagou por Carolina. No oitavo exemplo, a autora fala que irá comentar sua opinião sobre a vida conjugal; já na tradução, o sentido muda: Levine e Arrington Jr. traduzem “É por isso que eu não tenho um bom pressentimento sobre o casamento”.

No último exemplo do quadro 48, Carolina comenta sobre Luiz Carlos Rocha, dizendo que ele é um homem que passou por diversos problemas e, por isso, ela tenta ser agradável para que ele não pense que é uma pessoa inútil. Em inglês, “não criar complexo” é traduzido como “because he doesn’t act as if he is incapacitated”. Novamente há uma alteração de sentido, dando a entender que o personagem não age como se fosse incapacitado.

Quadro 49: Acréscimos sem motivação aparente em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Então o porco já foi homem? — Não sei (JESUS, 1976, p. 159).	— Then the pig was a man? — I don't know! <u>Stupid boy!</u> (JESUS, 2003, p. 152).
A Aparecida veio dizer que o João mandou ela tomar no ... (JESUS, 1976, p. 169).	Aparecida came to tell me that my boy João told her to shove it up her ass (JESUS, 2003, p. 161).
Disse que ela e José Carlos tinham ido pedir esmola. Ele estava com saco nas costas. Eu vinha na frente e dizia que ele deveria era fazer lições. Eu precisava ir na cidade (JESUS, 1976, p. 82).	She said that she and José Carlos had gone out begging. He had one of my sacks on his back. I walked ahead of them so they wouldn't see my smile but told him she should be studying his lessons. I had to go into the city (JESUS, 2003, p. 76).

Fonte: Própria (2022), grifo nosso.

No quadro 49, é possível observar interferências do tradutor de *Quarto de Despejo* no texto traduzido por meio de acréscimos. No primeiro exemplo, o tradutor aumenta uma fala no discurso dito por Carolina, chamando seu filho de “garoto estúpido”. Esse acréscimo, além de mudar as características dos personagens, implica uma agressividade que não existe no original.

No segundo exemplo, em inglês, há a explicitação das palavras ocultadas pelas reticências usadas no original. Já na terceira linha, St. Clair acrescentou a frase “so they wouldn’t see my smile”, trazendo uma ideia inexistente de que Carolina estaria feliz por ver os filhos pedindo esmola, situação que não está presente no texto em português.

Quadro 50: Omissões em *Quarto de Despejo*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>[...] O que eu posso esperar do futuro? <u>Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.</u></p> <p><u>17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, pra que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?</u> (JESUS, 1976, p. 31).</p>	<p>[...] What can I hope for the future? I wonder if the poor of other countries suffer like the poor of Brazil (JESUS, 2003, p. 25).</p>
<p><u>Tão feio e tem duas mulheres. Ambas vivem juntas no mesmo barraco.</u> Quando ele veio residir na favela veio demonstrando valentia (JESUS, 1976, p. 47).</p>	<p>He's so ugly yet he's got two women. when he came to leave in the favela he started showing off (JESUS, 2003, p. 41).</p>
<p>No outro dia não encontrou as roupas. <u>A dona Sebastiana disse para dona Isaltina que a ladra era a Leila. A dona Isaltina foi chamar a rádio patrulha</u> (JESUS, 1976, p. 57).</p>	<p>Next day she didn't find them. Dona Sebastiana called the radio patrol (JESUS, 2003, p. 51).</p>
<p>Percebi que o senhor Zuza com a festa que fez para o povo em vez de atrair amigos atraiu inimigos. <u>Eis o que estava escrito no jornal do dia 26 de junho de 1958</u> <u>Zuza pai de santo em cana</u> <u>Zuza está em cana desde ontem, pois ele, que se chama na realidade José Onofre, e tem uma aparência realmente imponente, mantinha para lucros extraordinários uma tenda de umbanda no Bom Retiro. A tenda Pae Miguel xangô. É também diretor de uma indústria de cadeiras suspeita de irregularidades na Delegacia de Costumes. Zuza (foto), foi autuado em flagrante.</u> Eu disse ao zuza que ele ia sair no jornal (JESUS, 1976, p. 73).</p>	<p>I sensed that senhor Zuza with that party he gave for the people in place of gaining friends he gained enemies. I told Zuza said that he would come out in the papers! (JESUS, 1976, p. 67).</p>
<p>— Mamãe, o meu pai não presta!</p> <p><u>10 de maio. Eu não dormir porque o visinho tocou o rádio toda a noite. E a L. fez um fuá dos diabos. Ela estava dormindo com o Valdemar quando o Arnaldo chegou. Era 2 horas. O Arnaldo dizia:</u> <u>— Vai embora, Valdemar! A negra é minha!</u> <u>O Valdemar respondia:</u> <u>— A negra é nossa! Eu chequei primeiro.</u></p>	<p>“Mama, my father is worthless!”</p> <p>May 10 I went to Dona Julita and she gave me coffee and rice (JESUS, 2003, p. 154).</p>

12 de maio... Eu fui na Dona Julita e ela deu-me café e arroz (JESUS, 1976, p. 161-162).	
--	--

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 50, assinalamos os exemplos de omissão presentes na tradução de *Quarto de Despejo*, o que não ocorre em *Casa de Alvenaria*. Observamos que existem diferentes tipos de apagamento em inglês, desde frases até dias inteiros. Essas omissões impactam na compreensão da obra, posto que retiram conteúdos importantes.

4.3. REFLEXÕES COMPARADAS

Neste item, abordaremos as análises dos excertos por meio dos pressupostos teóricos discutidos no terceiro capítulo. Podemos entender o polissistema como uma rede de sistemas. As obras *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, por intermédio de suas traduções, foram inseridas no polissistema norte-americano. A recepção, em especial do primeiro livro, foi bem grande em se tratando de um livro traduzido, que então ocuparia a “periferia” nesse sistema literário. Observamos que as notas de rodapé, mais amplamente utilizadas no primeiro livro, foram elementos que mostram essa ligação do polissistema da cultura de origem com o polissistema da cultura de chegada.

Destacamos também o fato dos títulos de *Casa de Alvenaria* serem derivados de *Quarto de Despejo*, o que aponta para uma característica de retroalimentação do polissistema literário. A utilização de uma tradução feita anteriormente demonstra que o sistema está utilizando de suas próprias referências. Dentro de *Casa de Alvenaria*, vemos, ainda, referências à obra anterior tanto com o título original quanto com a tradução.

Com relação à tradução literária, foi possível observar diversos procedimentos utilizados pelos tradutores de ambas as obras, com destaque para o elevado uso de traduções literais e palavra por palavra. Nos excertos referentes à cultura negra, por exemplo, observamos a tradução literal do termo “pretinho” usado pela autora, que em inglês ficou “little Black boy”. Entretanto, como vimos na análise feita, encontramos

muitos erros nas traduções, categoria que não é contemplada por nenhum dos autores que classificam os procedimentos tradutórios.

No que concerne aos pressupostos teóricos de Schleiermacher (2007 [1813]) e Venuti (2008 [1995]), principalmente com relação aos conceitos de estrangeirização e domesticação, conseguimos observar diversos exemplos nas obras analisadas. Para explicar determinadas palavras, os tradutores, algumas vezes, tiveram posturas diferentes. St. Clair tem como prioridade a estrangeirização e se utiliza, quando ele considera necessário, das notas de rodapé para explicar as palavras deixadas em português no texto. Muitas palavras permaneceram no idioma original, como “senhor”, “senhora” e “dona”, além de topônimos, termos que indicam o lugar de origem dos personagens e comidas e bebidas. Já Levine e Arrington Jr. traduzem o tanto quanto possível, preferindo a domesticação. Somente quando aparecem termos específicos da cultura brasileira que os tradutores os mantêm e explicam por nota de tradução ou colchetes. Sobre isso, é relevante ressaltar que o estilo dos tradutores de *Casa de Alvenaria* inclui o uso dos colchetes inseridos no corpo do texto, o que acaba por quebrar a fluência. Assim, podemos observar que nem toda quebra de fluência garante um perfil tradutório estrangeirizador. O processo da tradução não é dicotômico, visto que encontramos recurso de estrangeirização em uma tradução domesticante.

Destacamos, ademais, o uso de notas de tradução utilizadas com bastante frequência em *I'm going to have a little house*. Como exemplo, temos um comentário sobre a moeda da época e sua comparação com o dólar. É possível notar que os tradutores não só compararam a moeda, mas também explicaram o valor dela dentro do contexto brasileiro:

Carolina costuma dizer quanto custam as coisas. Hoje, as coisas custariam cerca de cinco vezes mais: 1.000 cruzeiros (Cr\$ 1.000) valia cerca de \$5,30 em moeda americana em 1960, o equivalente a \$26,50 em dólares de 1996. A inflação afetou o valor do cruzeiro em 65% de 1960 a 1961. Muitas das quantias mencionadas por Carolina podem parecer minúsculas para nós hoje: Cr\$ 200 (\$ 1,00) para uma corrida de táxi; Cr\$ 12 (\$ 0,06) para pão; Cr\$ 510 (\$ 2,70) por uma perna de porco; Cr\$ 10 (menos de \$ 0,01) para um jornal, Cr\$ 50.000 (\$ 265) para um empréstimo para abrir uma oficina; Cr\$ 400.000 (\$ 1.272) para pagar a hipoteca de uma casa. Em 1960, no entanto, o salário mínimo mensal oficial era o equivalente a US\$ 216, mas poucos assalariados da classe baixa realmente recebiam esse valor. Antes de publicar seu diário, Carolina raramente ganhava mais de um dólar por dia.⁸⁹

⁸⁹ Carolina frequently tells how much things cost. Today, things would cost about five times as much: 1,000 cruzeiros (Cr\$1,000) was worth about \$5.30 in U.S. currency in 1960, the equivalent of \$26.50 in 1996 dollars. Inflation eroded the value of the cruzeiro by 65 percent from 1960 to 1961. Many of the sums mentioned by Carolina may seem tiny to us today: Cr\$200 (\$1.00) for a cab fare; Cr\$12 (\$0.06)

Observamos também o extenso uso de marcadores culturais, como era o esperado para um diário escrito dentro de uma favela brasileira. Foi possível notar comidas, bebidas, danças, músicas e aspectos da cultura negra que são singulares da nossa cultura e que precisaram, de alguma forma, serem passados para a língua inglesa via tradução ou explicação. Tais marcadores demonstram também o nível de conhecimento de cada tradutor sobre a cultura brasileira, já que foi possível observar, por exemplo, erros cometidos na explicação de bebidas e comidas nacionais.

Apresentaremos, a seguir, as considerações finais do trabalho, ressaltando o cumprimento dos objetivos propostos e as conclusões, mostrando também a contribuição desta pesquisa para a área dos estudos da tradução.

for bread; Cr\$510 (\$2.70) for a leg of pork; Cr\$10 (less than \$0.01) for a newspaper, Cr\$50.000 (\$265) for a loan to open a workshop; Cr\$400,000 (\$1.272) to pay off the mortgage on a house. In 1960, however, the official monthly minimum wage was the equivalent of \$216, but few wage earners in the lower class actually made this amount. Before she had her diary published, Carolina rarely earned more than a dollar a day (tradução nossa).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras aqui estudadas apresentam grande relevância para a literatura brasileira, bem como grande influência na construção da imagem do nosso país feita no exterior. Foi possível constatar como o diferente perfil tradutório dos tradutores de cada obra influenciou em suas escolhas tradutórias.

A fim de cumprir os objetos propostos, no segundo capítulo, apresentamos a biografia da autora, caracterizamos ambos os livros aqui selecionados e sua recepção pelo público. Ademais, discutimos sobre a obra da autora em outros idiomas, focando nas duas traduções para a língua inglesa e seus respectivos tradutores.

No terceiro capítulo, abordamos o aporte teórico baseado nas teorias dos Estudos da Tradução com a Teoria dos Polissistemas, as noções de tradução literária, os conceitos de domesticação e estrangeirização, além dos marcadores culturais.

No quarto capítulo, realizamos uma análise comparativa de trechos das obras originais em língua portuguesa e de suas respectivas traduções, seguindo a proposta deste trabalho. As categorias escolhidas foram: título da primeira obra publicada, oralidade e ortografia, questões linguísticas, pronomes, nomes próprios, toponímias, bebidas e comidas, correspondências, personagens públicos, notas de rodapé, escolhas lexicais, cultura negra, erros, acréscimos e omissões. Discutimos, também, a relação entre os aportes teóricos e os excertos representativos selecionados para análise.

Durante a análise, foi possível observar que David St. Clair, em *Child of the Dark*, utilizou posturas tradutórias diferentes de Robert M Levine e Melvin S. Arrington Jr., em *I'm going to have a little house*, mesmo em situações com o mesmo vocábulo ou sentença. Entretanto, em outras categorias, como Coloquialismo e Norma Culta, ambos os tradutores optaram por não manter a variação linguística e os desvios da norma padrão feitos pela autora.

Constatamos que, na primeira obra, em inglês, houve muito mais inserções e omissões no corpo do texto, além de muitas modificações baseadas em opiniões pessoais do tradutor. Já na segunda obra, os tradutores se preocuparam em manter ao máximo a proximidade com o texto original, além de inserirem o leitor no processo tradutório, com as notas de tradução, explicando elementos da cultura brasileira que não puderam ser passados para o inglês.

Com relação aos erros, as duas obras apresentam passagens com desvio do sentido original, apesar da tradução de *Casa de Alvenaria* conter menos problemas do que *Child of the Dark*. Foi possível concluir que o perfil tradutório influenciou na qualidade das traduções, visto que os tradutores do segundo livro já tinham mais contato com a cultura brasileira e com a vida da autora. Além disso, os diferentes objetivos de cada tradução afetaram a forma como foram produzidas. *Quarto de Despejo* teve como finalidade a inserção da obra em língua inglesa para ser comercializada, já *Casa de Alvenaria* surgiu como uma pesquisa e interesse histórico por parte dos pesquisadores.

Entretanto, o fato de nenhum dos tradutores ser formado em tradução deixa claro alguns aspectos, como a falta de um projeto tradutório, a criação de glossários para a padronização de termos e a manutenção do mesmo perfil tradutório, escolhendo uma postura e a mantendo durante o processo, podendo acarretar uma interpretação equivocada por parte dos leitores. Esse fator é amplificado pela verificação feita de que pelo menos uma tradução internacional foi feita a partir de *Child of the Dark*.

Por conseguinte, o presente trabalho buscou ratificar o papel do tradutor como intermediador de culturas, mostrando a importância da consciência crítica no que diz respeito aos impactos culturais e linguísticos de suas escolhas tradutórias.

Cabe ressaltar que não existe um número expressivo de trabalhos publicados que analisem as obras de Carolina Maria de Jesus enquanto literatura de projeção internacional. Em vista disso, este trabalho contribui para os estudos realizados, abordando os pressupostos teóricos da tradução a partir da análise das obras brasileiras e de suas traduções para o inglês. Ainda, muitos outros estudos também podem ser desenvolvidos com relação à tradução das obras da Carolina de Jesus para outros idiomas, as diferenças dos perfis dos tradutores selecionados para cada obra e a projeção internacional da autora em polissistemas estrangeiros.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo: DLO/FFLCH/USP, v. 5, p. 23-36, 2006.

BAHIA, Luísa Arantes. **Traduzindo Culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo**. 2020. 79 f. TCC - Curso de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

BARBOSA, Heloisa G., **Procedimentos Técnicos da Tradução**. Uma nova proposta. Campinas SP: Pontes Editores, 1990.

BARCELLOS, Sergio da Silva. **Vida por escrito - Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus**. <<https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina>> Acesso 4 abr. 2019.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

CAPELETT, Patrícia. **Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Sociedade (Stricto Senso) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2016.

CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Paraná, v. 7, n. 1, 2016.

CATFORD, J. C. **A linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. Londres: Oxford University Press, 1965.

DANTAS, Audálio. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 2ª. ed. São Paulo: Edibolso, 1960.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000. p. 192-197.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. **Poetics Today**, vol. 1, no. 1/2, Duke University Press, Porter Institute for Poetics and Semiotics. p. 287–310, 1979.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. **Revista Translatio** 4, [S. l.], p. 2-21, 23 ago. 2013.

FARIAS, T. **Carolina uma biografia**. Rio de Janeiro: malê, 2017.

HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett L. Linguagem. In: _____. **Antropologia Cultural e Social**. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006 [1976].

HOLMES, James. The Name and Nature of Translation Studies [1972]. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita/ Carolina Maria de Jesus**. 3 ed. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Child of the Dark – The Diary of Carolina Maria de Jesus**. Tradução David St. Clair. Nova York: Signet Classics, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. 2. ed. São Paulo: Edibolso, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. **I'm going to have a little house: The Second Diary of Carolina Maria de Jesus**. Tradução Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997. 181 p. v. 4.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961. 183 p.

JESUS, Carolina Maria de. Minha vida. Prólogo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2. ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015. p. 198-219.

LEVINE, Robert M. Afterword: "a fish out of water". In: JESUS, Carolina Maria de. **I'm going to have a little house: The Second Diary of Carolina Maria de Jesus**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997. v. 4, p. 151-175.

LEVINE, Robert M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. **Latin American Research Review**, v. 29, n. 1, 1994, p. 55–83.

MARTINS, Helder. A crítica da tradução literária. **Caderno de Traduções**, v. 1, n. 4, p. 40-55, 1 jan. 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2. ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015. 280 p.

NIDA, E. A. **Toward a Science of Translating**, with special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NIDA, E. **Language, culture and translating**. Shang-hai: Foreign Language Press. 1993

NEWMARK, P. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. Londres: Prentice Hall, 1988.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. 340 p.

PINHEIRO DE SOUZA, José. Teorias da Tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**. v. 1/2, n. 20, p. 51-67, jan/dez 1998.

PYM, Anthony. Translation error analysis and the interface with language teaching. **The Teaching of Translation**, Ed. Cay Dollerup & Anne Loddegaard, Amsterdam: John Benjamins, 1992, 279-288.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Trad. Celso Braida. **Princípios**. Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007 [1813].

SHKLOVSKIJ, Viktor. **Rozanov**. Petrograd. 1921.

SHKLOVSKIJ, Viktor. **Literatura i kinematograf**. Berlin. 1923.

VÁZQUEZ AYORA, G. **Introducción a la traductología**. Georgetown University Press, 1977.

VINAY, J. P. & DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris: Didier, 1958.

ing black bands for police-violence victims turned out to demonstrate. They found cops waiting, shouted, "Killers!" Police opened fire. A 19-year-old university law student and two other demonstrators fell dying. That night the knifed corpse of a cop was found with the word *Revenge* painted across the chest.

Although Salvadoran supporters of Cuba's Fidel Castro were feeding the ferment, Lemus did not have to look beyond his borders for its cause. El Salvador, Latin America's tiniest country, has its second densest population (305 per sq. mi.). The average agricultural wage is 60¢ a day, and 20,000 are unemployed in the capital alone. As much as any other country in the hemisphere, El Salvador is in need of the social reforms proposed by the U.S. to the inter-American development conference in Bogotá a fortnight ago.



Manchete

CAROLINA MARIA DE JESUS
Rats in the wrapper, cats at the cage.

BRAZIL

Life in the Garbage Room

Carolina Maria de Jesus, a tall Negro woman with three illegitimate children, each by a different man, lived in a teeming *favela* (slum) in São Paulo. At dawn she queued up for water at a public spigot, an empty oil can on her head. To buy bread and rice, she scavenged scrap paper, selling it to a junkman and getting as much as 30¢ "on good days." But Carolina's nights, in recent years, were quite untainted by the brawling and raw sex that surrounded her. By kerosene lamp in her 4-ft. by 12-ft. shack, she wrote down the vivid details of slum life, filling 26 notebooks gleaned from trash piles. To her neighbors, this seemed putting on airs. While Carolina was out tramping streets, one slattern would regularly empty her chamber pot into Carolina's window.

One day 2½ years ago, when a play-

ground was being inaugurated, *favela* adults chased children off the new teeter-totters and seasawed up and down themselves. "This is the kind of animal I have to live with," Carolina whispered bitterly to a friend. "I'll put them in my diary so they will not be forgotten." Audálio Dantas, a reporter for *Folhas de São Paulo*, who was covering the inauguration, overheard, asked: "What diary?"

Last week Carolina's diaries, compiled by Reporter Dantas into a 182-page book called *Quarto de Despejo* (*Garbage Room*), her epithet for the *favela*, broke over Brazil as its biggest literary bombshell. The first 10,000 copies were sold in a week—a record. Rolling off presses were 20,000 more, and a 50,000-copy* third edition is planned. Carolina appeared on TV. Earning \$60 a day in royalties, she no longer hunts streets for paper.

Fetid Mysteries. To middle-class residents of Rio and São Paulo, the fetid *favelas* are cities apart, mysteriously alive but best not entered. In her book, Carolina tells them what life there is like. She recalls that for her daughter Vera Eunice's birthday, she dug a pair of shoes out of the garbage. "I washed them and gave them to her." Of the death of a two-month-old boy in the *favela*, Carolina notes: "If he had lived he would have gone hungry." She says, "How horrible it is to see your children eat and then ask, 'Is there more?'"

To Carolina, President Juscelino Kubitschek is a "wise man living in a golden cage." She warns, "Be careful, wise man. We of the *favelas* are the cats. And we are hungry." One time a *favela* woman knocked on a rich woman's door. Carolina recalls, "The *senhora* of the house told her to wait. Soon she returned with a wrapped package." The beggar woman carried the bundle back to her hovel and eagerly opened it. Inside were two dead rats.

Unashamed at her own unwed state (she lost seven jobs as a maid because she "used to slip out of the house at night and make love"), Carolina is scornful of men. "Today is Father's Day," she wrote. "What a ridiculous day!"

"You Black Whore!" Upon the success of her book Carolina moved out of the *favela*. Ordering a truck, she loaded up her children, table, two cots, mattresses, bookshelf and six cooking pots. Neighbors surrounded the truck. A man yelled, "You think you are high-class now, you black whore! You write about us and make lots of money, and then leave without sharing it." A drunken woman hurled a rock that gashed one of Carolina's two sons. Rocks struck Daughter Vera Eunice. As curses and the hail of stones grew, Carolina pounded on the hood, leaped aboard, and the driver roared through the mob. The *favela*-dwellers gave chase, brandishing clubs and rotten vegetables until the truck neared a police station. Then they fell away, and headed home.

* These 80,000 copies equalled the 80,000 copies of U.S. bestseller *Lolita* printed in its first month two years ago.

**This Autumn
or Winter
the dazzling
Sunlane
awaits you!**

Where you can really relax and enjoy life outdoors ★ more time ashore ★ more ports for your added enjoyment ★ every voyage a convivial cruise.

Regular sailings from
**ITALY - SPAIN - FRANCE
- ISRAEL - GREECE**

Wherever you are, it's only a few hours travel to the nearest embarkation port.

NOW roundtrip
10% reduction thrift
season also
if one way
BY AIR



CONSTITUTION



INDEPENDENCE



ATLANTIC

Consult your Travel Agent or

**AMERICAN
EXPORT LINES**

OFFICES AND AGENTS
IN ALL PRINCIPAL CITIES